

Pesquisa arqueológica sobre a ocupação holandesa na bacia do rio Manguaba, municípios de Porto de Pedras e Porto Calvo, Estado de Alagoas

Diagnóstico e Avaliação do Potencial arqueológico da área
Da Cartografia à Materialidade

Marcos Albuquerque
Veleda Lucena
Doris Walmsley



Consórcio CBM-FIDENS-HAP-CONVAP

Pesquisa arqueológica sobre a ocupação holandesa na bacia do rio Manguaba, municípios de Porto de Pedras e Porto Calvo, Estado de Alagoas

Relatório Final

Diagnóstico e Avaliação do Potencial arqueológico da área

Encaminhado à Superintendência do IPHAN em Alagoas

Marcos Albuquerque.

Coordenador do Projeto

SAB: Nº 012

Veleda Lucena.

Arqueóloga.

SAB: Nº 237

Doris Walmsley



Setembro, 2014

Nº Processo: 01403.000525/2012-17

Projeto de Pesquisa arqueológica sobre a ocupação holandesa na bacia do rio Manguaba, municípios de Porto de Pedras e Porto Calvo, Estado de Alagoas

Instituição Executora: Arqueolog Pesquisas

Arqueólogo Coordenador: **Marcos** Antônio Gomes de Mattos de **Albuquerque**

Arqueóloga responsável: Veleda Lucena

Área de Abrangência: Área dos municípios de Porto de Pedras e Porto Calvo, Estado de Alagoas.

Apoio Institucional: Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco

Sumário

Sumário

Sumário.....	5
Apresentação.....	7
Introdução	9
Objetivos do Programa	13
Área de Abrangência.....	15
Metodologia.....	17
Desenvolvimento da Pesquisa	25
Abordagem histórica documental	25
Abordagem Cartográfica.....	37
Abordagem de Campo	43
Resultados Obtidos	9T

Apresentação

Este Estudo integra um dos compromissos assumidos pelo CONSÓRCIO CBM-FIDENS-HAP-CONVAP com o IPHAN, através de sua Superintendência em Alagoas, decorrente do TAC concernente ao Processo nº 01403.000041/2011-97.

Este estudo, no âmbito do patrimônio arqueológico, visa a localização e identificação preliminar de sítios arqueológicos relacionados à ocupação holandesa, eventualmente existentes nas margens do Rio Manguaba e limites próximos.

Tendo em vista os resultados obtidos no ***Levantamento Histórico-Arqueológico da zona urbana de Porto de Pedras/AL*** um projeto de pesquisa de iniciativa da Superintendência Regional do IPHAN/Alagoas, ficou evidente o potencial arqueológico disponível em Porto de Pedras e seus arredores. Toda área circunjacente foi considerada como potencialmente capaz de guardar remanescentes arqueológicos relacionados à ocupação holandesa.

Este Programa de Prospecção Arqueológica visou a execução de estudos nas margens e limites próximos do trecho navegável do Rio Manguaba - entre sua foz no Município de Porto de Pedras e o início de seu trecho navegável, no Município de Porto Calvo, no Estado de Alagoas, com vistas a localização de sítios arqueológicos, mormente aqueles relacionados à ocupação holandesa na bacia do Rio Manguaba.

O estudo visou o atendimento às exigências contidas no Projeto Básico elaborado pelo IPHAN.

Deste modo, estão incluídos neste estudo:

- Caracterização arqueológica da área de abrangência, com ênfase no arrolamento dos bens legalmente protegidos pela União, por intermédio do IPHAN, e daqueles protegidos pelo Estado de Alagoas, e ainda aqueles de interesse dos órgãos municipais de cultura e/ou educação, encarregados da proteção de bens culturais.
- Diagnóstico dos bens arqueológicos existentes na área de abrangência, buscado através de:
 - Dados secundários, com base na produção acadêmica referente à arqueologia na área de influência;

- Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico da área de abrangência estabelecida
 - o Descrição e documentação do levantamento visual de superfície na área de Abrangência.
 - o Prospeção de subsuperfície nas áreas de maior potencial arqueológico ao longo das margens do Manguaba.

Este Projeto representa um levantamento expedito, com base em uma prospecção intensiva, com amostragem de superfície e de subsuperfície, concentrando esforços no intuito de identificar sítios arqueológicos existentes na área, em particular aqueles relacionados à ocupação holandesa.

Introdução

Quando em 2008/09 foi realizado o ***Levantamento Histórico-Arqueológico da zona urbana de Porto de Pedras/AL***, um projeto de pesquisa de iniciativa da Superintendência Regional do IPHAN/Alagoas, ficou evidente o potencial arqueológico disponível em Porto de Pedras e seus arredores. Potencial praticamente desconhecido, sobretudo do ponto de vista material. Potencial que não remete apenas a história local e a episódios esporádicos, mas sim a história nacional e ainda à herança comum entre vários países, dos quais se destaca Portugal, Brasil, Espanha e Holanda. O estudo arqueológico desta região imiscuído com um programa de educação patrimonial muito contribuirá para a consolidação da cidadania. Permitirá um maior entendimento desta sociedade que teve praticamente toda a linha do tempo preenchida com fatos e episódios relacionados com a História Nacional, desde a sua pré-história até os dias atuais. Naquela ocasião os pesquisadores envolvidos, cientes dos riscos a que estão submetidos os sítios arqueológicos, mormente os não manifestos, da faixa litorânea e adjacências, manifestaram a *“esperança de que um Programa de Pesquisa Arqueológica venha a ocorrer antes de um novo combate, o da especulação imobiliária desenfreada que ocorre especialmente no nordeste cálido deste País. Programa que não apenas resgate informações curiosas, mas que sobretudo contribua para a autoestima de seu povo, pois uma sociedade que não conhece seu passado não tem perspectiva de futuro.”*

Saliente-se ainda um estudo realizado pelo NEPA/UFAL, sob coordenação do Prof. Dr. Scott Allen e financiamento do IPHAN/AL e que teve como foco principal a identificação dos antigos engenhos de açúcar. A pesquisa *Rota da Escravidão/Rota da Liberdade: etapa 1*, que identificou alguns sítios arqueológicos e locais de interesse arqueológico nos municípios de Porto Calvo e Porto de Pedras, segundo informação do IPHAN/AL.

Este novo Programa, ainda de iniciativa da Superintendência Regional do IPHAN/Alagoas, buscou, com base nos resultados anteriormente alcançados, concentrar esforços no entorno do Rio Manguaba que estabelece a conexão entre os dois polos de maior projeção naquele trecho do litoral de Alagoas: Porto de Pedras e Porto Calvo.

Como grande parte dos rios do Nordeste, que correm no sentido oeste/leste, o rio Manguaba¹ é de pequeno curso. Em seu baixo curso, um rio de águas mansas, meandrante, atravessando as terras baixas formadas pelos recortes da erosão dos tabuleiros costeiros. Sofrendo a influência das marés, parte de seu curso reflete na salinidade de suas águas e quanto as águas do mar chegam a ocupar seu leito. O mesmo reflexo é marcado pela vegetação instalada em suas margens. O manguezal acompanha as margens do Manguaba por vários quilômetros, permitindo que a fauna estuarina permeei as terras mais afastadas do litoral através dos riachos que drenam os terraços e deságuam no Manguaba.

Na área estuarina o Manguaba contribui com seus sedimentos para a engorda das praias mais ao norte, como é o caso da ponta de Japaratinga. Mas é nos recortes que faz no terreno, com seu curso sinuoso que o Manguaba forma um grande largo, ao abrigo das ondas. A despeito do assoreamento atual o remanso que ali se forma é certamente uma área segura para fundear embarcações. De resto, a área de Porto de Pedras ou Porto das Pedras, como é referida na documentação histórica, constitui um porto abrigado, com pelo menos duas barras maiores e outras de menor amplitude. Barras que permitiram o intenso movimento de barcas e navios que vinham para carregar com o açúcar produzido nos engenhos da *Alagoas Borealis*.

Para Porto Calvo, um povoado, depois vila, convergia grande parte do açúcar produzido na região. Convergência que se reflete nos numerosos caminhos já registrados na iconografia holandesa da primeira metade do século XVII.

¹ O principal do Município (Porto Calvo), e que o rega de N. O. e S. E., fertilizando o abençoado vale do seu nome, é inquestionavelmente o Manguába, que deve sua vertente às frescuras da serra do Lino, á pouca distancia dos sítios denominados - Capoeira do Rei, em baixo e perto da referida serra, engrossado por numerosos affluentes, dos quaes dous de força: e depois de 110 kil. de percurso se lança no Oceano formando a barra de Porto de Pedras, villa que lhe fica á margem direita da fóz, tendo deixado 42 kil. acima, na esquerda, a de Porto Calvo, séde do municipio, e 36 kil. além, na mesma margem, a Povoação do Jundiá, a meio caminho para a Leopoldina. Da Villa do Porto Calvo até a fóz corre navegavel e navegado, influenciado pelas marés, um grande numero de barcas, lanchas e canôas o sulcam, tendo sido outrora frequentado por embarcações de maior calado. Em suas margens estão presentemente montados 14 engenhos de assucar, a saber - Onças, Costa, Promontorio, Tipy, Gloria das Virgens (Pacavira), S. Caetano (Duas Bocas), Primavera, Conceição, E. Novo, S. Joaquim (Ilha), S. Thomé (Estaleiro), Porto Alegre (Apara), Crasto e Bateria. Memoria descriptiva do Municipio de Porto Calvo segtmdo o questionario do Exm" Bibliothecario da Bibliotheca Nacional da Côrte. Organizada pelo Bel. Olympio Eusebio de Arroeias Galvão, por incumbencia da Camara Municipal da referida Villa.. Abril de 1881.

An. Bibl. Nac., Rio de Janeiro : 111:133-273,1991.p.156

Nas proximidades de Porto Calvo tinha início o trecho navegável do Manguaba. E o rio servia de estrada maior por onde circulavam as caixas de açúcar em demanda da Europa. Seguiam em barcas até Porto das Pedras e daí para os portos maiores onde se concentrava o açúcar a ser embarcado. Com o açúcar, certamente circularam também outros artigos de comércio.

Considerando a busca pela preservação do patrimônio arqueológico eventualmente existente na área, o Programa apresentado abrange dois Projetos:

- O primeiro Projeto proposto previu prospecções intensivas com amostragem de subsuperfície, nos compartimentos de maior potencial arqueológico, com vistas à ocupação holandesa na área; e o resgate de tais evidências de modo a garantir a preservação das informações quanto ao povoamento e aos antigos habitantes locais.
- O segundo o Projeto de Educação Patrimonial enfocou particularmente a população de Porto de Pedras e de Porto Calvo, haja vista que a área rural praticamente não é habitada.

À medida que as prospecções evidenciaram o potencial para a presença de sítios arqueológicos, foi realizada uma avaliação quanto à necessidade de realizarem-se escavações detalhadas.

Objetivos do Programa

Tendo em vista a continuidade ocupacional da área, bem como sua extensão espacial, demonstradas na pesquisa anterior, este programa de pesquisa privilegiou inicialmente a localização e identificação de sítios arqueológicos relacionados à ocupação holandesa, eventualmente existentes nas margens do Rio Manguaba e limites próximos, abrangendo dois grandes blocos de interesse: os sítios de assentamento, propriamente ditos, e as estradas ou caminhos de acesso.

O objetivo central do Programa foi o de estimar a quantidade de sítios arqueológicos relacionados à ocupação holandesa existentes nas margens do rio e áreas adjacentes bem como a extensão, profundidade, diversidade cultural e grau de preservação nos depósitos arqueológicos, com vistas ao detalhamento de um eventual Programa de Salvamento, a ser recomendado.

Objetivos Gerais

O estudo desenvolvido buscou propiciar as bases que fundamentassem, em critérios precisos de significância científica, a seleção dos sítios arqueológicos ameaçados a serem objeto de estudo em detalhe, em detrimento de outros. O resultado final esperado é um Diagnóstico do potencial arqueológico da área.

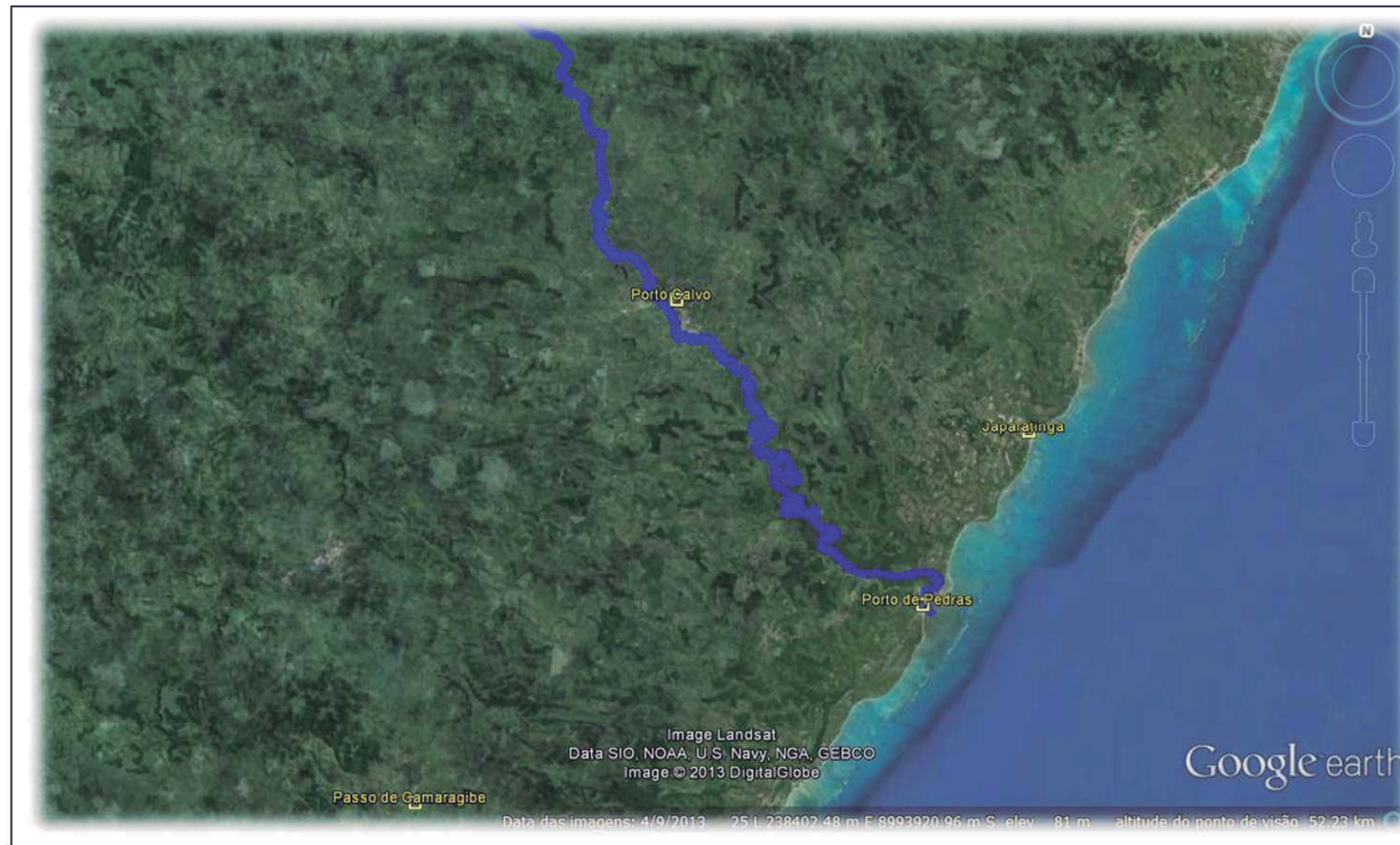
Objetivos Específicos

Nesta fase, os estudos desenvolvidos buscaram efetuar prospecções intensivas no conjunto da área de abrangência do Programa. Apesar da diversidade de compartimentos ambientais, que pudessem vir a representar maior ou menor potencial arqueológico, a área foi tratada em seu todo.

Os objetivos específicos desta fase foram de estimar a quantidade de sítios arqueológicos existentes nas áreas que possam vir a ser afetados direta ou indiretamente por empreendimentos futuros e a extensão dos depósitos arqueológicos para fins de uma eventual proposição de estudos subsequentes, e quiçá, em seu lugar, aposto um marco referencial com a devida informação de que seu significado.

Área de Abrangência

De acordo com o que foi definido no Projeto Básico formulado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, através da Superintendência em Alagoas, que detalha os procedimentos para a execução deste estudo arqueológico, a área de abrangência corresponde às margens e limites próximos do trecho navegável do Rio Manguaba – entre sua foz no município de Porto de Pedras e o início de seu trecho navegável, no município de Porto Calvo.



Metodologia

A Pesquisa Arqueológica foi desenvolvida com base na metodologia de “multi-estágios”, o que significa que os resultados obtidos em cada etapa do programa determinam os passos a serem tomados no estágio subsequente.

Assim, o corte metodológico utilizado nesta pesquisa utilizou como ponto de partida as referências históricas coligidas, que sugeriram possíveis pontos de interesse arqueológico.

Por outro lado, o enfoque principal da pesquisa se voltou às questões relacionadas a ocupação holandesa. Deste modo, o corte metodológico utilizado, no que se refere a questão temporal, abrange o período entre 1630 e 1654 espaço de tempo em que se deu a ocupação holandesa no Brasil, em particular nas Capitanias açucareiras do Nordeste.

Neste tipo de estudo, quando se enfoca uma área pouco conhecida do ponto de vista arqueológico e se busca restringir a abordagem a um determinado período de tempo específico, as buscas em campo foram orientadas com base nos informes históricos do período considerado.

Na realidade, este projeto corresponde a uma etapa de pesquisa arqueológica sobre uma área, na qual se busca estabelecer inicialmente um panorama geral, para posteriormente focar o levantamento sistemático, por unidade arqueológica estabelecida. O critério estabelecido para a definição das unidades arqueológicas levou em consideração as referências históricas relacionadas ao período focado, entretanto eventuais sítios arqueológicos de outros períodos não seriam ignorados.

Dentre a documentação histórica que serviu de base mereceu particular destaque a cartografia coeva. Assim mostrou-se particularmente útil nesta etapa de trabalho os mapas elaborados por cartógrafos holandeses, bem como as ilustrações, sejam as iluminuras sejam os desenhos ou quadros holandeses que retratam aquela área específica.

Este tipo de abordagem foi anteriormente utilizada pela equipe, em trabalho realizado em Penedo (Alagoas), quando os trabalhos de Marcgraf e de Frans Post, por exemplo, foram particularmente úteis.

Estudos recentes relacionados a uma releitura da cartografia coeva, foram particularmente úteis, como o de Levy Pereira² e, ainda do mesmo autor, o que trata da precisão do Mapa Mural *Brasilia qua parte paret Belgis* cuja origem remonta à obra de George Marcgrave.³

Ainda no que se refere ao corte metodológico a ser utilizado nesta pesquisa, face se tratar de uma área muito pouco ou praticamente desconhecida, não seria prudente adotar-se uma abordagem restritiva que privilegiasse um determinado tipo de ambiente. Faz-se necessário buscar amostrar os diferentes fácies que integram a área sob estudo, que representam distintos ecossistemas, o que conduz a uma abrangência que perpassa diferentes conjuntos paisagísticos.

Por outro lado, a busca por vestígios arqueológicos, do ponto de vista das condicionantes pós deposicionais, considerou uma maior aproximação com o prisma geomorfológico. Deste modo foi considerada a macro estratigrafia da área, levando-se em conta mormente as superfícies expostas em tempos da presença humana e os processos de uso e ocupação do solo e seus reflexos no processo erosivo/deposicional.

Assim considerando, a ação humana visível, seja através da vegetação implantada, seja através dos perfis de solo, reflete também as diferenças naturais existentes. Primitivamente grande parte da área foi ocupada pela vegetação florestal. Em muitas áreas, o solo, de equilíbrio instável, não resistiu às ações de desmatamento, cedendo à ação erosiva das águas de enxurrada. O material carregado vai se depositar nas áreas mais baixas ou mesmo no leito dos riachos e lagoas, assoreando o curso, reduzindo a lâmina d'água.

Os aspectos erosionais são de importância primordial na avaliação, na busca de elementos vestigiais arqueológicos na superfície. Reflexos que se fazem presentes tanto na área erosionada, quanto nas áreas de deposição. As enxurradas que arrastam o material clástico, no mínimo expõem vestígios arqueológicos de subsuperfície; ou mesmo os transportam para áreas mais baixas, promovendo por vezes inversões de camadas. Por seu turno, o material clástico que se deposita nas áreas mais baixas, certamente pode soterrar antigos vestígios humanos, outrora depositados à superfície.

Os topos das elevações correspondem às áreas de maior expectativa do ponto de vista arqueológico, em termos de assentamentos, haja vista o regime hídrico ao qual a área está submetida. As áreas mais baixas, as margens ribeirinhas, certamente foram frequentadas por aqueles grupos, em grande parte contumazes navegadores. O Manguaba, ainda na atualidade, é navegável naquele trecho considerado. Mesmo embarcações de maior porte subiam o rio até Porto Calvo; e no lagamar, próximo à foz, informam os registros históricos, serviu de ponto de “reunião” para as embarcações holandesas quando dividiam o espólio dos saques – lagamar da Ratéia.

² PEREIRA, L. *Georreferenciamento do mapa do Brasil Holandês de George Marcgrave, o BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS*. [Arquivos para instalação no Google Earth, versão 1.0, de 4/7/2010]. In: BiblioAtlas - Biblioteca de Referências do Atlas Digital da América Lusa. Laboratório de História Social (LHS), Universidade de Brasília. (BQPPB)Disponível em: http://lhs.unb.br/wiki_files/HISTORIA.exe. Acesso em: 22 de junho de 2014.

³ Pereira, Levy et Cintra, Jorge Pimentel. Eratossthenes Pernambucensis: A estimativa geodésica de Marcgrave para a extensão do Brasil. 2º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. Tiradentes, MG. Maio de 2014.

Outro ponto a ser considerado diz respeito ao intenso trânsito que se deu, durante o período de ocupação holandesa. Caminhos por entre os alagados, à beira-mar, as estradas que cortavam os canaviais, ou mesmo os bosques antes transitados por pacatos carros de bois transportando famílias, mercadorias e sobretudo a cana a ser moída, tornaram-se palco de deslocamentos de tropas.

Por outro lado, estudos recentes na zona açucareira da mata sul de Pernambuco tem apontado um relevante potencial para a presença de sítios arqueológico de ocupação histórica nas áreas de terraços ribeirinhos, sobretudo relacionadas à ocupação rural⁴. Contudo, não são incomuns as ocupações (mormente urbanas) do topo das elevações como é o caso de Porto Calvo e de Olinda.

Buscou-se inicialmente o levantamento de dados secundários (bibliográficos) com vistas à contextualização arqueológica, em particular à documentação histórica referente ao período de ocupação holandesa na área de abrangência; e nos Municípios de Porto Calvo e Porto de Pedras.

Nesta etapa foram buscadas informações relacionadas às primeiras investidas colonizadoras, tanto de portugueses quanto de holandeses, assim como os escritos relativos à resistência e cooptação indígena. Outro aspecto considerado foi a presença de outros grupos indígenas não locais, que acompanharam a expansão de colonizadores europeus, bem como de uma população negra, introduzida na área, sobretudo a partir do século XVII. Na contextualização etno-histórica foi considerada praticamente uma abrangência regional, envolvendo parte dos municípios do litoral açucareiro.

Os dados obtidos orientaram em parte a seleção das áreas a serem prospectadas quando do levantamento arqueológico de campo, que correspondeu à 2ª fase da pesquisa.

A par dos estudos documentais, foi realizado um levantamento preliminar de campo, restrito a uma prospecção visual de superfície e de subsuperfície, nas margens e limites próximos do trecho navegável do Rio Manguaba – entre sua foz no município de Porto de Pedras e o início de seu trecho navegável, no município de Porto Calvo.

No decorrer da pesquisa o levantamento cartográfico conduziu ao projeto *BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS*, do professor Levy Pereira, disponível em http://lhs.unb.br/wiki_files/HISTORIA.exe. Acesso em: 22 de junho de 2014.

O georreferenciamento acima referenciado, publicado pelo site da LHS/UnB, plota a hidrografia, orografia, rede viária (caminhos), vilas, cidades, povoados, engenhos, igrejas, aldeias de brasileiros, acampamentos tapuias, currais, casas, fortalezas, fontes d'água, portos, salinas, campos e matas mapeados no mapa mural Brasília qua

⁴ Albuquerque, Marcos et All, 2012 (Relatório de Serro Azul)

parte paret Belgis⁵, de autoria de Georg Marcgrave, incluindo o mapa Maritima Brasiliæ Universæ. Esse trabalho, por decorrência, também georreferencia todos os entes dos mapas das Capitanias⁶, originalmente publicados no livro de Barléus⁷:

- PRÆFECTURA DE CIRÎÎÎI vel SEREGIPE DEL REY cum Itâpuáma
- PRAEFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS MERIDIONALIS'
- PRÆFECTURÆ PARANAMBUCÆ PARS BOREALIS, una cum PRAEFECTURA de ITÂMARACÂ'
- PRÆFECTURÆ DE PARAIBA, ET RIO GRANDE.

Nesse trabalho, todos os topônimos, além da sua localização, contêm comentários descrevendo sua natureza, nomes históricos, o nome atual, e citações nas fontes primárias e secundárias, tanto iconográficas como bibliográficas.

Complementando esse trabalho, também dispôs-se de informações oriundas do georreferenciamento dos seguintes mapas, que mostram as posições das tropas de Nassau e das fortificações, etc, durante o cerco em 1637:

- planta PORTUS CALVUS (BARLEUS, 1647; ante pag. 37);
- Plattegrond van Povaçon, Porto Calvo, Brazilië. Editor: Vingboons: Van Keulen Atlas/Atlas Bom - IAHGP 17 (WIEDER: 45)⁸.

Ainda no decorrer da pesquisa buscou-se o contato direto com o referido professor, que, informado dos resultados já obtidos pela equipe, muito se interessou em ver aplicado ao estudo de campo suas previsões cartográficas, passando a discutir frequentemente com a equipe o progresso dos resultados.

Assim, com base nos dados históricos e, considerando os pontos notáveis assinalados na cartografia, buscou-se localizar no terreno aqueles pontos, de modo a identificar os locais de maior potencial arqueológico.

⁵ MARGGRAPHIUS, Georgius: Brasilia qua parte paret Belgis. In: Klencke Atlas, mapa nº 38. Kees Dierkz et filius D. K. compegerunt anno 1660. British Library, Londres, Inglaterra.

⁶ Blaeu, Joan: ATLAS MAIOR OF 1665. [introduction and texts by Peter Van Der Krogt, based in the copy of Österreichische Nationalbibliothek, Vienna, with a selection of original texts by Joan Blaeu, directed and produced by Benedikt Taschen]. Taschen GmbH, Köln, Deutschland, 2010. ISBN 978-3-8365-2412-4.

⁷ BARLÉU, G.: História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil ... ,tradução e anotações de Cláudio Brandão, Ministério da Educação, Rio de Janeiro, Brasil, MCMXL.

- versão em português, edição brasileira de 1940 acima referenciada, disponível em http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/03973800/039738_COMPLETO.pdf acesso em 10/9/2013.

- edição original de 1647, em latim, disponível em http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/00246000/002460_COMPLETO.pdf acesso em 10/9/2013.

⁸ WIEDER, F. C.: Monumenta Cartographica 5 vls. (Haia. 1925-33).

Buscou-se inicialmente, a partir dos rios e riachos assinalados, identificar as estradas e trilhas, que pudessem ser associadas àquelas registradas pela cartografia. Muitas delas praticamente abandonadas, restringiam-se hoje a pequenos trechos, acessos a propriedades particulares. Outras continuaram em uso, sendo hoje vias principais de acesso como é o caso da rodovia AL 460 no trecho que liga Porto de Pedras a Porto Calvo, pela margem direita do Manguaba.

A identificação dos cursos d'água e dos caminhos, propiciou elementos de checagem com os pontos notáveis assinalados na cartografia, para sua reconstituição em campo.

Os trabalhos em campo consideraram não apenas a cartografia e as referências textuais, mas tomaram por base ainda a iconografia disponível que buscava retratar os locais e a distribuição das tropas no entorno de Porto Calvo, os campos de batalha, e a distribuição das estruturas de defesa. Nestes termos foi particularmente útil a avaliação topográfica das áreas, considerada não apenas em termos do relevo, mas ainda das áreas inundáveis, mormente no período do ano em que ocorreram as ações batavas.

Os locais reconhecidos como de potencial arqueológico, mormente em áreas rurais, quando possível (permitido pelos proprietários) foram prospectados em superfície e em subsuperfície (cortes-teste e trincheiras), e os resultados avaliados em termos de seu potencial como sítio arqueológico.

Nas áreas urbanas foram particularmente remarcáveis as informações obtidas sobre achados fortuitos, seja durante a execução de obras, seja em decorrência de desabamentos naturais. Tais informações foram mapeadas, e estão assinaladas neste relatório.

Com base em tais premissas, nesta etapa quando se buscou estimar a quantidade de sítios arqueológicos eventualmente existentes na área, e a extensão, profundidade, diversidade cultural e grau de preservação dos depósitos arqueológicos, o estabelecimento da amostra não se fez com base no universo de ocorrências arqueológicas conhecidas. Antes se estabeleceu uma amostragem com base em informações do registro histórico, textual e iconográfico, e em critérios espaciais, abrangendo as diferentes zonas em que ocorrem variações de drenagem, de topografia, considerando não apenas os assentamentos humanos, mas ainda os acessos, o traçado de suas comunicações.

Os resultados obtidos (positivos e negativos) foram graficamente assinalados sobre mapas da área, bem como todos os pontos em que a tradição oral aponta como locais em que teria havido achados fortuitos de material arqueológico, foram registrados, assinalando-se suas características em termos de tamanho aproximado (distribuição horizontal e vertical) e o período de ocupação.

Nos casos de ocorrência de material em superfície foram coletadas amostras controladas do material de cada ponto.

Nas áreas passíveis de escavação, onde foram registrados vestígios arqueológicos, ou se dispunha de informe de achado fortuito, quando possível, foram realizados cortes teste de modo e buscar-se os limites das ocorrências.

As coleções assim obtidas visam proporcionar informações relativas a cronologia, localização de cada ponto relatado.

Durante o levantamento de campo, através de contatos com moradores locais, se buscou obter informações acerca de vestígios que pudessem vir a conduzir à localização de sítios arqueológicos naquelas cercanias. Naquela ocasião foi iniciado o programa de educação patrimonial através de duas abordagens distintas:

- 1- Distribuição de um folheto explicativo concernente à presença de pesquisadores na área e seus objetivos;
- 2- Diálogo (entrevista informal), com moradores locais.

Um aspecto que nos parece digno de nota foi a forma retraída da grande maioria dos moradores da zona rural quanto ao fornecimento de informações. O mesmo em aquiescer para com a prospecção da área, mesmo em se tratando de uma prospecção de superfície, sem interferências no terreno. Levando em consideração que a área é praticamente constituída de grandes propriedades rurais, cujos proprietários permanecem a maior parte do tempo nas cidades, via de regra se teve acesso apenas aos encarregados. Tais prepostos, na grande maioria dos casos negou o acesso da equipe à propriedade. Mesmo alguns proprietários, eventualmente presentes, ou se mostraram muito reticentes, ou mesmo negaram peremptoriamente o acesso à equipe. Este comportamento tão distinto de outros rincões alagoanos poderia não estar intrinsecamente relacionado à área açucareira e seus problemas de incêndio criminoso. Grande parte das propriedades buscadas não se relacionava ao plantio da cana de açúcar; tratava-se de pastagens ou mesmo áreas recreativas. É possível que esta retração em permitir o acesso de pesquisadores se deva a duas questões diferentes:

A primeira relacionada a uma estratégia adotada por uma prefeitura da região que segundo os moradores locais, teria mandado agentes, supostos pesquisadores, que na realidade teriam apresentado um relatório de benfeitorias que teriam alterado em muito o cálculo do imposto territorial. Teriam assim iludindo a boa-fé de prepostos locais, que teriam permitido o acesso à propriedade. O engodo teria levado os moradores à desconfiança para com estranhos, em geral, e em particular se apresentando como pesquisadores.

A segunda estaria relacionada à tradição oral de descoberta de “botijas”, na região. Está muito presente entre a população local, os relatos de descobertas de vasos de barro enterrados, contendo moedas. Embora tais relatos sejam frequentes em praticamente todos os locais, no caso específico do litoral norte de Alagoas, tais achados fortuitos tem sido confirmados, inclusive através da imprensa. Em decorrência, qualquer atividade envolvendo escavação, particularmente em busca do passado, acende a expectativa de uma possível informação acerca de botija, que poderia a vir ser lograda por um estranho. Daí a desconfiança com que são vistos aqueles que buscam informações acerca de eventuais vestígios de populações passadas, particularmente relacionadas à ocupação holandesa a quem é atribuída a origem das botijas.

Todavia ao longo da pesquisa foi possível contatar pessoas interessadas no levantamento da história regional a partir de seus vestígios arqueológicos. Foram particularmente importantes as informações fornecidas pelo Sr. Adelmo Nascimento Monteiro, Diretor de Cultura do município de Porto Calvo, e pelo Sr. Francisco José, conhecido como Chico Barbeiro.

Cumprе salientar ainda que o contato com a população local, a partir da apresentação do Sr. Adelmo Monteiro, se tornou mais profícuo. Pessoa muito conhecida e respeitada pela população local, sua presença junto à equipe abriu muitas portas e permitiu um diálogo mais franco.

A metodologia previu ainda que, nos locais em que fossem observadas possíveis ocorrências de vestígios arqueológicos, estas seriam georeferenciadas, de modo a serem incorporadas à planta do estudo da área de abrangência do projeto. Tais ocorrências foram ainda registradas em ficha compatível com o Registro preliminar de sítios arqueológicos.

Com base no potencial arqueológico da área, estabelecido a partir dos dados secundários e da prospecção em campo, se fez a caracterização e avaliação da situação atual do patrimônio arqueológico da área de estudo – Diagnóstico – sugerindo tanto as ocorrências, como ainda sítios, que deverão ser alvo de estudo em detalhe. Este Relatório é o resultado deste estudo para caracterização e avaliação da situação atual do patrimônio arqueológico da área de estudo, e abrange as rubricas: Diagnóstico, Avaliação do Potencial arqueológico da área e a Proposição de medidas de preservação, encaminhado ao IPHAN.

Desenvolvimento da Pesquisa

Abordagem histórica documental

Em que pese a indiscutível articulação da história no entorno do Rio Manguaba, no período considerado, com o panorama geral que se desenrolava no Nordeste do Brasil, face a invasão holandesa, se buscou, na medida do possível, estabelecer um corte que se restringisse a área compreendida entre Porto de Pedras e Porto Calvo, na bacia daquele rio.

O atual estado de Alagoas corresponde ao território da antiga comarca de Alagoas da Capitania de Pernambuco. Esse território pertencia originalmente ao capitão-donatário Duarte Coelho por doação régia de 1534 que ia do canal de Santa Cruz até o rio São Francisco, com suas águas e ilhas incluídas. Após o esbulho da capitania aos herdeiros do donatário, o território permaneceu ligado a Pernambuco. O desmembramento do território pernambucano ocorreu em 1817 como medida punitiva pela revolução que estourou naquele ano no Recife.⁹

Porto de Pedras é um município brasileiro do Estado de Alagoas cuja população em 2004 era estimada em pouco mais de 10.500 habitantes. Limita-se com Japaratinga, Porto Calvo, Matriz de Camaragibe, São Miguel dos Milagres e o Oceano Atlântico. Sua área é de 266,23 quilômetros quadrados (0,96% do estado). A sede do município tem altitude de aproximadamente 54m. Localizado na margem direita do rio Manguaba (9º09'28,8''S e 35º17'42''O)¹⁰, próximo à sua foz; suas origens remontam ao século XVI.

A povoação se originou de uma missão franciscana. Os relatos mais antigos sobre a missão ou aldeia de Porto de Pedras se encontravam numa crônica escrita por Frei Vicente do Salvador – a *Crônica da Custódia do Brasil* – dada por desaparecida em 1618. Entretanto, antes do extravio, o manuscrito foi aproveitado por um certo Frei Manuel da Ilha que na sua *Narração ou relação da custódia de Santo Antônio do Brasil...* menciona brevemente a missão. Segundo Frei Manuel da Ilha, por volta de 1596, no primeiro custodiato de Frei Leonardo de Jesus, sucessor imediato de Frei Melquior de Santa Catarina, um grupo de franciscanos liderados por Frei Antônio de Campo Maior seguiu para Porto de Pedras, situado dez léguas ao sul do Una, com o objetivo de fundar uma missão entre os nativos daquela região.

Frei Antônio já contava com dilatada experiência, pois havia realizado trabalho de missioneiro em Igarassu e na Paraíba. Sua presença no Porto de Pedras foi abreviada pelo peso de sua idade: já octogenário, regressou à Olinda onde faleceu em 1601. Segundo Frei Manuel da Ilha, apesar de enfrentar grandes dificuldades “a missão

⁹ ALTAVILA, Jayme de, *História da civilização das Alagoas*, pp. 26 e 27.

¹⁰ MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA, *Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por águas subterrâneas: Alagoas*, p. 2.

prosperou, atraindo indígenas de regiões circundantes que fugiam ao avanço implacável e violento do colonizador português. Segundo Altavila, a região era originalmente habitada por tupis que se subdividiam em caetés, cariris, vovvés, moriquitos e abacatiaras”. Sobreviviam da pesca e do cultivo da mandioca. Um importante remanescente da cultura material desses povos é uma rara igaçaba encontrada nas margens da lagoa Manguaba.¹¹ Sobre os missionários que deram prosseguimento à aculturação dos nativos na missão não restaram registros.¹²

O território de Porto de Pedras era caminho de várias expedições cujos objetivos eram as povoações de Alagoas do Sul e do Alto São Francisco. Entretanto, o contato mais intenso se dava com Porto Calvo, situada 42 quilômetros rio acima. Segundo o autor do *ABC das Alagoas*, as duas povoações se ligavam não apenas pela proximidade, “*mas também pela reciprocidade de interesses, homogeneidade de usos e costumes*”.¹³

Porto Calvo situada rio acima, praticamente no trecho do rio até onde a navegação é possível, corresponde também aos limites da área de abrangência da pesquisa.

Porto Calvo foi fundada por Cristóvão Lins, e como principal vila do norte das Alagoas foi cenário de momentos importantes durante a presença holandesa no Brasil. Barleus informa que se situava a 25 léguas do Recife e que possuía uma fortaleza que ele denominou como “Fortaleza da Povoação”.¹⁴ Ocupada pelos holandeses foi recuperada em 12 de junho de 1635 pelas colunas comandadas por Matias de Albuquerque, loco-tenente do donatário da capitania de Pernambuco. Nessa ocasião foi preso e posteriormente brutalmente executado aquele que talvez seja o seu filho mais conhecido, o mulato Domingos Fernandes Calabar. Por sua colaboração com as tropas invasoras, Calabar entrou para a história como um grande traidor da pátria, imagem que tem sido relativizada e revista.

Posteriormente esta fortificação foi retomada pelas tropas comandadas pelo próprio Nassau, após um cerco que durou 13 dias, que incluiu cargas de artilharia sobre a fortaleza e seus defensores luso-brasileiros, como ainda a utilização de sapadores.¹⁵ No último quartel do século XVII, Porto Calvo desempenharia o papel de “posto avançado” no combate ao Quilombo dos Palmares. De lá saiu em novembro de 1675 a primeira expedição chefiada pelo sargento-mor Manoel Lopes Galvão. Em

¹¹ ALTAVILA, op. cit., p. 28. Depositada no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.

¹² DUARTE, Aberlado, “Tribos, Aldeias e Missões de Índios nas Alagoas”, in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*, v. 28, p. 124; WILLEKE, Venâncio, Frei OFM, “As missões da Custódia de Santo Antônio do Brasil – 1585-1619”, in: *Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil*, v. I, pp. 267-268.

¹³ BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de, *ABC das Alagoas*, v. II, p. 427.

¹⁴ Segundo a *História da Guerra de Pernambuco* de Diogo Lopes Santiago, essa fortaleza foi construída pelo Conde de Bagnuolo em 1636 “no sítio da Igreja Matriz, em lugar alto e inexpugnável, uma grandiosa fortaleza para qual concorreram todos os moradores com suas pessoas e escravos a trabalhar a qual se acabou em três meses e se petrchou com muita e boa artilharia que havia vindo de Portugal com D. Luís de Rojas, e da Alagoa foi trazida por mar ao Porto Calvo, com que ficou a fortaleza a melhor e mais forte que havia em Pernambuco.” (pp. 101-102).

¹⁵ BARLEUS, G., *História dos Feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, pp. 38-39.

Porto Calvo se arrecadavam fundos para custear os ataques e se distribuíam presas das expedições. Em 1677 a vila contribui com 500\$000 para as tropas repressoras, e no ano seguinte foram repartidas presas com grandes festas, após a dedução do quinto devido à fazenda real.¹⁶

Retornando a Porto de Pedras, a sua posição como entreposto de Porto Calvo atraiu a atenção dos invasores da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais – a WIC. Pela barra e pelo porto passaram várias expedições, tanto dos invasores como dos defensores enviados pela coroa espanhola em parceria com efetivos locais. Em ambos os casos a localidade foi vítima da voracidade da tropa em combate. De profundo impacto local foi a incursão da frota com seis navios e oito barcas que, orientada por Calabar atacou Porto de Pedras em 14 de maio de 1633. Nessa ocasião as tropas batavas destruíram três embarcações portuguesas que ali estavam ancoradas nas águas do Manguaba. Posteriormente invadiram a povoação que foi consumida pelo fogo. Vários habitantes da povoação foram degolados e outros foram feitos prisioneiros.

Outro importante combate entre as tropas da WIC e os defensores da América portuguesa foi travado no entorno de Porto de Pedras. Trata-se da batalha da Mata Redonda na qual perdeu a vida o general espanhol D. Luis de Rojas y Borja, que havia sido destacado como substituto de Matias de Albuquerque. A batalha foi travada em 18 de janeiro de 1636 e as tropas batavas foram comandadas pelo general polonês Artichofsky.¹⁷ Um levantamento realizado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas identificou a existência de um forte holandês situado nas imediações da pedra que caracteriza a povoação. Segundo esses registros “*em Porto de Pedras edificou Karel (ou Carlos) von Nassau, primo do conde Maurício de Nassau, um forte na encosta de pedra de que tirou o nome. Karel que o comandava aí morreu em combate.*”¹⁸

Segundo Câmara Cascudo, no Brasil holandês Alagoas era dividida em *Alagoa Borealis* e *Alagoa Australis*. Ao território da *Alagoa Australis* foi concedido por Nassau um brasão com três tainhas postas em pala sobre campo verde, em referência à riqueza da pesca no local. Não só a pesca representava um atrativo: uma fonte holandesa citada pelo pesquisador potiguar se referia a grande quantidade de gado, sobretudo bois e vacas, existente na região. Evidentemente os engenhos de açúcar também marcavam presença como geradores de grande riqueza material. Segundo Cascudo, “*do lado direito do rio Mongaguaba (Manguaba), desde Mato Redondo (Mata Redonda), as casas se amiúdam, até as ondas do mar. Entre o Tapamundé e o Çurubana [sic] está o engenho São Francisco, ligado a Porto Calvo por Santo Amaro, que era propriedade vistosa, com igreja e casario bonito. Várias trilhas reúnem os engenhos semeados em redor: Alpoins, os Alpõens de Sommer Discours, o Innocentis, S. Cosmo, o aldeamento indígena à margem do Maçá [sic], Nossa Senhora da Ajuda, de onde se podia ir, passando para o Iuparatiba e o Itinha,*

¹⁶ VALENTE, Aminadab, “Porto Calvo histórico”, in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*, v. XIX, pp. 92-93.

¹⁷ BARROS, op. cit. SANTIAGO, D. L., *História da Guerra de Pernambuco*, pp. 97 e ss.

¹⁸ DUARTE, Abelardo, “Notas sobre as fortificações holandesas em Alagoas”, in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*, v. XXIV, p. 76. Entretanto, Barleus informa que Karel von Nassau morreu em combate na expugnação da fortaleza de Porto Calvo. BARLEUS, op. cit., p. 39.

para São Bento, perto da água viva do mar.”¹⁹ Um relatório holandês informava a existência dos seguintes engenhos nos arredores de Porto Calvo: “1. de Manuel Ramalho; 2. dos Alpões; 3. de Rodrigo de Barros Pimentel; 4. do mesmo Pimentel, recentemente feito; 5. de Manuel Camelo; 6. de Cristóvão Botelho; 7. outro engenho do mesmo, ultimamente feito; 8. de João Lins; 9. de Cristóvão Dias Delgado”.²⁰

Sobre o rio Manguaba informa Câmara Cascudo que tinha “*entrada na barra difícil*” e que “*em curvas fechadas e seguidas, inflete para leste, depois de voltas, indo até o lugar S. Cosmo. Pela direita recebe o Monguagaba (Monguaba ou Porto Calvo), o Tapamundé (com um sub-afluente, o Çurubana [sic]), o Aguapetiba, o Mocabitá e o Rio do Carço (?) com sub-afluentes que não têm nome, assim como outro tributário, igualmente anônimo. Pela esquerda, despejam no Manguaba, o Maciá e o Comendoitiba (Comandatuba). Outro afluente da esquerda é o Urupéuna, que tem o Cubiari como sub-afluente esquerdo. Próximo, Barleus anotou o Rio de Gaspar Gonçalo, o Rio Tapado, a fonte de São Tomé, o Guaibitinguamirí e o Guabitinguçu, simples riachos*”.²¹ Foi conhecido também pelos nomes de Porto Real e Águas Belas, denominações que caíram em desuso. A origem do nome “Porto de Pedras” se deve à existência de uma encosta ou outeiro de pedra que se levanta bem próximo da praia. No referido outeiro se situa um farol.²² Uma outra explicação para o nome pode estar relacionada com a existência de muitas pedras no rio Manguaba, que já aparece identificado assim no *Livro que dá Razão do Estado do Brasil*.²³

Ao longo do século XVIII, na foz do Manguaba, tendo a povoação de Porto de Pedras como cenário principal, se desenvolveram vários estaleiros para a produção de pequenas embarcações.²⁴

Durante a Revolução de 1817, novos enfrentamentos bélicos tiveram lugar no território de Porto de Pedras. Em 19 de abril de 1817 chegou ao Recife a notícia enviada pelo coronel Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca do ataque das tropas pernambucanas contra as realistas naquela localidade. O combate teve resultados catastróficos para os insurretos. Em Maceió e Porto de Pedras se arrecadaram fundos para custear o ataque contra-revolucionário a Pernambuco.²⁵

¹⁹ CASCUDO, op. cit., p. 25.

²⁰ MELLO, J. A. G. de (Org.), *Fontes para História do Brasil Holandês: economia açucareira*, p. 80.

²¹ CASCUDO, Câmara, “Geografia Alagoana no domínio holandês”, in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*, v. XXI, pp. 21-22.

²² QUEIROZ, Álvaro, “A missão do Porto de Pedras (1596-1619)”, in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*, v. 46, p. 35.

²³ DUARTE, Aberlado, “Os primórdios do povoamento das Alagoas”, in: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas*, v. XXV, p. 24.

²⁴ BARROS, op. cit.

²⁵ PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto, *Anais Pernambucanos*, v. VII, pp. 402, 544,

Mais tarde, em 1824, embarcações enviadas pelo governo da Confederação do Equador aprisionaram em 24 de julho o brigue Bom-Fim e mais três embarcações carregadas de gêneros que deveriam ser levados para abastecer a praça do Recife. O ataque foi bem sucedido, mas no momento de abandonar o local foram as embarcações pernambucanas surpreendidas por dois navios de guerra a serviço do Império. Após feroz combate, as embarcações pernambucanas foram apreendidas e suas tripulações aprisionadas.²⁶

A povoação de Porto de Pedras foi elevada à categoria de vila por alvará régio de 5 de dezembro de 1815. O seu termo municipal abrangia o território situado entre a margem direita do rio Manguaba, por onde se limitava com o município de Porto Calvo. A margem esquerda do rio Santo Antônio Grande passou a servir de limite com o município de Maceió. A vila foi efetivamente instalada em 27 de novembro de 1816. Como ocorre frequentemente com os pequenos municípios, Porto de Pedras teve seu *status* administrativo várias vezes alterado. A lei n. 438 de 4 de julho de 1864 suprimiu sua prerrogativa de vila passando seu termo municipal para o território de Camaragibe. Pouco mais de quatro anos depois, a vila foi restabelecida: a lei n. 505 de 28 de novembro de 1868 devolveu a categoria de vila a Porto de Pedras. Em 9 de junho de 1921, por força da lei n. 903, a vila foi elevada à categoria de cidade.

No que se refere à administração da justiça, Porto de Pedras também experimentou várias alterações. Até 1833 esteve enquadrada na comarca de Alagoas, única existente até então. Nesse ano foram criadas as comarcas de Penedo, Atalaia e Maceió, e foi na jurisdição dessa última que se vinculou o município. Em 1852 foram criadas as comarcas de Porto Calvo e Passo de Camaragibe. Inicialmente vinculada à comarca de Porto Calvo, Porto de Pedras oscilava entre as duas unidades administrativas ao longo da segunda metade do século XIX e da primeira metade do século XX. Em 1864 passou de Porto Calvo para Passo de Camaragibe, retornando à primeira em 1889 por determinação da lei n.1.063 de 16 de julho. O decreto 341 de 1º de agosto de 1905 determinou que novamente passasse à jurisdição de Passo de Camaragibe. O decreto 587 de 14 de setembro de 1912 revogou essa determinação, vinculando uma vez mais Porto de Pedras à comarca de Porto Calvo. Em 1936, a lei n. 902 reanexou Porto de Pedras à comarca de Passo de Camaragibe. A pendenga administrativa se solucionou com a elevação de Porto de Pedras à qualidade de comarca pela lei n. 1.674 de 11 de novembro de 1952, desmembrada da comarca de Porto Calvo.

Em relação à administração eclesiástica, teve freguesia erigida em 28 de abril de 1835. Em 1864 a sede foi transferida para a capela de Nossa Senhora Mãe do Povo, na povoação de São Miguel dos Milagres. Em 1868 novamente Porto de Pedras adquiriu a prerrogativa de sede, tendo como matriz a igreja de Nossa Senhora da Glória, construída, segundo o autor do *ABC das Alagoas “na época do domínio holandês”*.²⁷

²⁶ Idem, v. IX, pp. 79-80.

²⁷ BARROS, op. cit.

Quando se analisa a participação holandesa na constituição de um patrimônio arqueológico nas terras do entorno do Manguaba, torna-se evidente que ali a ação batava foi primordialmente destrutiva. As recorrentes experiências de conquista e perda experimentadas particularmente no que diz respeito a Porto Calvo, deram lugar a uma política de devastação impetrada sobretudo sob a influência de Artchevisk.

As primeiras referências às investidas holandesas nas terras alagoanas através do Rio Manguaba, remontam a 1633, quando, a 14 de maio, a esquadra holandesa guiada por Calabar entrou pela barra de Porto de Pedras com 6 navios e 8 barcaças.

Em 1634, Porto Calvo já em poder das tropas luso brasileiras, busca reforçar suas defesas. Tendo à frente o Conde de Bagnuolo²⁸ é implantado na vila um forte de campanha, o forte de Bom Sucesso, no entorno da velha igreja da vila.

“No homérico período da luta contra os holandeses, principalmente de 1632 a 1645, Porto Calvo celebrou-se por diferentes ocupações e evacuações militares, combates e batalhas, sendo a sua fortaleza (a do alto da força, ponto mais elevado do monte em que está situada hoje a rua principal da Vila) uma das mais importantes do tempo.”²⁹

Em março 1635 Porto Calvo foi conquistada pelo almirante Joan Cornellizon Lichthart. Em julho do mesmo ano, estando sob o comando do sargento-mor Alexandre Picard, Porto Calvo é retomada por Matias de Albuquerque e Antonio Felipe Camarão. “Os prisioneiros, em número de 420, incluindo seu comandante Alexandre Picard, foram embarcar na Bahia para a Holanda.”³⁰ Na ocasião Domingos Fernandes Calabar a serviço dos holandeses excluído da capitulação foi executado no dia 22.³¹

Ainda em julho de 1635 “Sigismund van Schkoppe entra em Porto Calvo, sete dias depois de haver capitulado a guarnição holandesa, e quatro depois da retirada de Matias de Albuquerque.”³²

Em novembro de 1635 chega uma esquadra hispano/portuguesa que conduzia o novo Governador Geral do Brasil, Pedro da Silva e o General Rojas Y Borja, nomeado General do Exército de Pernambuco. Matias de Albuquerque fora retirado do cargo que exercia e conduzido à Corte.

Em janeiro de 1636 o General Rojas Y Borja deixa em Santa Luzia do Norte o conde de Bagnuolo com 700 homens, seguindo ele para Porto Calvo com 1.700 homens. Precedendo Rojas Y Borja, o capitão Francisco Rebelo chega a Porto Calvo confrontando com van Schkoppe, que se retira para Barra Grande, embarcando para o

²⁸ Giovanni Vincenzo de San Felice, Conde de Bagnuolo, mestre de campo no Brasil, a frente de regimento de soldados napolitanos, a serviço da Croa Espanhola.

²⁹ Projeto de um Dicionário Geográfico do Brasil. II Parte: Alagoas, Amazonas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe. **Anais da Biblioteca Nacional**. Vol 111 Ano 1991. p. 160.

³⁰ Garcia, Rodolfo. Org. **Obras do Barão do Rio Branco VI: Efeméridos Brasileiras**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012 968p p. 407

³¹ Idem P.411

³² Idem p. 418

Recife. Rojas Y Borja segue dois dias após no encalço das tropas de van Schkoppe. Informado da aproximação Arciszewsky, que se dirigia a Porto Calvo, retorna às pressas em defesa da vila. A partir de Porto Calvo, embora com as tropas exaustas, segue ao encontro das tropas de Arciszewsky.

Nesta mesma noite os exploradores de ambas as tropas se encontram na Mata Redonda, nas cercanias de Porto Calvo. No dia seguinte tem início o combate no qual perde a vida o comandante Rojas Y Borja. Vencidas, as tropas hispano lusitano retornam a Porto Calvo. As tropas sob o comando de Arciszewsky retornam a Paripueira.

Em fevereiro de 1636 “O capitão Francisco Rebelo, destacado de Porto Calvo com 400 homens, avança contra as trincheiras que os holandeses tinham na Barra Grande. O comandante destas, Jan Taliban Duynkercker abandona-as precipitadamente, embarcando para Serinhaém, onde estava acampado seu general. ... Rebelo depois de incendiar os quartéis e destruir as trincheiras, voltou para Porto Calvo.³³”

Foi ainda em 1636 que Alagoas sofreu mais terrivelmente o efeito da ocupação flamenga. O general Arciszewsky, polaco de nascimento, propôs ao governo holandês o incêndio e destruição de roças, canaviais e casas nas terras entre Paripueira e Porto Calvo, transferindo-se para o norte do rio Manguaba os moradores que quisessem aliar-se aos invasores. Uma larga faixa de terra teria sido destruída quando o plano foi aprovado. Fixaram-se editais nas capelas e nos engenhos marcando o prazo de três semanas para os moradores se decidirem.

A 10 de janeiro de 1636 expirou o prazo, e a 13 de começou a destruição. Nesta destruição foi lançado fogo aos engenhos de Cristóvão Botelho, de Cristóvão Dias Delgado, de Bartolomeu Lins, de Rodrigo de Barros Pimentel; também teria sido incendiada a casa do frei Manuel do Salvador, o mesmo Manuel Calado, do "Valeroso Lucideno", procurado pelos holandeses para ser preso ou morto, pois nele reconheciam o cabeça da resistência.³⁴

Tal ação não ficou sem retorno. “O capitão-mor Camarão, incumbido pelo conde de Bagnuoli de devastar o território ocupado pelos holandeses, sai do acampamento de Porto Calvo, em marcha para Pernambuco, com uma coluna de 400 homens, composta principalmente de índios. Bateu-se com o inimigo em Goiana (11 de agosto) e Terra Nova (21 e 22 de agosto), e esteve de volta a 26 de setembro.³⁵

“Posteriormente no primeiro semestre de 1637 o coronel Von Schkoppe deu continuidade à devastação (de Alagoas) atravessando além de Alagoas, Sergipe e Bahia, chegando a até 54km de Salvador.”³⁶

³³ Idem, p. 120

³⁴ Diégues Junior, Manual. O Banguê nas Alagoas – traços da influência dos sistema econômico do engenho de cana de açúcar na vida e cultura regional. UFAL 2006 339 p.

³⁵ Garcia, Rodolfo. Org. **Obras do Barão do Rio Branco VI: Efeméridos Brasileiras**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012 968p p. 341

³⁶ Brazilliën de Nederlandse Archieven (1624 – 1654) Vol 3, p. 123

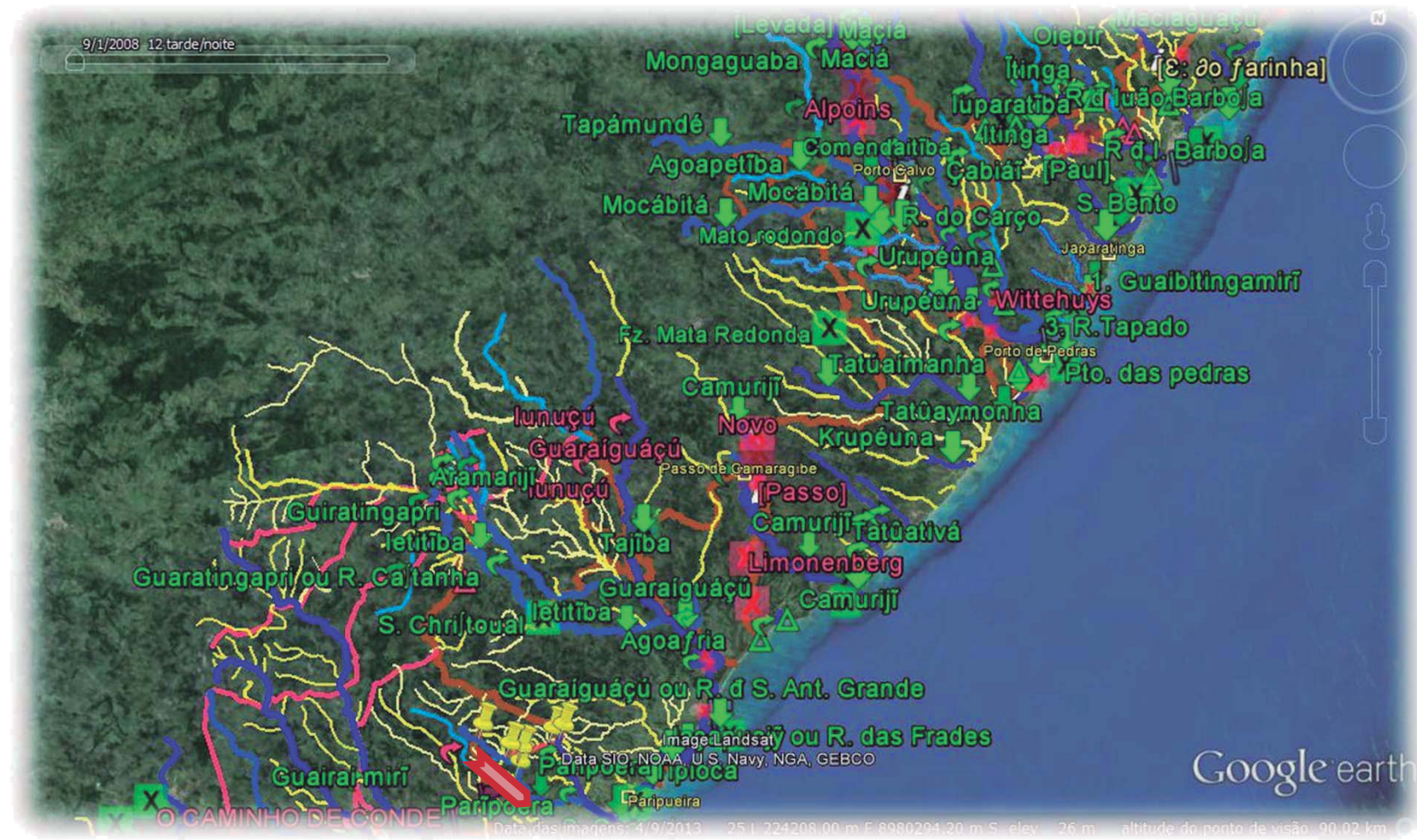
Destruição proposta por Arciszerwsky

Foi em 1636 que Alagoas sofreu mais terrivelmente o efeito da ocupação flamenga. Arciszerwsky propôs ao governo do Recife o incêndio e destruição de roças, canaviais e casas nas terras entre Paripueira e Porto Calvo, transferindo-se para o norte do rio Manguaba os moradores que quisessem aliar-se aos invasores. uma extensão de dez milhas seria destruída. o plano do polaco foi aprovado, e fixaram-se editais nas capelas e nos engenhos marcando o prazo de três semanas para os moradores decidirem. A 10 de janeiro de 1636 expirou o prazo, e a 13 começou a destruição.

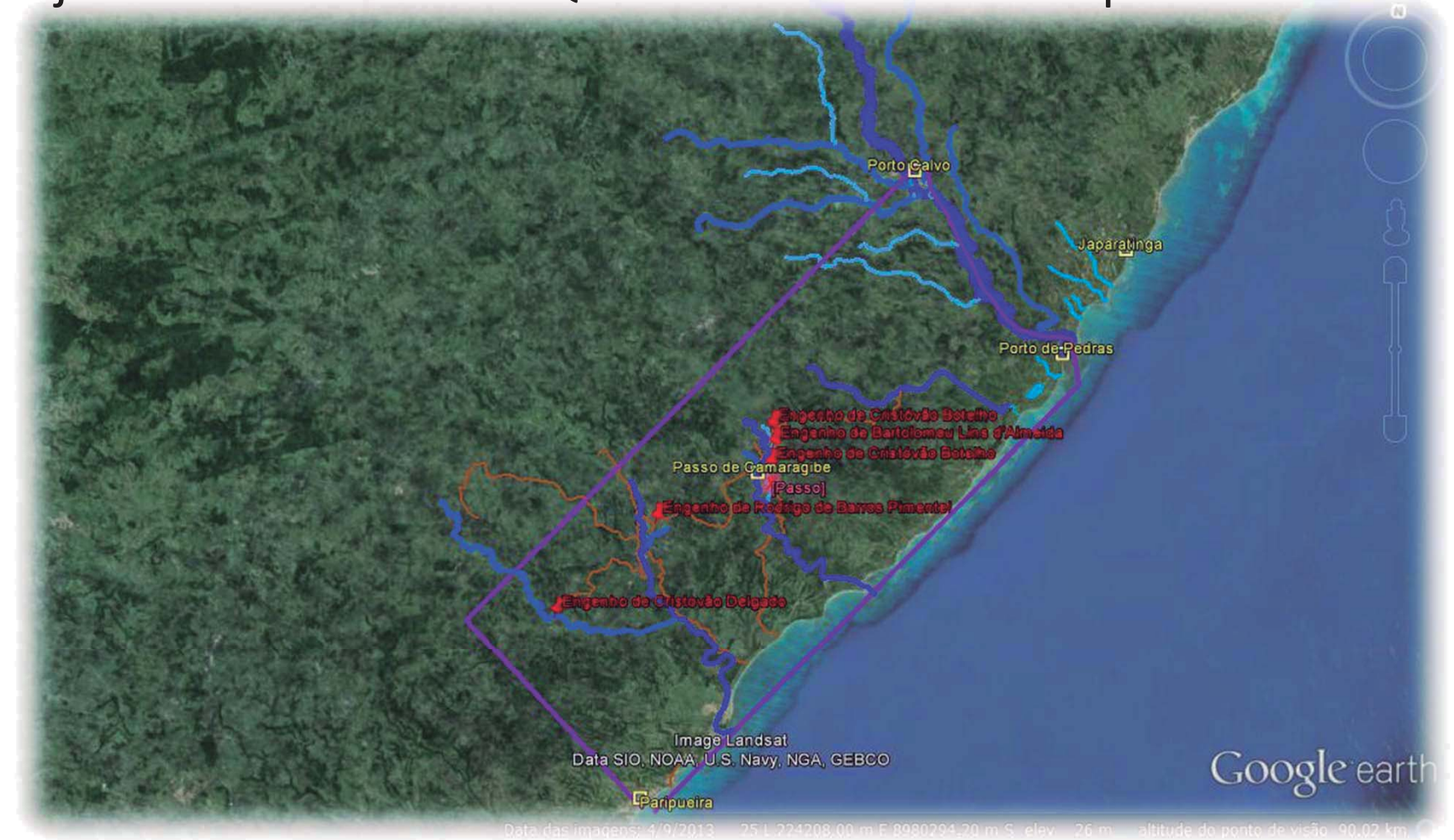
Nesta destruição é lançado fogo aos engenhos de Cristóvão Botelho, de Cristóvão Dias Delgado, de Bartolomeu Lins, de Rodrigo de Barros Pimentel; também é incendiada a casa do frei Manuel do Salvador, o mesmo Manuel Calado, do "Valeroso Lucideno", procurado pelos holandeses para ser preso ou morto, pois nele reconheciam o cabeça da resistência

Em 1641, depois de percorrer a região entre o Recife e o rio São Francisco, Adriaen van Bullestraten afirma que Alagoas está quase completamente despovoada

Área dizimada pelas tropas holandesas, ênfase aos engenhos queimados



Conjunto assinalado no BQPPB na área devastada por Arciszerwsky



Em decorrência das ações flamengas, em 1641, depois de percorrer a região entre o Recife e o rio São Francisco, Adriaen van Bullestraten afirma que Alagoas está quase completamente despovoada.³⁷

Em janeiro de 1637 chega ao Recife o conde Johan Maurits van Nassau-Siegen (aportuguesado para João Maurício de Nassau-Siegen), na qualidade de Governador Geral do Brasil Holandês. Suas primeiras providências foram no sentido de inteirar-se minuciosamente do quadro disponível. Desde mantimentos de boca *“pão, biscoitos, toucinho, legumes, carnes, queijo e vinho existentes nos navios e armazéns, pois sem isso a soldadesca se torna agastadiça e indisciplinada. Começou também a recensear os armamentos, arrolando as armas brancas e as de fogo, a artilharia, os arcabuzes, os mosquetes, as espingardas, etc., a pólvora, as naus e petrechos náuticos nas costas e nos portos.”*³⁸

Buscou ainda *“conhecer quantos soldados holandeses e aliados se achavam em armas e nas guarnições, julgando prudente preparar a guerra antes de fazê-la e medir as próprias forças para não se tentar uma façanha sem resultado, e para uma audácia precipitada não diminuir o nome do governo iniciado.”*³⁹

*“Todo o contingente militar foi distribuído e dois corpos, um destinado às guarnições, outro às campanhas. Ficaram nas guarnições 2.600 homens, que se repartiram pelas praças de Recife, do Rio dos Afogados, do Cabo de Santo Agostinho, de Itamaracá e da Paraíba. O corpo reservado para campanha foi dividido em duas tropas: a maior, para atacar o inimigo, com 2.900 homens; a menor, de infantaria ligeira, com 600. Estes surpreenderiam e estorvariam o inimigo noutras partes e espreitariam as ocasiões.Depois providenciou Nassau vitualhas e transportes, imitando nisso a providência dos romanos. ... Tomadas estas providencias entre os seus, procurou Maurício conhecer as posições do inimigo, suas forças e aprestos, à maneira do capitão cartaginês, que sabia tão bem as cousas dos seus adversários como as próprias.”*⁴⁰

Senhores desde o Cabo de Santo Agostinho à Paraíba, reconheceu Nassau ter em Porto Calvo a praça de onde

“demandavam bandos predatórios a infestar, com rapinas e devastações das terras vizinhas pertencentes aos nossos (holandeses), a tal ponto que nem mesmo era seguro o trajeto entre Olinda e Recife”. ... Nem a estes (portugueses) faltavam nas brenhas os seus refúgios, através de caminhos ocultos e cegos, sendo-lhes os portugueses fáceis e favoráveis quando nos insidiavam, e a nós difíceis, se queríamos fazer-lhes o mesmo. E como não puderam ser expulsos das fronteiras, o que era nosso ficou-lhes exposto aos incêndios, esbulhos e matanças.

³⁷ Lima, Fernandes. Efemérides do município de Camaragibe, i, Revista do Instituto Histórico de Alagoas, vo. XVII. Ano 60, 1933.

³⁸ Barleu, Gaspar. O Brasil Holandês sob o Conde João Maurício de Nassau. Tradução e Notas de Cláudio Brandão. Edições do Senado Federal Vol 43. Brasília 2005. P 54

³⁹ Ibidem

⁴⁰ Idem p 54 e 56.

Diante disso, ordenando Nassau uma prece pública, para que não parecesse ter encetado alguma empresa sem o auxílio divino, julgou acertado atacar sem demora ao inimigo e iniciar sua governança com as armas e a guerra, firmando o seu poder e mostrando ao adversário a sua confiança, cousas que, mormente entre os estrangeiros, são os primeiros instrumentos para consolidar um principado.”

Assim teve início a saga da tomada de Porto Calvo pelas tropas de Nassau.

Abordagem Cartográfica

As origens da Cartografia remontam talvez aos primórdios da humanidade, quando o homem já buscava representar o mundo a sua volta, expresso através de plantas e animais conhecidos. É sob esta ótica que Duarte associa antigas representações gráficas humanas às origens da representação espacial:

Não resta a menor dúvida de que os homens se preocuparam, desde muito cedo, em fixar os limites de seu horizonte espacial, de seu território, ou mesmo de seu itinerário, seja ele terrestre, fluvial ou marítimo. Houve sempre a preocupação de representar seu meio ambiente de forma duradoura, seja em paredes de grutas, casca de árvore ou outros materiais disponíveis, com o intuito de informar o segredo de rotas de caça, das fontes de água, das áreas de segurança e das zonas de perigo (DUARTE, 2002, p.16)⁴¹.

Neste enfoque percebe-se que embora frequentemente associado à Geografia, à representação planimétrica da superfície terrestre, os mapas vão bem mais além. A leitura de um mapa pode trazer à tona os objetivos buscados, seja por quem o elaborou, seja por aquele que o encomendara. (Menezes, 2011. P. 4)

O mapa realiza de forma eficaz a função de representar o espaço do homem, mas consiste também em um instrumento ideológico, capaz de direcionar as atenções para questões específicas ou mesmo encobrir outras.⁴²

É esta leitura que se faz nos mapas produzidos no século XVII. São mapas que demarcam as posses, como os de Albernaz, cujos emblemas heráldicos são empregados para indicar conceitos como poder ou posse - domínios territoriais de Portugal, e os de Castela;

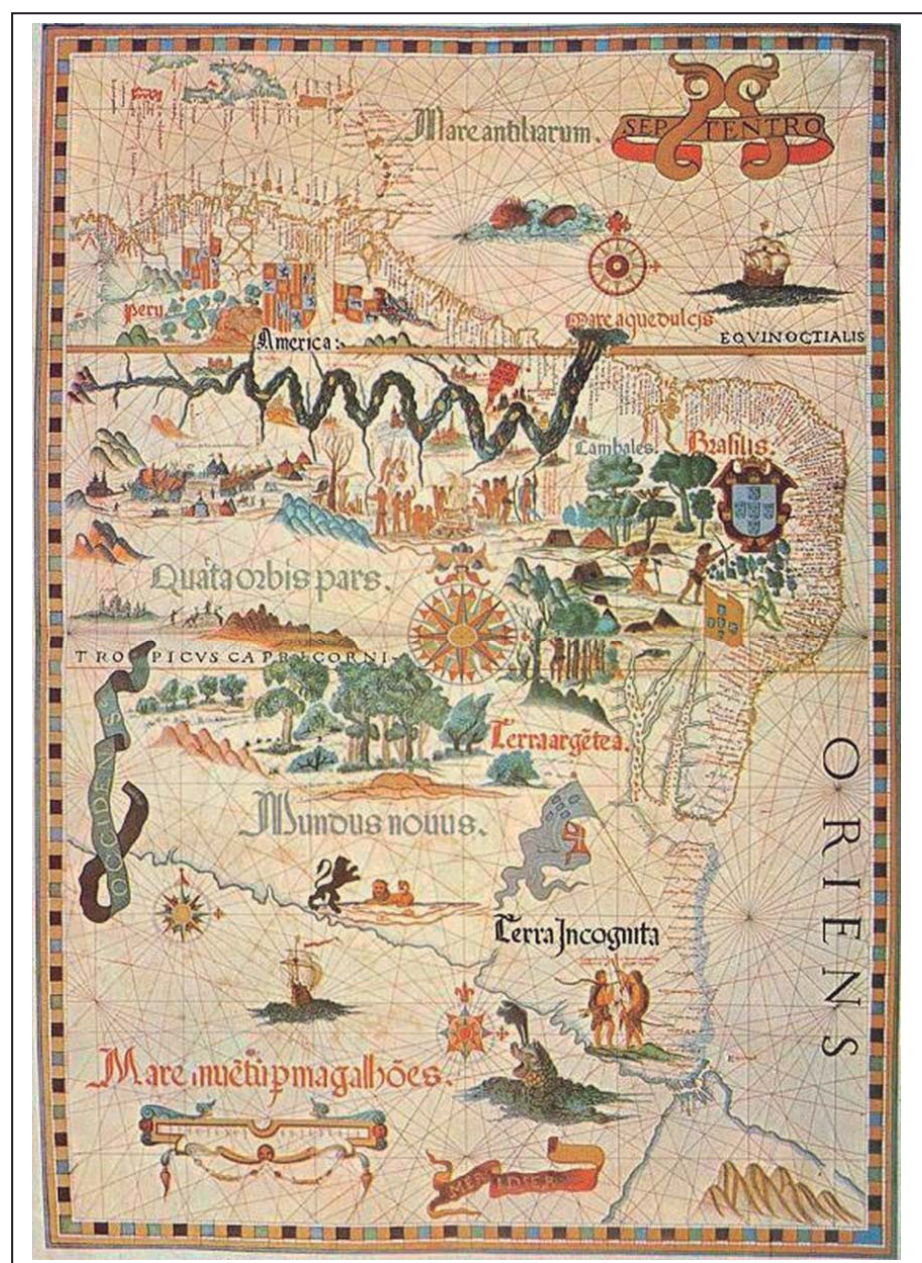
Todavia, alguns mapas do século XVI que enfocam o Novo Mundo já trazem em seu arcabouço figurações etnográficas, da fauna e flora bem como aspectos da exploração econômica de alguns recursos, e especulam, de algum modo, sobre as terras desconhecidas.

Segundo Menezes (2011) os mais antigos mapas holandeses do Brasil remontam a 1599

“...período em que os batavos se ocuparam com as idas ao Pacífico e sucessivos assaltos aos portos brasileiros, o que lhes permitiu obter conhecimentos valiosos e elaborar alguns desenhos sobre a costa do Brasil. Outros assaltos também foram realizados no Recôncavo Baiano possibilitando uma pequena

⁴¹ DUARTE, Paulo Araújo. **Fundamentos de cartografia**. 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

⁴² Menezes, Catarina Agudo. Alagoas de Marcgraf. **1º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica**, Paraty, maio de 2011.



*permanência em solo brasileiro e a consequente ampliação dos locais conhecidos pelos batavos. Outras pequenas invasões foram ainda executadas no início do século XVII.*⁴³

Tem-se ainda, em torno de 1623, os roteiros marítimos publicados pelo piloto holandês Dierick Ruiters, que esteve preso no Brasil, que, somou a experiência ali adquirida com as informações obtidas a partir do trabalho do cosmógrafo-mor português Manoel de Figueiredo.⁴⁴

O estudo realizado por Menezes (2011) aponta ainda as “...cartas de autoria de Hessel Gerritz, por volta de 1630. Entre elas, um mapa geral de parte da América do Sul e outro mapa com um trecho da costa de Pernambuco, indicando a vila de Olinda.” Ali estão demonstrados “ as características da costa, entradas naturais, arrecifes, bem como as formas de ocupação existentes.”⁴⁵ A autora chama a atenção ainda para “...algumas vistas e mapa demonstrando a conquista de Olinda e a entrada dos holandeses em Pernambuco...” elaborados a partir da efetiva ocupação holandesa das terras brasileiras.

Mas de fato a grande produção cartográfica, iconográfica, holandesa se dá alguns anos depois, quando já se consolidara a ocupação. Na realidade o período de maior produção iconográfica se deu durante a administração do Conde Maurício de Nassau (1637/1645) que trouxe em sua comitiva diversos profissionais, entre pintores, cientistas, médicos e naturalistas. O que se pode apreender,

⁴³ Menezes, Catarina Agudo. Op. Cit. 2011 p. 6.

⁴⁴ Idem. P.7

⁴⁵ Menezes, Op. Cit. P.7

com base nos estudos realizados, é que Nassau trazia um objetivo muito claro de registrar e demonstrar ao governo geral os seus feitos no Novo Mundo (WATJEN, ano, p. 185)⁴⁶.

A cartografia holandesa do período dedicou-se inicialmente a registrar em planta as vilas mais significativas, de modo a demonstrar junto aos sócios da W.I.C a eficácia das ações batavas. Assim foram mapeadas as vilas de Olinda, Recife, Filipéa (João Pessoa), Sirinhaém, Penedo e Porto Calvo.

Segundo Guedes “julgo Maurício de Nassau ser necessária a elaboração de um mapa geral do litoral nordestino dominado pelos batavos, mapa aguardado pelos *Heeren* XIX e que contivesse ‘as terras de cana e currais... para informação dos moradores’”.⁴⁷

Assim, todo o litoral a partir do Rio Grande (do Norte) até Pernambuco (então chegando ao rio São Francisco) foi mapeado, incluindo-se as terras interioranas até onde se estendia o domínio holandês. A obra foi composta por Cornélio Golijath, cartógrafo holandês, em seis cartas que abrangiam o domínio holandês de então. Uma outra carta foi ainda elaborada: “*Carta correta do litoral de quatro capitânicas do Brasil a saber Pernambuco, I. Itamaracá, Paraíba e Rio Grande, com todos os recifes e bancos de areia de e ainda com todas as cidades, povoações e aldeias das mesmas capitânicas, tudo feito por ordem de Sua Excelência o Conde Maurício de Nassau*”.

Em 1638 chega ao Brasil George Marcgrave, então auxiliar do naturalista Guilherme Piso, trazido por Nassau. Marcgrave cursou uma abrangente gama de disciplinas na Universidade de Leiden que incluía conhecimentos em medicina, matemática, astronomia, botânica, cartografia, sem contudo concluir nenhum dos cursos que frequentou. No Brasil sua maior contribuição foi no campo da cartografia, tem elaborado o mapa *Brasiliae Geographica et Hydrographica Tabula Nova, Continens Praefecturae de Ciriji, cum Itapuama de Paranaambuca, Itamaraca, Paraíba et Potigi vel Rio Grande. Quam propiis Observationibus ac dimensionibus, diuturna peregrinationi a se habitis, fundamentaliter superstruebat et delineabat Georgius Marggraphius, Germanus, anno Christi 1643*.

Este mapa de 1643 é conhecido “sob duas formas, a partir de quatro gravuras individuais que consistem nos mapas propriamente ditos, utilizados por Gaspar Barléus, representando as capitânicas conquistadas; e como mapa mural, editado por Joan Blaeu, em 1647, confeccionado a partir da sobreposição e colagem de onze folhas e do acréscimo de textos em francês, latim e holandês, e que recebe o título de ‘*Brasilia qua parte paret Belgis*’”⁴⁸

Trata-se de uma obra de grandes dimensões (101x 160 cm), que abrange desde a Capitania de Sergipe, até o Rio Grande (do Norte), detendo-se em detalhes sobre os rios e outros acidentes geográficos, caminhos, engenhos e povoados.

⁴⁶ WÄTJEM, Hermann. O Domínio Colonial Holandês no Brasil. Recife: CEPE, 2004.

⁴⁷ GUEDES, Max Justo. A Cartografia Holandesa do Brasil. In.: HERKENHOFF, Paulo (Org.) *O Brasil e os Holandeses: 1630-1645*. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999 (p. 64-85).

⁴⁸ Menezes, 2011 op. Cit. P 8.

Trata-se de uma obra abundantemente ilustrada, abrangente como a gama de conhecimento de seu autor, e de um nível de precisão que impressiona até os dias atuais.

Mais recentemente a obra de George Marcgrave foi retomada por Levy Pereira⁴⁹, no sentido de buscar georeferenciar a obra cartográfica do século XVII.

Posteriormente, o levantamento arqueológico de campo realizado no âmbito da pesquisa no entorno do Rio Manguaba buscou estabelecer comparação com os pontos notáveis georreferenciados em campo e aqueles assinalados por Levy Pereira no programa BQPPB, naquela área do Estado de Alagoas.

⁴⁹ Levy Pereira com formação em Engenharia Aeronáutica (ITA) dedica-se atualmente aos estudos de cartografia histórica do Brasil holabdes.



A obra iconográfica holandesa do período Nassoviano e além, é ainda mais ampla. Envolve detalhes de batalhas navais e terrestres, de cercos, estudos estratégicos, fortificações, enfim de toda uma gama de temas que importam ao governo holandês, desde as conquistas realizadas ou buscadas, às posições do inimigo.

Abordagem de Campo

Os estudos geográficos têm demonstrado a persistência temporal dos caminhos, perpassando os séculos, e mesmo as civilizações.

No Brasil, embora no início da colonização portuguesa grande parte da comunicação ao longo do litoral se fizesse por navegação de cabotagem, as trilhas terrestres não eram desconhecidas. Conhecidas e utilizadas pelos nativos, aqueles antigos caminhos foram gradativamente sendo aprendidos e usados pelo colonizador.

Nos dias atuais este trajeto corresponde ao eixo central de ligação paralela ao litoral que se desenvolve ao longo de toda a costa. E esta parece ter sido sua vocação, desde os primeiros tempos coloniais. Por outro lado, este traçado, que não se prende ao curso de um rio, como ocorreu com o Rio São Francisco, parece remontar a períodos bem anteriores, ao conhecimento adquirido por grupos nativos da região que de hábito se deslocavam entre as diferentes regiões. No caso dos caminhos ao longo do litoral do Nordeste, os rios em lugar de representar uma direção a ser seguida, constituíam-se em obstáculos a serem transpostos. Nesta Região a maior parte dos rios é de pequeno curso, e se dirigem quase que perpendicularmente ao litoral. Apenas nas terras baixas da planície litorânea se formam intensos meandros que vêm a constituir ilhas fluviais.

Na realidade eram poucos os rios que representavam severos obstáculos exceto durante o período das chuvas fortes. Entretanto, os rios e alagados, sobretudo os alagados, forçavam muitas vezes longos contornos, na busca de terreno mais firme, de pontos de passagem. Assim, muitas vezes os caminhos afastavam-se da costa. Em Pernambuco, desde seus limites quinhentistas no Rio São Francisco, atravessando toda a Capitania e prosseguindo pela de Itamaracá, e mais além na da Paraíba, nas áreas alagadas, paludosas, do litoral recortado pelos maceiós, os caminhos se afastavam da costa, evitando as várzeas mal drenadas. Seguiam muitas vezes sobre as terras mais elevadas, onduladas de Barreiras, ou buscavam a meia encosta serpenteando entre os mares de morros ao sul de Recife.

No período entre o final do século XVI e início do XVII têm lugar as campanhas de re-conquista das terras das Capitanias ao norte de Itamaracá, dominadas pelos nativos aliados dos franceses. Uma campanha que se fez por terra, seguindo as trilhas nativas, há muito estabelecidas.

Assim, ainda no século XVI e início do XVII estes caminhos estenderam-se para Norte atravessando a Capitania de Itamaracá, da Paraíba, do Rio Grande do Norte, seguindo através do Siara até o Maranhão, acompanhando as guerras de ‘pacificação’ sobretudo dos potiguaras que estorvavam o avanço colonial português. Em parte das terras do Rio Grande do Norte, as dunas do litoral, ainda que não se constituíssem em obstáculos de fato, representavam uma empreitada ainda mais extenuante. Na sequência dos domínios vegetacionais, visto a partir da costa, às dunas seguem-se as terras baixas onde as lagoas formam um rendilhado cuja fisionomia se altera entre a estação das águas e a da seca. Ali a travessia exige conhecimento do terreno, das trilhas praticamente imperceptíveis aos olhos desacostumados. Naquele rendilhado, uma tentativa desavisada, facilmente pode levar a um verdadeiro labirinto de lagoas e estreitas nesgas de terra. Nesta seqüência topográfica, têm início as primeiras elevações, que de início foram cobertas pelas matas, e por onde corria grande parte das trilhas utilizadas pelos colonizadores.

Mas as areias e lagoas não impediram os feitos da tropa comandada por Luiz Barbalho Bezerra. Aquela tropa integrava a desafortunada frota do Conde da Torre, que em seus percalços foi ter na Ponta de Touros, onde pode desembarcar. Seguindo para o sul, buscando atingir o Rio São Francisco, a tropa combateu os holandeses que ocupavam a Vila de Goiana, tomando-a de assalto⁵⁰. Na ocupação da vila os holandeses contavam naquela ocasião, com cerca de 1.300 combatentes, entre europeus e nativos seus aliados.

Por outro lado, depois da conquista, o estabelecimento dos engenhos, com seus canaviais, e matas remanescentes, com baixa densidade demográfica, tornava as estradas muito ermas. Via de regra, a população buscava se aglutinar em torno das fábricas de açúcar, das vilas, ou mesmo de uma capelinha, estrategicamente construída com este fito. As longas distâncias a percorrer, que não podiam ser vencidas no curso de um dia, as tornava perigosas. Os viajantes, sobretudo à noite estariam a mercê de ataques, seja do ‘gentio brabo’, seja das feras que rondavam na mata. Sem falar de outros ‘colonos’, que para aqui vinham forçados pelo degredo, ou para fugir das penas resultantes dos crimes que haviam praticado na metrópole.

Tais perigos preocupavam os administradores da colônia. Como também preocupava a evasão de divisas, na forma de produtos ou mesmo de ouro que viesse a ser descoberto. Assim, melhor seria ‘oficializar’ caminhos, e guarnece-los. Em 1612, durante o período de união da Coroa Ibérica, Gaspar de Sousa, nomeado para o cargo de Governador Geral, trazia em seu Regimento a determinação de "Fazer caminho por terra entre a Bahia e Pernambuco, colocando até dez casais de índios entre cinco e seis léguas⁵¹ uns dos outros, para facilitar o caminho e não deixar passar quem não tenha sua licença ou a do capitão"⁵². O ‘fazer caminho’, na realidade, seria antes melhorar as trilhas existentes, conhecidas.

Estes caminhos seriam pouco mais tarde utilizados pelos holandeses, quando já senhores da terra, pilhavam os engenhos e povoados⁵³. Os cartógrafos holandeses não deixaram de registrar muitos destes caminhos. O naturalista alemão Georg Marggraf registrou em uma de suas obras sobre o Brasil a costa da Capitania de Pernambuco e, nela, chamado o Caminho de Camarão.

A terceira estrada penedense é o Caminho de Camarão que mereceu as honras do registo. São setenta léguas de trajeto mas não é crível seu uso habitual. Alguns trechos, transformados em vias de acesso, popularizaram-se no tráfico militar entre as povoações. O Caminho, de Camarão era a trilha seguida pelo indígena norte rio grandense, dom Antônio Felipe Camarão, do gentio potiguar, com suas tropas, em sucessivas jornadas guerreiras, para assaltos inopinados e felizes. Esse Caminho, passando quase pelos extremos do Piassabuçu, do Piauí, do Cururuí (Cururipe), Giquiá (ou Jequiá), Urubutinga, alto S. Miguel,

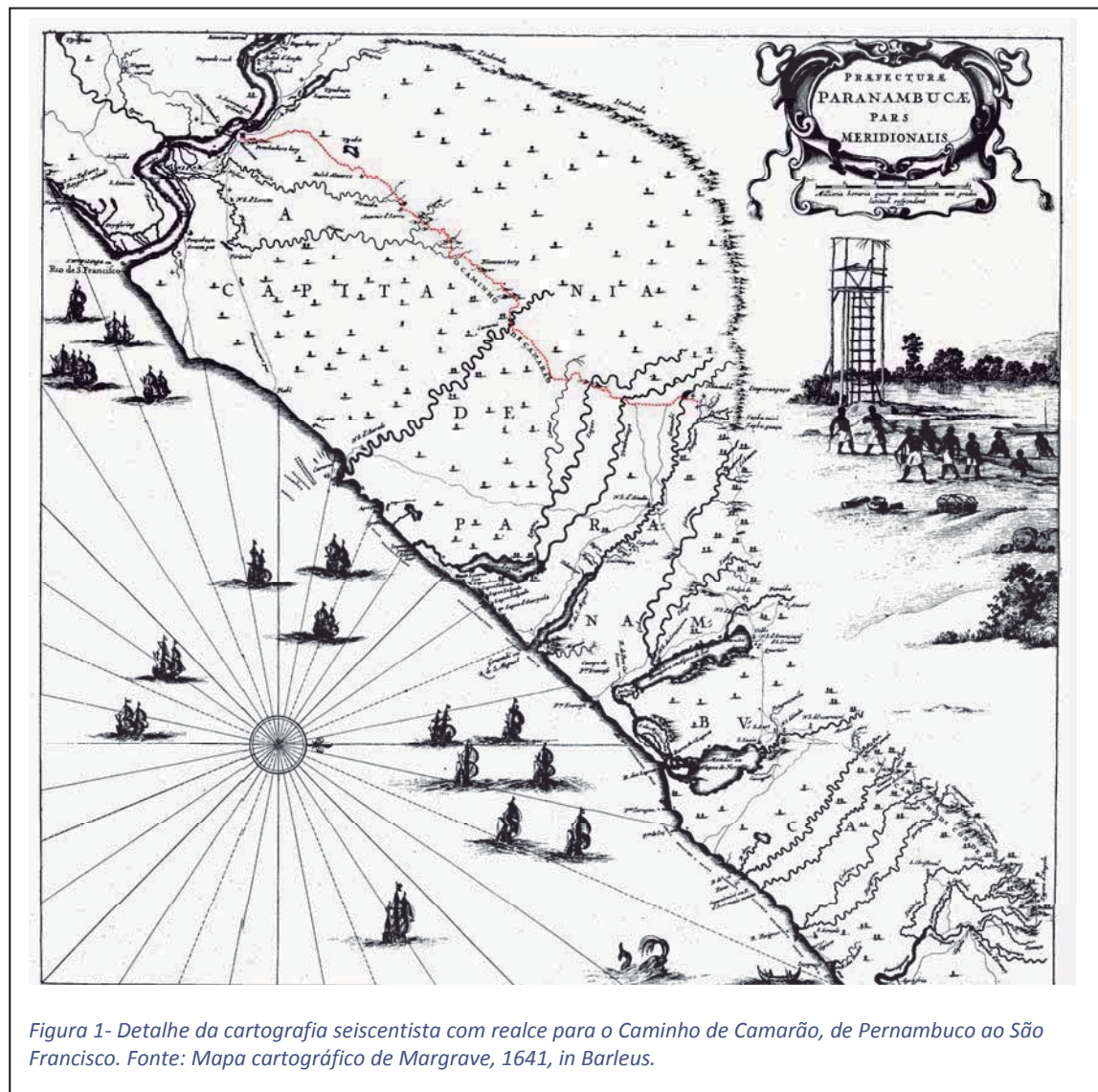
⁵⁰ 28 de fevereiro de 1640.

⁵¹ Corresponde a 30 a 36 km de distância entre os assentamentos, uma jornada forçada, considerando-se os caminhos.

⁵² Regimento de Gaspar de Sousa de 6.10.1612 (atribuição 35ª), em R.F.A., vol. 1, p. 436. Apud SALGADO, Graça. [Org.] op.cit. p.172

⁵³ Depois o general das armas holandesas Sigismundo deixou a maior parte da sua gente fortificada nas casas do engenho de Maciape até onde tinha chegado, vindo da Paraíba para a campanha, partiu para o Recife a 10 ou 11 de fevereiro e veio por umas Campinas até Paratibe, saqueando quanto achava, e dali se foi recolhendo ao Recife pela vila de Olinda, ao qual havendo chegado lhe fizeram muita festa com grandes surriadas de artilharia e mosquetaria, muito contentes por se haver tomado a Paraíba e ter ganhado a campanha até Maciape. Santiago, Diogo Lopes de. História da Guerra de Pernambuco, 1ª edição integral segundo apógrafo da Biblioteca Municipal do Porto. P. 95

*atravessava os campos férteis do Nhuanhu (Inhauns) onde se voltava para o sul, cortando o Potimiri, o Potiguaçu, o Súbaúna, o Itinga, o Salgado, passando pela povoação de Nossa Senhora do Rosário onde uma variante o levava à de Sant'Amaro, baixando para "Velho", atual cidade do Pilar, engenho de Gabriel Soares da Cunha, primeiro Alcaide Mor de Madalena (Alagoas) quando, agosto de 1633, os holandeses atacaram e que pertencia então a Domingos Rodrigues de Azevedo."*⁵⁴



Mas a dominação holandesa do litoral redirecionou as trilhas seguidas pelos luso-brasileiros. E o deslocamento Norte/Sul nas terras do Brasil, passou a ser interiorano. A população que não aceitara a dominação batava, e, sobretudo os grupos que se opunham aos holandeses, evitava os caminhos do litoral e mais ainda as rotas marítimas e fluviais.

Se a desorganização social da colônia portuguesa, promovida pela invasão dos holandeses sustou o avanço, a ocupação, das terras do sertão, os campanhistas que necessitavam transitar longe do mar, longe das terras ocupadas pelos holandeses, encarregaram-se de abrir novos caminhos, que lhes permitisse atravessar Pernambuco, chegar ao Ceará e ao Maranhão, em suas lutas para expulsar o invasor. Capistrano de

⁵⁴ PEREIRA, Levy. "O CAMINHO DE CAMARAO (caminho)". In: BiblioAtlas - Biblioteca de Referências do Atlas Digital da América Lusa. Disponível em [http://lhs.unb.br/biblioatlas/O_CAMINHO_DE_CAMARAO_\(caminho\)](http://lhs.unb.br/biblioatlas/O_CAMINHO_DE_CAMARAO_(caminho)). Data de acesso: 3 de setembro de 2014.

Abreu⁵⁵ admite que estes caminhos que cruzavam o sertão pernambucano “com a capitulação de Taborda, a evacuação do Recife e a vitória final dos patriotas, o desuso os tornou obsoletos e por fim fecharam-se, para não se abrir senão muito tarde, quando o primeiro impulso colonizador divergira para outros rumos”.⁵⁶

Durante o temporário abandono das trilhas do sertão os caminhos mais próximos do litoral, já então muito bem definidos foram retomados. E é provável que tenha sido por sobre estes mesmos caminhos que se estabeleceu grande parte das nossas atuais estradas. Até mesmo a via férrea, implantada bem mais tarde, no século XIX, aproximava-se da ‘estrada geral’⁵⁷.

Quando se analisa a documentação histórica relativa à ocupação holandesa na área do entorno do Rio Manguaba, chama a atenção a ênfase que se dá aos deslocamentos, às idas e vindas tanto pelo litoral quanto pelo interior. Somava-se ao interesse econômico da área, por seus engenhos e as muitas caixas de açúcar ali produzidas, o fato de ser rota obrigatória para o contato por terra entre as Capitânicas do Norte (entenda-se o atual Nordeste) e Salvador, a sede do governo Hispano-Português. As terras das Alagoas, como o próprio nome indica, mostrava-se, próximo ao litoral, repleta de lagoas, de rios perenes, com seus cursos meandantes. Durante o inverno, o período das chuvas intensas e contínuas fazia os rios transbordarem, inundando vastas áreas.

⁵⁵ (op.cit)

⁵⁶ ibidem

⁵⁷ “...da estrada geral que segue para a villa do Cabo e olha para o nascente, em cuja eminência, para o lado do poente, se vê erguida a igreja de Nossa Senhora dos Prazeres: em frente deste monte está hoje edificada a casa da estação da via ferrea.” **Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano Quarto Anno Tomo Segundo Outubro de 1866, N. 13.** Recife Typographia do Jornal do Recife Rua do Imperador N. 77 MDCCCLXIX p. 118



Figura 3 - Caminhos inundados durante o inverno de 2013.

Inundavam-se os caminhos e as passagens, pontos dos caminhos em que os rios precisavam ser atravessados, tornavam-se muitas vezes impraticáveis. Nestes tempos, só os caminhos bem mais interioranos eram praticáveis. Nestas circunstâncias Porto Calvo era passagem obrigatória para quem atravessava a Alagoas Boreallis.

Na cartografia seiscentista holandesa, que enfoca as atuais terras alagoanas, detalha a intrincada rede hídrica bem como mostra claramente os caminhos existentes. Ali se pode observar os pontos de passagem onde se atravessava os rios e muitas vezes os contornos que os caminhos faziam em busca de melhores condições de acesso. No período das chuvas as terras baixas, de topografia amena, se tornavam quase ou totalmente impraticáveis. Buscava-se os caminhos que cortavam as terras mais altas, ainda que mais longos e mais cansativos, mas que evitavam os extensos alagados.

Em tempos de paz, ou quando se dominava o litoral, as praias também serviam de caminho. Muito do trânsito das tropas holandesas se fez pelas praias. Aí os rios também lhes retardava a marcha. Era necessário bem calcular, ou aguardar a baixa-mar para atravessar a foz de alguns rios. Outros, mais caudalosos, era necessário subir em busca de um trecho que desse váu.

“Com meia maré atravessamos o Rio São Gonçalo aonde a Companhia já teve um forte na sua barra e outro mais para o interior; ambos, por não serem de muito préstimo, foram arrasados e abandonados; aí entramos pela mata, porque com a maré alta a praia não mais poderia servir de caminho; aí descansamos e permanecemos até que com o início da vazante pudéssemos reiniciar a marcha em direção ao Rio Santo Antonio Grande,⁵⁸”

Ainda se tomando por base a cartografia holandesa, observa-se que ali estão assinalados os pontos de interesse estratégico e econômico.

⁵⁸ Bullestrat, 1642. P. 179

Estão registradas as unidades produtivas (engenhos), igrejas ou capelas (em cujas cercanias sempre havia moradores), aldeias indígenas e até mesmo casas isoladas. E principalmente os pontos defendidos, fortins, baterias, etc.. Ou seja, pontos de convergência de população; pontos que poderiam apresentar resistência ou de futuro vir a servir de apoio às incursões batavas.

Considerando-se a atividade produtiva voltada ao fabrico do açúcar, e as necessariamente grandes extensões ocupadas pela lavoura canavieira, e as extensas matas relatadas, é de se pressupor uma baixa densidade demográfica na área. Pequenos núcleos constituídos pela sede dos engenhos dispersos na área, não diferiam muito das próprias povoações, como é o caso de Porto Calvo, para onde convergiam muitas estradas.

"Há nesta freguesia uma aldeia a que os portugueses chamam Vila de Bom Sucesso de Porto Calvo e que anteriormente se denominava Povoação dos quatro rios, por se achar situada na confluência de quatro rios: o Maleita, o Tapamundo, o Comandatuba e o Manguaba. Está edificada sobre uma eminência, ... Tem a aldeia duas ruas, sendo que a principal se estende paralelamente ao rio, de um forte a outro. Chama-se rua de São José e não contém mais do que umas três casas de um único pavimento e cerca de 35 ou 36 outras cobertas de sapé, construídas sobre o chão raso⁵⁹

Para Porto Calvo convergia grande parte dos viajantes que se deslocavam na direção Norte/Sul, assim como aqueles que demandavam ou provinham do sertão

A escolha dos locais de assentamento dificilmente é aleatória, sobretudo em tempos em que predominavam os espaços abertos. Dependendo do tipo de assentamento todo um conjunto de características era avaliado, fosse conscientemente ou não. No caso dos engenhos, a proximidade da mata onde se podia obter a lenha; no caso dos engenhos movidos a água, os cursos d'água perenes, ou a possibilidade de abrir-se uma levada; as terras boas para a cana, e assim por diante. No caso dos povoados, o acesso, a salubridade, a disponibilidade de água, e tantos outros requisitos. Não era diferente para os caminhos. Buscava-se o traçado que melhor atendesse as questões mais prementes. No caso dos caminhos para o gado, os que passassem por aguadas, áreas de pasto, pontos de pernoite para os boiadeiros; nos tempos de guerra, aqueles que evitassem surpresas desagradáveis, como o encontro com o inimigo; mas como regra geral os caminhos buscavam os acessos mais fáceis, menos íngremes, onde houvesse passagens para cruzar-se os rios.

No início do povoamento da Capitania de Pernambuco, já desde o século XVI, na busca pela expansão do território levava a incursões, a princípio, ao longo do litoral. Ainda no início da segunda metade do século XVI, o avanço português atingia as terras do Cabo de Santo Agostinho, pressionando a numerosa população indígena para o sertão. Os rios que desaguavam no oceano, naquele trecho do litoral, já reconheciam os portugueses, não permitiam um grande avanço no sentido do interior. Embora perenes no litoral, poucos quilômetros terra adentro, logo de tornavam intermitentes, impedindo a navegação. O São Francisco, por seu porte, era o grande rio que “prometia” um acesso mais franco à terras interioranas, acreditavam os portugueses. Assim o avanço rumo ao São Francisco já era uma meta desde o primeiro Donatário.

⁵⁹ Nieuhof, Joan. Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil. Traduzido do inglês por Moacir N Vasconcelos. Livraria Martins, São Paulo (1682), pg. 34-35

*A tendência de todos esses povoadores era evidentemente o rio S. Francisco, que o primeiro donatário se oferecera a conquistar, seduzido pelas riquezas dele fabuladas. Pelos anos de 1 630 estava repartido todo o espaço entre Igaraçu e sua foz, e ainda além; Duarte Coelho III elevou Penedo à categoria de vila.*⁶⁰

Ainda que a navegação de cabotagem fosse a principal via de transporte das caixas de açúcar entre os engenhos e os portos que carregavam para a Europa, o deslocamento de pessoas, de tropas se dava em grande parte por terra. Seriam novos caminhos ou valiam-se dos caminhos utilizados anteriormente pelos nativos? De qualquer sorte seriam estes mesmos caminhos que seriam trilhados pelos holandeses quando no século XVII executam seu plano de tomada dos engenhos e povoações.

A presença holandesa ao longo do litoral cerceava o movimento das tropas da Resistência, obrigando-os a buscar outros caminhos mais interioranos, que permitissem a comunicação entre as vilas, com outros portos. Seriam estes o *Caminho de Camarão*, o *Caminho do Conde*, referidos na cartografia holandesa, e alguns outros que não nos chegaram com seus nomes.

*A invasão holandesa sustou o avanço. Bagnuoli, Camarão, Henrique Dias, Vidal, Barbalho, abriram caminhos que lhes permitiam passar longe do mar de um a outro extremo de Pernambuco.*⁶¹

Com o fim do domínio holandês é possível que alguns caminhos alternativos, interioranos, tenham perdido sua importância a nível mais amplo. É o que se acreditava Capistrano de Abreu, em seu **Caminhos antigos e povoamento do Brasil, quando diz:**

*Com a capitulação de Taborda, a evacuação do Recife e a vitória final dos patriotas, o desuso os tornou obsoletos e por fim fecharam-se, para não se abrir senão muito tarde, quando o primeiro impulso colonizador divergira para outros rumos.*⁶²

Mas é possível ainda que os caminhos abertos embora já não representassem importância para os deslocamentos de longo curso, fossem absorvidos pela população local, em suas lides e conexões usuais.

⁶⁰ Abreu Capistrano de, **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. P. 40

⁶¹ Abreu Capistrano de, **Caminhos...** op. Cit. P. 40

⁶² Ibidem

No caso dos caminhos que atravessavam as Alagoas, como foi visto anteriormente, um fator ambiental garantiria a preservação do caminho que passava por Porto Calvo: a inundação de vastas áreas e dos caminhos que atravessavam as terras baixas do entorno do Manguaba, durante a invernada.

Um dos pontos que remetem a se entender como as populações se relacionam com o meio, é a disposição dos seus caminhos. Eles permitem, até certo ponto, conhecer-se a rede de conexões entre as atividades desenvolvidas. Os caminhos mais trilhados nos tempos de paz, via de regra mais largos, abertos, não necessariamente serão os mais buscados por ocasião de potenciais conflitos. Sua disposição em relação à topografia, comparando-se com alternativas outras de traçado, podem talvez revelar as preferências, a familiaridade com os diferentes ambientes presentes no local.⁶³

Uma das estratégias adotadas para a avaliação de áreas com potencial arqueológico, no entorno do Manguaba, foi a identificação dos antigos caminhos cartografados, e, georeferenciando-os, seguir seu traçado, comparando-os com os atuais caminhos e trilhas.

Complementarmente buscou-se através da documentação histórica, em relatos tanto luso-brasileiros quanto holandeses, confrontar as informações de modo a melhor identificar-se cada um dos trechos mencionados

A partir do traçado dos caminhos, buscou-se paralelamente identificar os pontos notáveis assinalados, em particular as passagens dos rios e riachos registrados na cartografia.

Este aspecto é tão mais decisivo quando se aproxima das cercanias de Porto Calvo e se confronta com as informações referentes às passagens de acesso à então Vila, no assedio infringido pelas tropas holandesas.

Com base em informações do registro histórico, textual e iconográfico, e em critérios espaciais, abrangendo as diferentes zonas em que ocorrem variações de drenagem, de topografia, foram selecionadas áreas cujas condições as distinguiam como potencialmente associadas a episódios relacionados à ocupação holandesa.

Do ponto de vista do registro histórico, após a tomada de Porto Calvo pelas tropas sob o comando de Nassau (1637), a vila permaneceu sob o domínio holandês por longos anos. Neste período, ao que parece, os cuidados se concentraram com suas defesas. Em seu "Breve Discurso" de 14 de janeiro de 1638, sobre o tópico "Fortificações", Nassau descreve as providencias tomadas em Porto Calvo:

"(...) Depois da conquista foi muito fortificado, mas ficou tal como era antes, muito irregular, e se faz mister cercá-lo de uma contra-escarpa com uma sólida paliçada. Este forte conserva ainda toda a sua artilharia e quase toda a munição que nele foi encontrada, apenas fez-se retirar algumas peças que não eram necessárias e estavam desmontadas. Está pois bem provido de tudo, e guarnecem-no duas companhias de soldados. Este forte está assentado sobre um

⁶³ Albuquerque, Marcos et ali. Trilha dos Holandeses - Uma avaliação geoarqueológica. Relatório de Pesquisa, Itamaracá, 2003

monte alto e isolado, e não há na vizinhança outros montes altos que o dominem; correm rios ao longo de dois dos seus lados. No forte há um poço com 18 braças de profundidade, construído com pedras de cantaria quadradas, que se elevam desde o fundo até à borda, e fornece água excelente."

Adriaen van der Dussen complementa, informando um efetivo de quatro companhias, com 380 homens, estacionadas em Porto Calvo:

"(...) o Forte Bom Sucesso, na povoação do Porto Calvo: trata-se de um bom forte, situado no alto de um outeiro, de mais de 40 pés de altura a contar do fosso, muito escarpado. Para ficar assegurada a estabilidade da muralha há, na parte exterior, de 14 em 14 pés, uma berma; tem um fosso profundo, uma forte paliçada e uma forte contra-escarpa. Contam-se 7 peças de bronze, a saber: 2 de 24 lb, 1 de 18 lb, 1 de 22 lb, 1 de 10 lb, 1 de 8 lb, 1 de 5 lb, uma peça de ferro de 6 lb e 2 pedreiros com suas câmaras, todas peças espanholas." (Relatório sobre o estado das Capitânias conquistadas no Brasil, 4 de abril de 1640)

Como foi mencionado anteriormente, a ocupação holandesa daquelas terras se deu mais sob um caráter destrutivo, de combates e de assentamentos temporários, muito efêmeros. No século XVII, em tempos de escassos recursos, com dificuldade de acesso a armamentos, os campos de batalha, cessado o conflito, comumente eram palmilhados em busca de espólios. Armas brancas e de fogo eram resgatadas aos mortos, e ainda munição, mesmo projéteis disparados, pois poderiam ser reutilizados. Assim, as expectativas arqueológicas em campos de batalha são muito reduzidas em termos de material bélico. Todavia a presença de trincheiras, ou mesmo sepultamentos não seriam incomuns.

Nestes termos foram consideradas as aproximações teóricas definidas com base nos textos, na iconografia coeva, na topografia, com especial atenção às áreas de terra firme e as áreas inundáveis. Com base nestes critérios foram estabelecidas as áreas preliminarmente consideradas de maior potencial arqueológico, nas áreas rurais.

Assim considerando, pode-se admitir que em Porto Calvo e em seu entorno (posições ocupadas pelos exércitos holandeses durante o cerco) concentram-se as áreas de maior potencial arqueológico. Ressalte-se ainda a casa do Frei Manuel Calado, o Engenho Crasto, registrado na cartografia como Wittehuys (hoje Fazenda Crasto), o povoado Caxangá, o povoado Quitanga (hoje Quitanda), além das áreas dos engenhos, como é o caso dos engenhos Alpoins, Cosmos, Innocentis e São Francisco. Cumpre salientar ainda a igreja de Santo Amaro construída para receber os fiéis quando as igrejas nova e velha de Porto Calvo foram fortificadas. Cumpre salientar ainda o local da Batalha de Mata Redonda, travada entre as forças de D. Luis de Rojas y Borja e do coronel Crestofle d'Artischau Arciszewsky.

No âmbito urbano, duas linhas de observação foram consideradas: as informações acerca de achados fortuitos e a identificação de possíveis "cicatrizes" das antigas estruturas de defesa. Ou seja os vestígios de antigas estruturas de defesa que serviram no modelamento de ruas e quadras que se instalaram em seu redor ou mesmo sobre suas estruturas abandonadas.

No que tange às prospecção de campo, sobretudo as prospecções de subsuperfície, um outro fator preponderante foi a disponibilidade de acesso às áreas selecionadas. Questões que foram desde à identificação e localização dos proprietários até a obtenção de permissão para acessar as propriedades e mesmo executar escavações. Nos locais onde se obteve autorização, a escavação foi realizada e em seguida os cortes fechados e reconstituída antiga topografia do terreno.

A prospecção de campo mostrou ainda a extensão do passivo em relação àquelas áreas consideradas de potencial arqueológico. Antigas edificações mal ou pouco conservadas até recentemente, tem sido irremediavelmente destruídas, cedendo espaço a novas formas de exploração do terreno, antes que qualquer estudo o tenha registrado. Mais recentemente o entorno de Porto Calvo tem sido alvo de profundas modificações em termos de uso do solo. Vastas extensões têm sido terraplanadas, com cortes e aterros, alterando as áreas alagáveis. Inclusive, uma destas áreas que estão sendo terraplanadas corresponde àquela onde teria ocorrido a batalha de Comandatuba. Novas estradas, novos loteamentos surgem no entorno da cidade, área que foi palco das manobras holandesas que culminaram com a tomada da então Vila. E os velhos redutos que deram apoio à defesa da Vila, muitos arrasados logo após os combates, restaram como cicatrizes no terreno, que pouco a pouco vão sendo inadvertidamente destruídos, talvez por não serem identificados, por não serem reconhecidos. A prospecção arqueológica trazendo à tona sua localização, seus contornos, representa um primeiro passo para seu resgate, para o resgate da memória alagoana dos tempos em que os flamengos buscaram se estabelecer nesta terra.

Prospecção de superfície

vistoria

A par dos estudos documentais, foi realizado um levantamento preliminar de campo, restrito a uma prospecção visual de superfície e de subsuperfície, nas margens e limites próximos do trecho navegável do Rio Manguaba – entre sua foz no município de Porto de Pedras e o início de seu trecho navegável, no município de Porto Calvo.

A prospecção arqueológica trazendo à tona sua localização, seus contornos, representa um primeiro passo para seu resgate, para o resgate da memória alagoana dos tempos em que os flamengos buscaram se estabelecer nesta terra.







Vistoria de superfície

Local das trincheiras



Prospecção de subsuperfície

Trincheiras

Os locais reconhecidos como de potencial arqueológico, mormente em áreas rurais foram prospectados em superfície e em subsuperfície (cortes-teste e trincheiras), e os resultados avaliados em termos de seu potencial como sítio arqueológico.

Todavia, para a realização das prospecções de subsuperfície, um fator preponderante foi a disponibilidade de acesso às áreas selecionadas. Questões que foram desde à identificação e localização dos proprietários até a obtenção de permissão para acessar as propriedades e mesmo executar escavações. Nos locais onde se obteve autorização, a escavação foi realizada e em seguida os cortes fechados e reconstituída antiga topografia do terreno.































Prospecção de subsuperfície

Cortes









Passivo

Aterro para implantação de estrada

A prospecção de campo mostrou a extensão do passivo em relação àquelas áreas consideradas de potencial arqueológico. Antigas edificações mal ou pouco conservadas até recentemente, tem sido irremediavelmente destruídas, cedendo espaço a novas formas de exploração do terreno, antes que qualquer estudo o tenha registrado.

Mais recentemente o entorno de Porto Calvo tem sido alvo de profundas modificações em termos de uso do solo. Vastas extensões têm sido terraplanadas, com cortes e aterros, alterando as áreas alagáveis. Inclusive, uma destas áreas que estão sendo terraplanadas corresponde àquela onde teria ocorrido a batalha de Comandatuba. Novas estradas, novos loteamentos surgem no entorno da cidade, área que foi palco das manobras holandesas que culminaram com a tomada da então Vila.



Terraplenagem







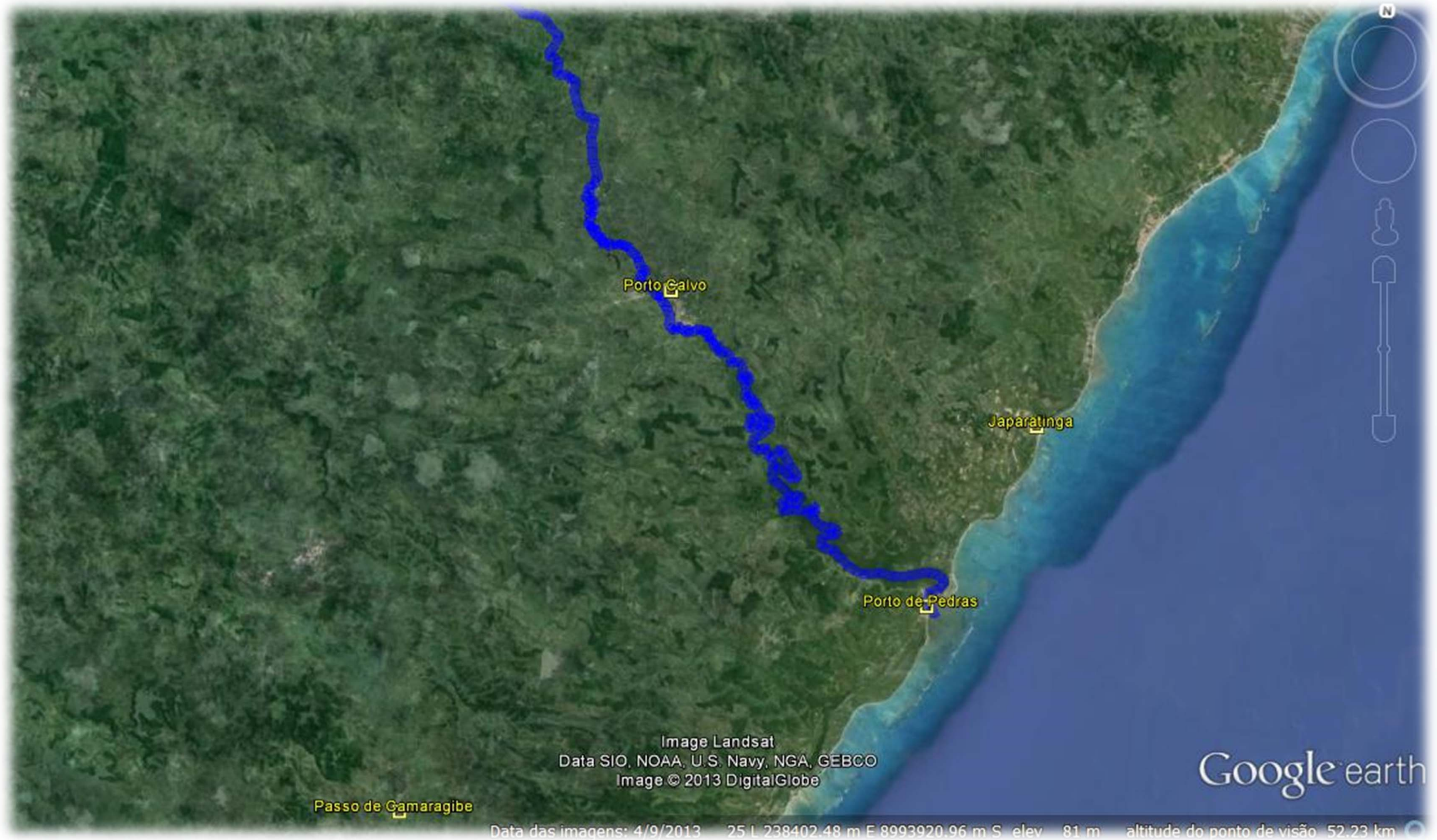
Resultados Obtidos

Rio Manguaba

Curso e afluentes assinalados na
cartografia holandesa

Área de inserção do Projeto

Curso principal do Rio Manguaba



Monguaba - Rio com barra no Oceano Atlântico, no sul da 'Baya grande ou Pto. de Calvo' (Barra Grande-AL). R. Porto Calvo' no MBU.
Nomes históricos: Mongaguaba (Mangoani; Mongúaba); Rio das Pedras; Rio de (do) Porto Calvo (R. Porto Calvo; R^o. Porto Caluo).
Nome atual: Rio Manguaba.

Principais afluentes do Manguaba e outros rios referidos na cartografia

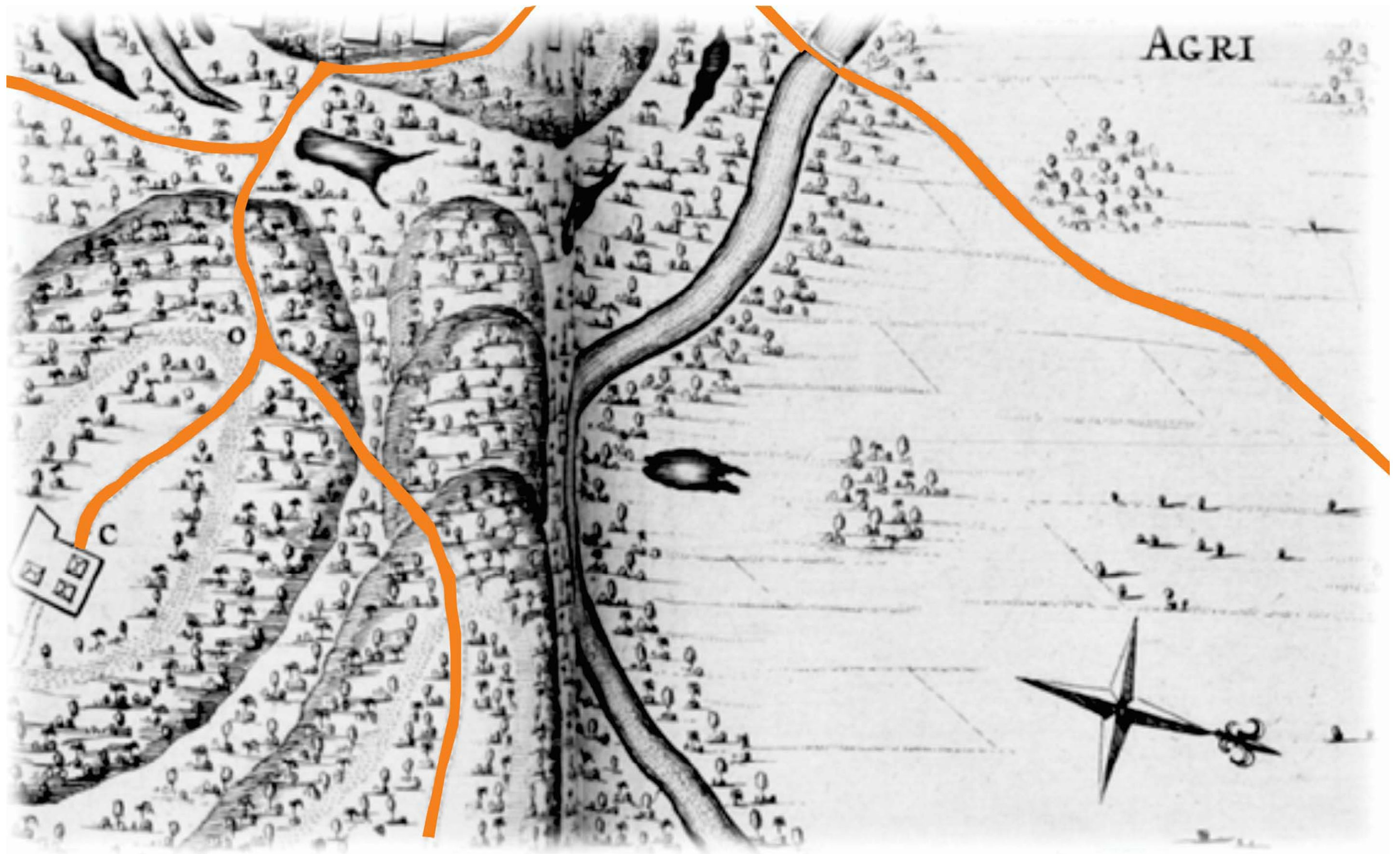


Caminhos assinalados na cartografia holandesa

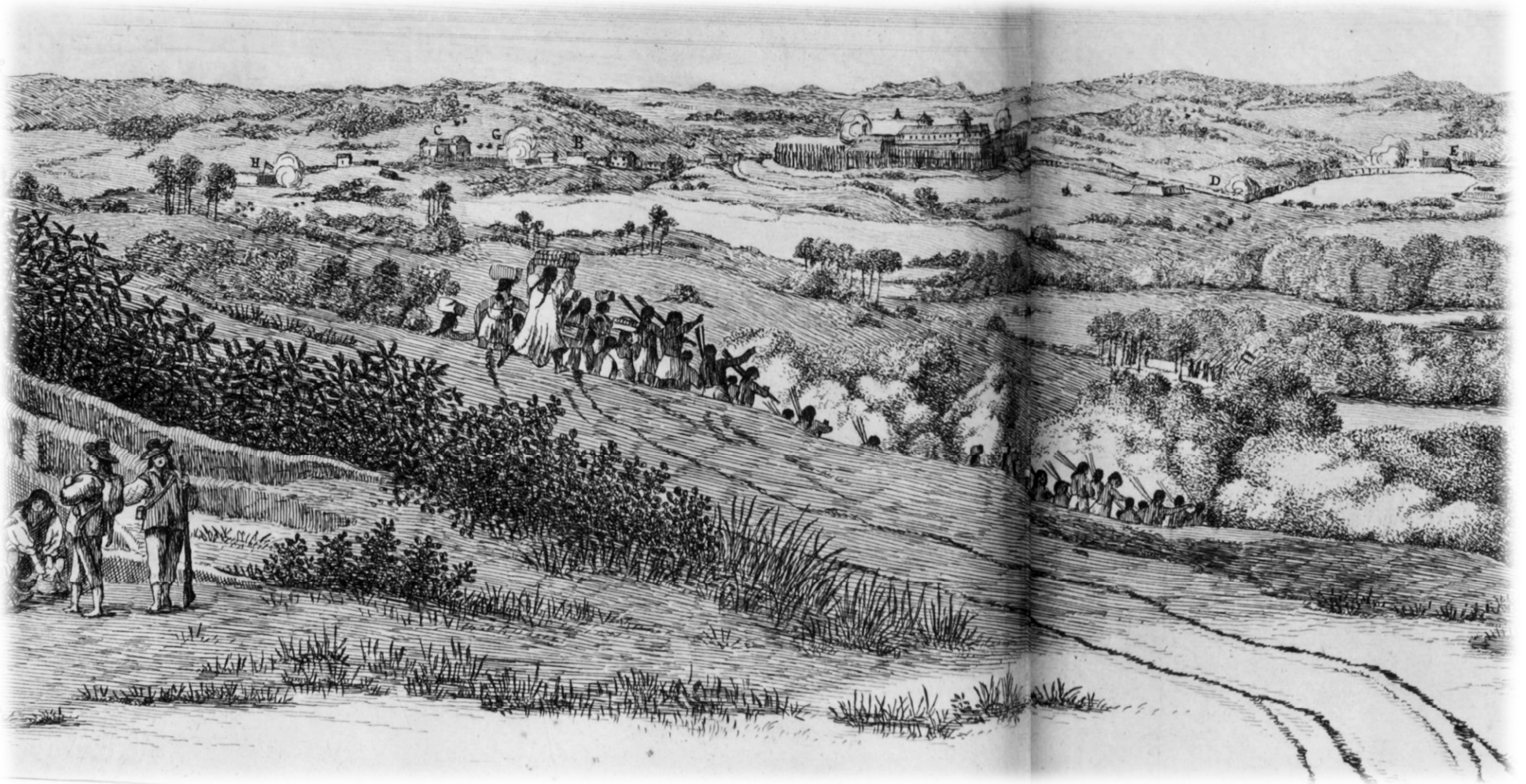
Caminhos percorridos

Caminhos por entre os alagados, à beira-mar, estradas que cortavam os canaviais, ou mesmo os bosques antes transitados por pacatos carros de bois transportando famílias, mercadorias e sobretudo a cana a ser moída, tornaram-se palco de deslocamentos de tropas.

Caminhos assinalados na cartografia holandesa

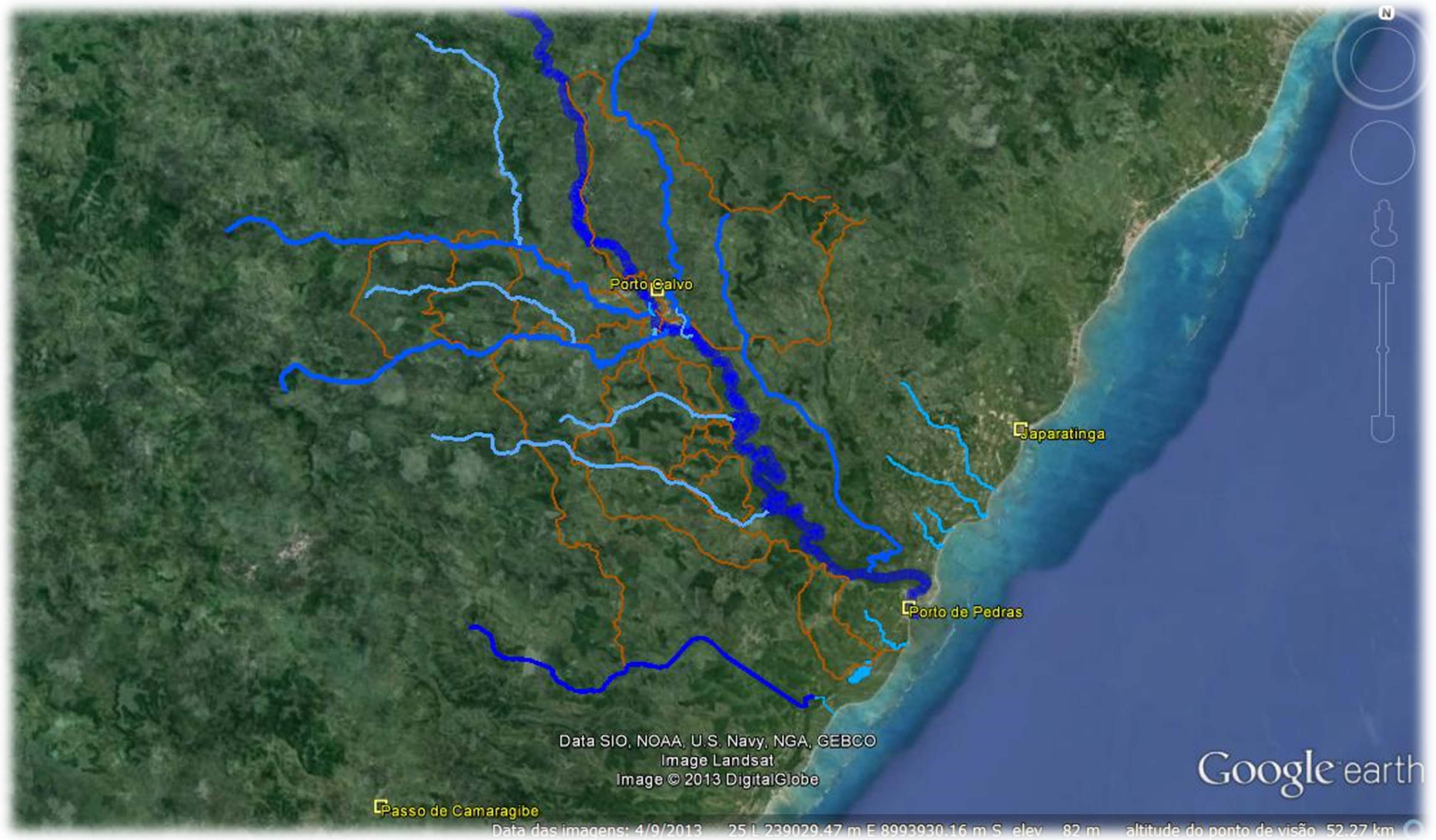


Portus Calvus (detalhe modificado)
Marggraf, Georg, 1610-1644 (il.)

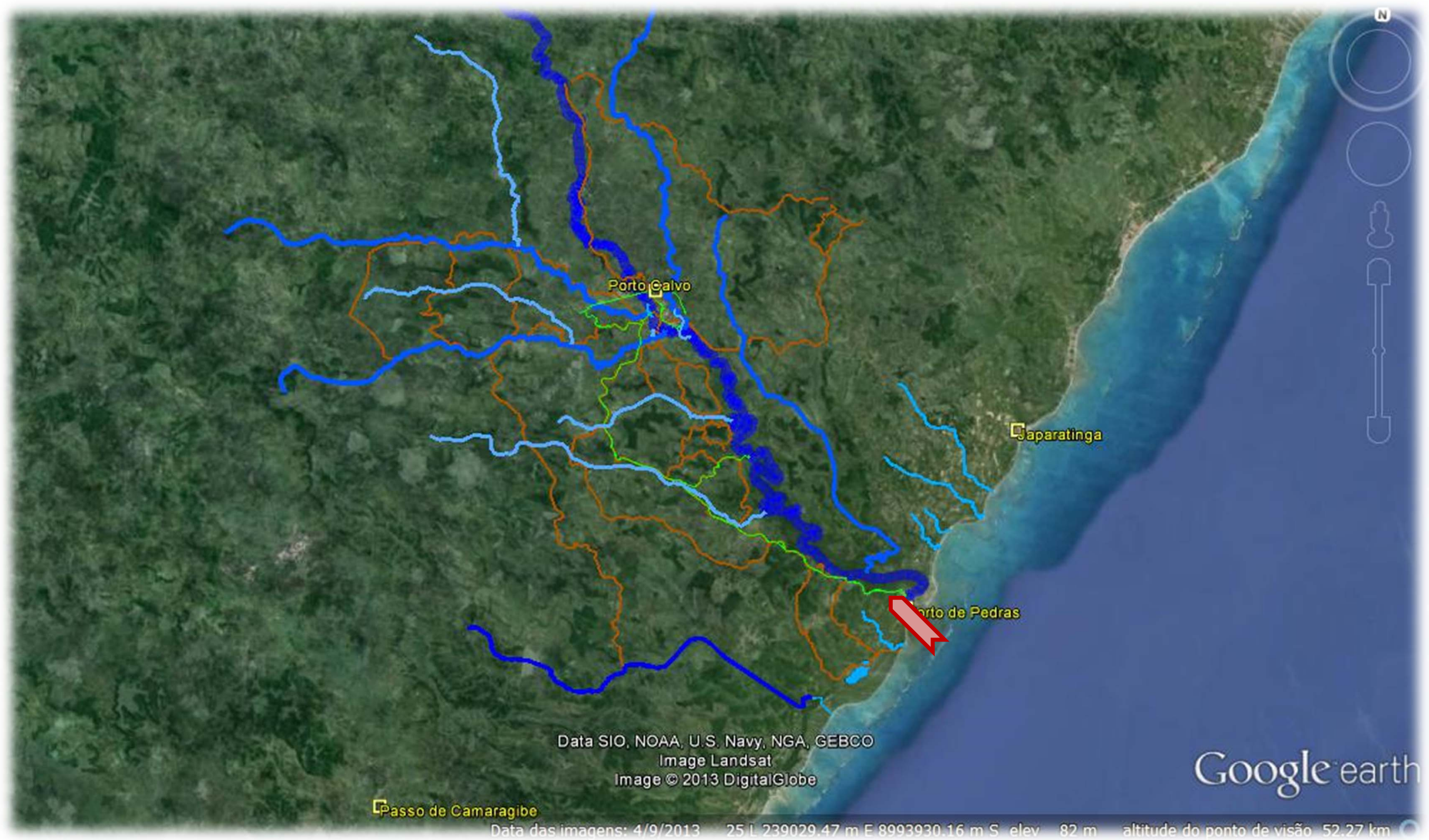


Obsidio et Expurgatio Portus Calvi - (detalhe)
Post, Frans Jansz, 1612-1680 (il.)

Caminhos assinalados na cartografia holandesa



Caminho entre Porto de Pedra e Porto Calvo (margem direita)



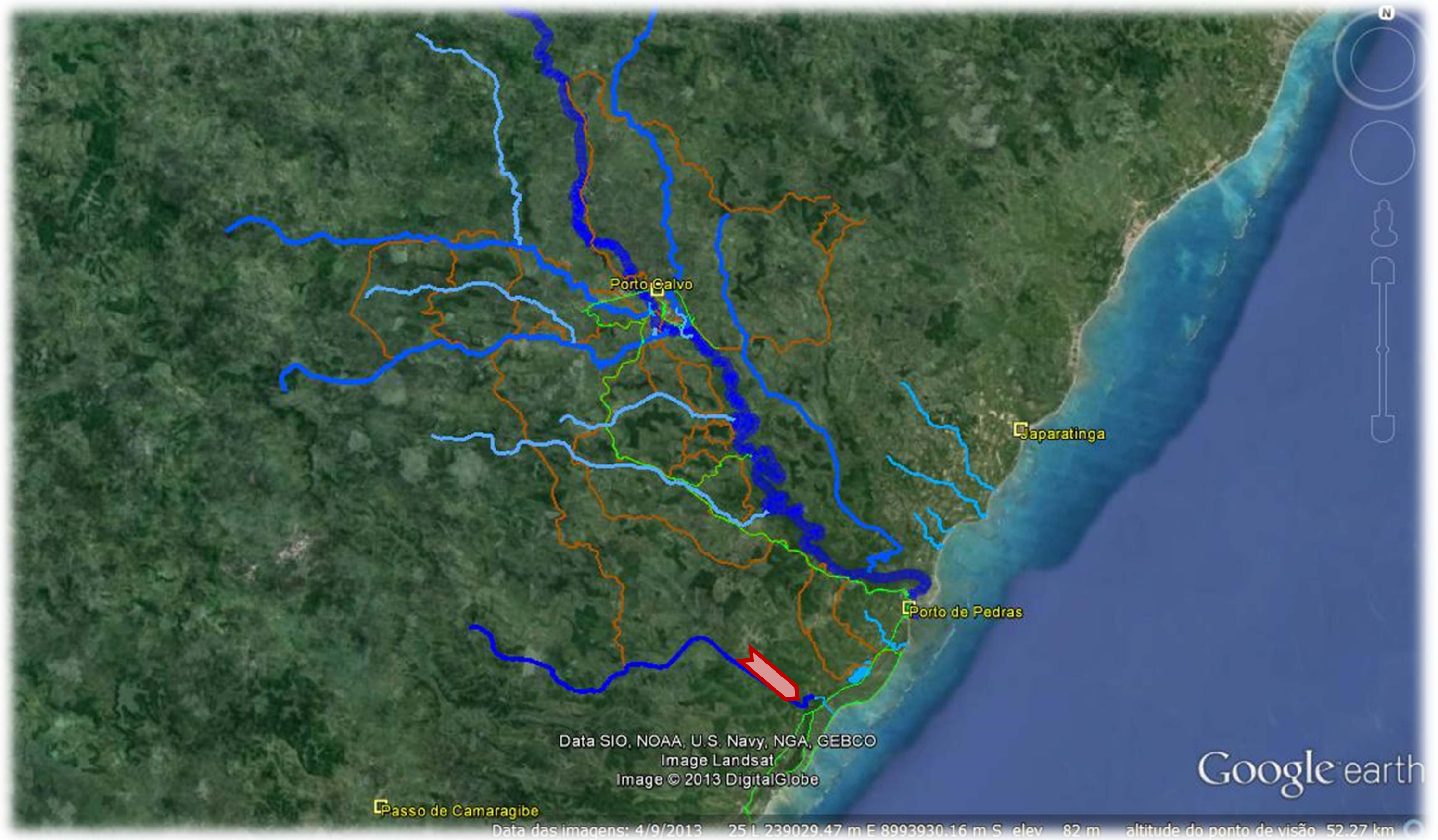




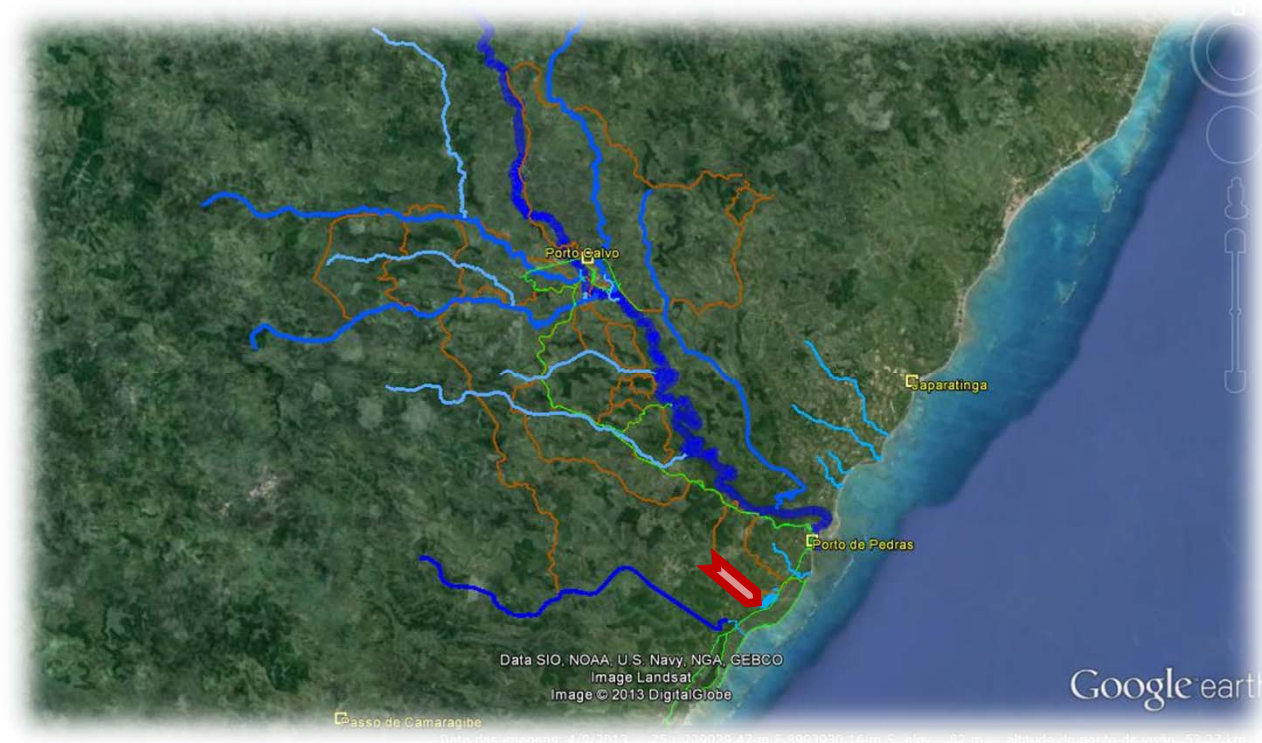




Caminhos à beira-mar: de Porto de Pedras ao Tatuamunha



Caminhos à beira-mar: de Porto de Pedras ao Tatuamunha





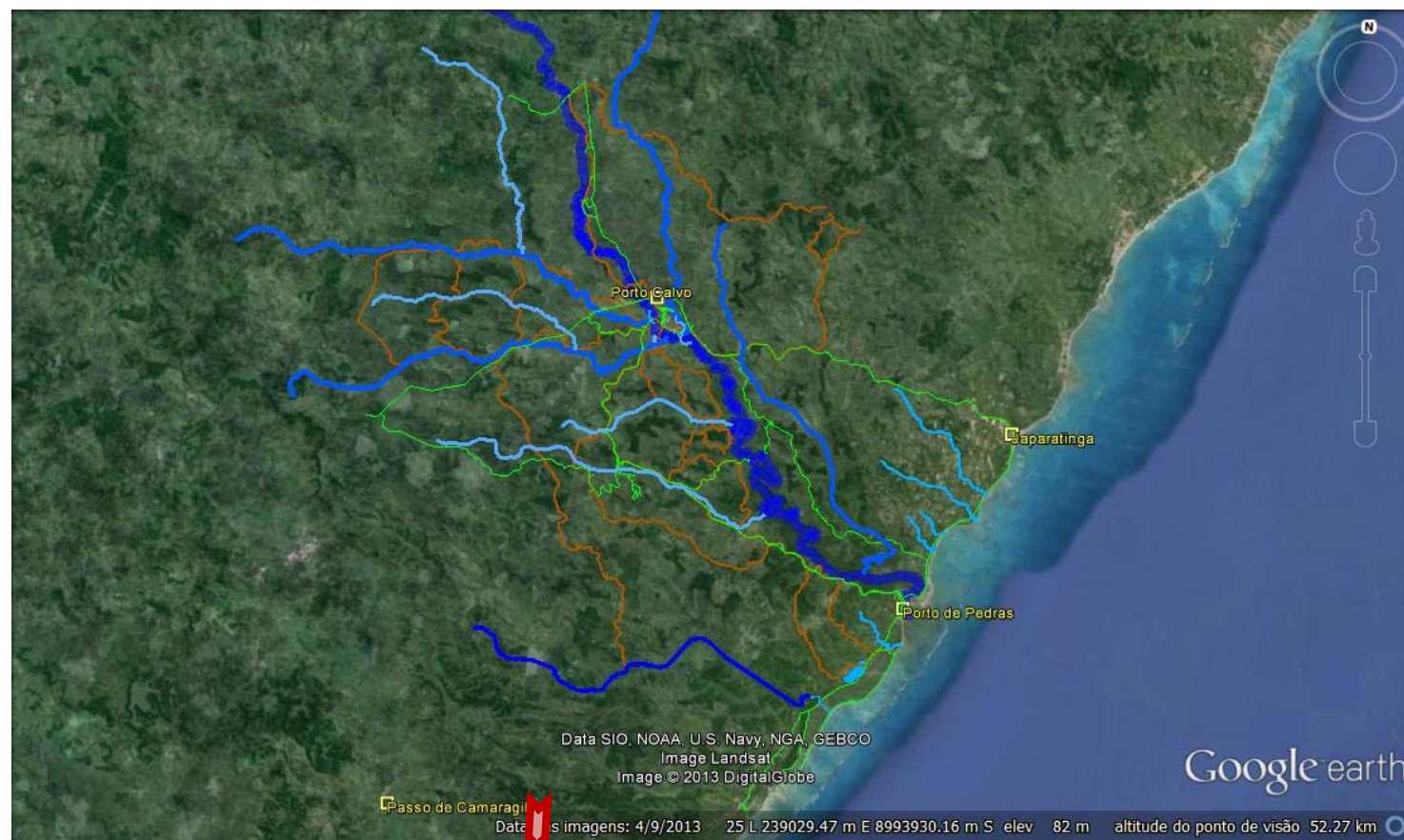


Caminho para Matriz de Camaragibe (dele se entra para Mata Redonda)





Caminho entre Porto Calvo a Japaratinga (margem esquerda do Manguaba)





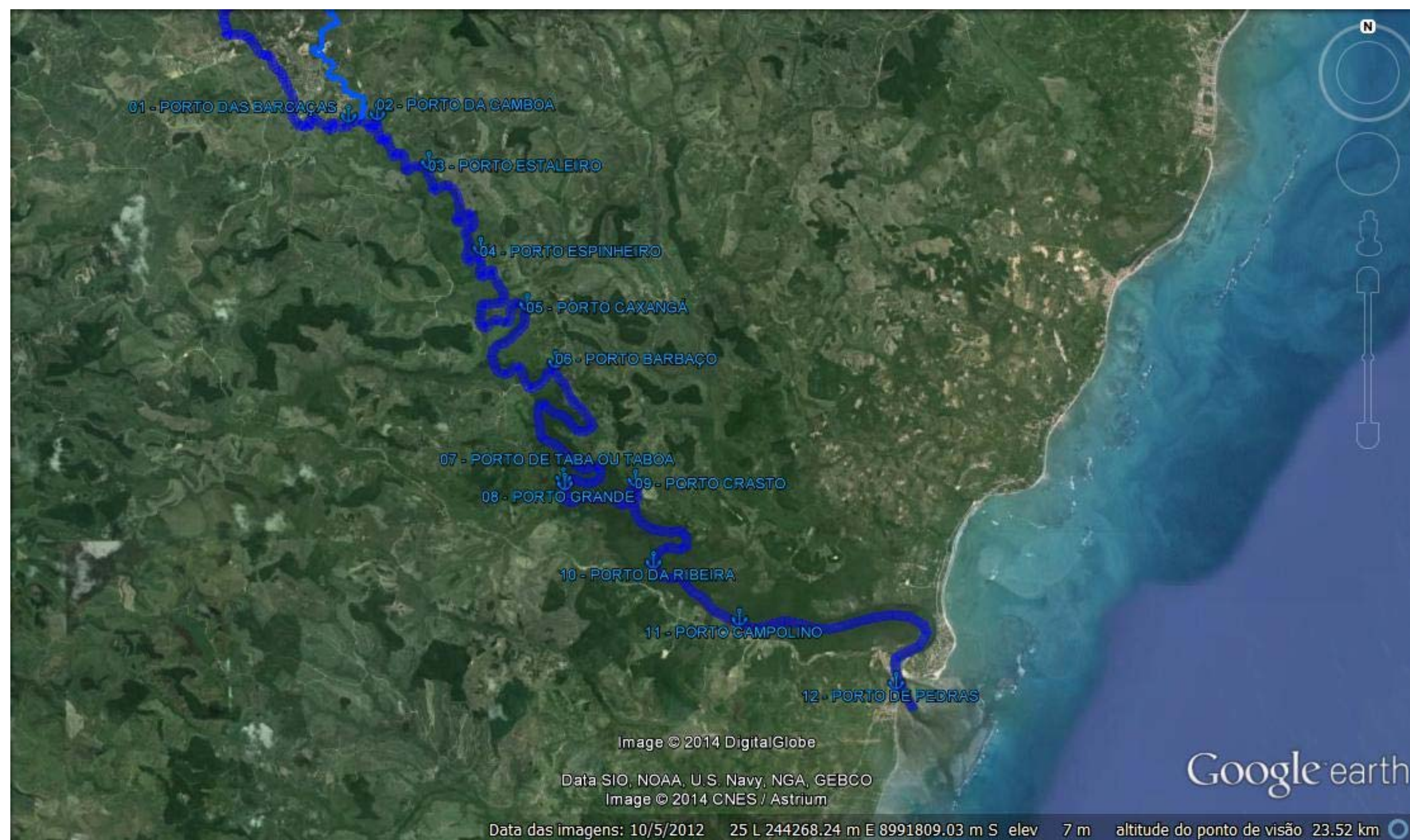




Portos no Rio Manguaba

Reconhecimento local

Nas proximidades de Porto Calvo tinha início o trecho navegável do Manguaba. E o rio servia de estrada maior por onde circulavam as caixas de açúcar em demanda da Europa. Seguiam em barcas até Porto das Pedras e daí para os portos maiores onde se concentrava o açúcar a ser embarcado. Com o açúcar, certamente circularam também outros artigos de comércio.



Porto das Barcaças

Porto do calvo ou Porto Calvo

Fazenda São Gonçalo



Porto da Camboa



Porto Estaleiro

Engenho Estaleiro



Porto Espinheiro

Fazenda Espinheiro



Arrombado

Abertura no rio para encurtar
caminho (furo)



Porto Caxangá

Engenho Caxangá



Porto Barbaço

Fazenda Tibau



Porto da Taba

Porto da Taboa ou Porta da Taba

Fazenda Porto Grande



Porto Grande

Fazenda Porto Grande

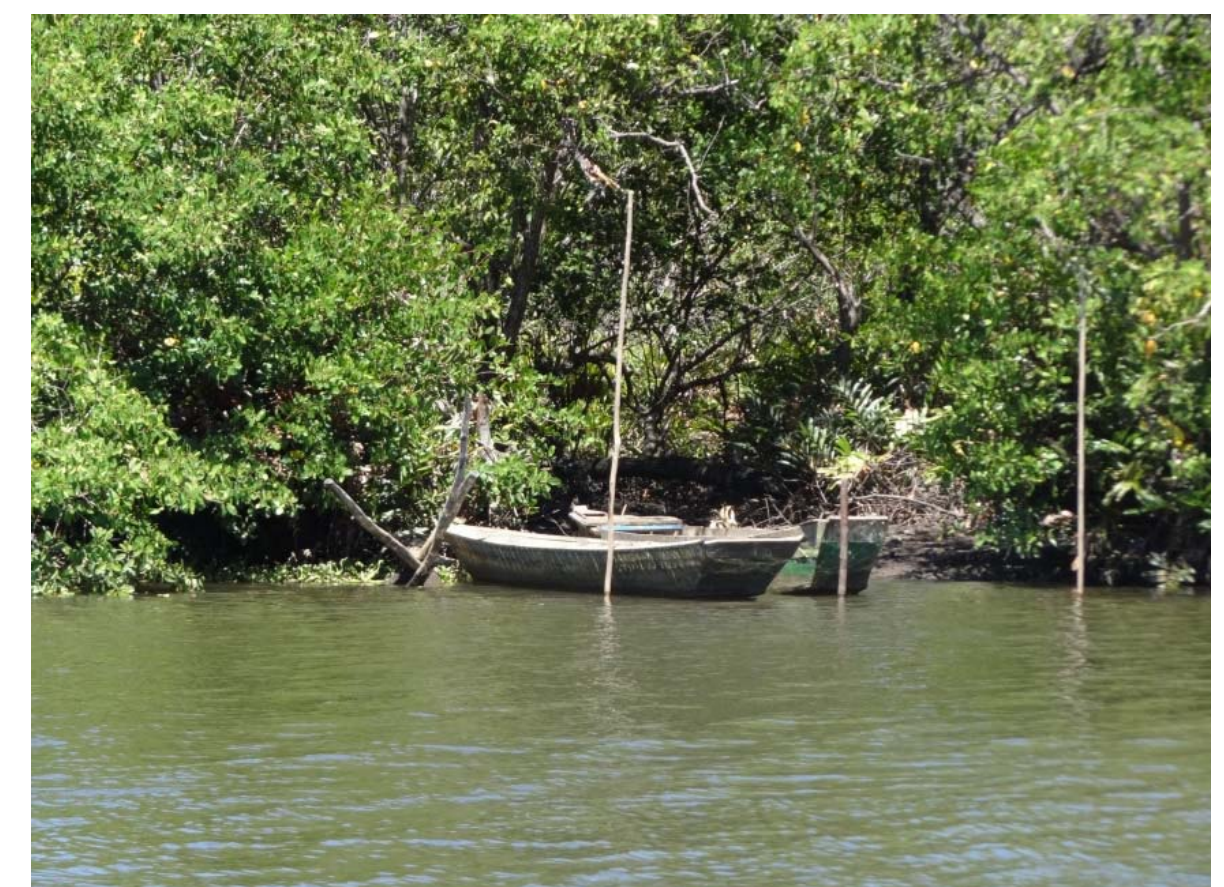


Porto Crasto

Fazenda Crasto



Porto da Ribeira



Porto Campolino



Porto de Pedras

Foz do Rio Manguaba

Lagamar da Rateia



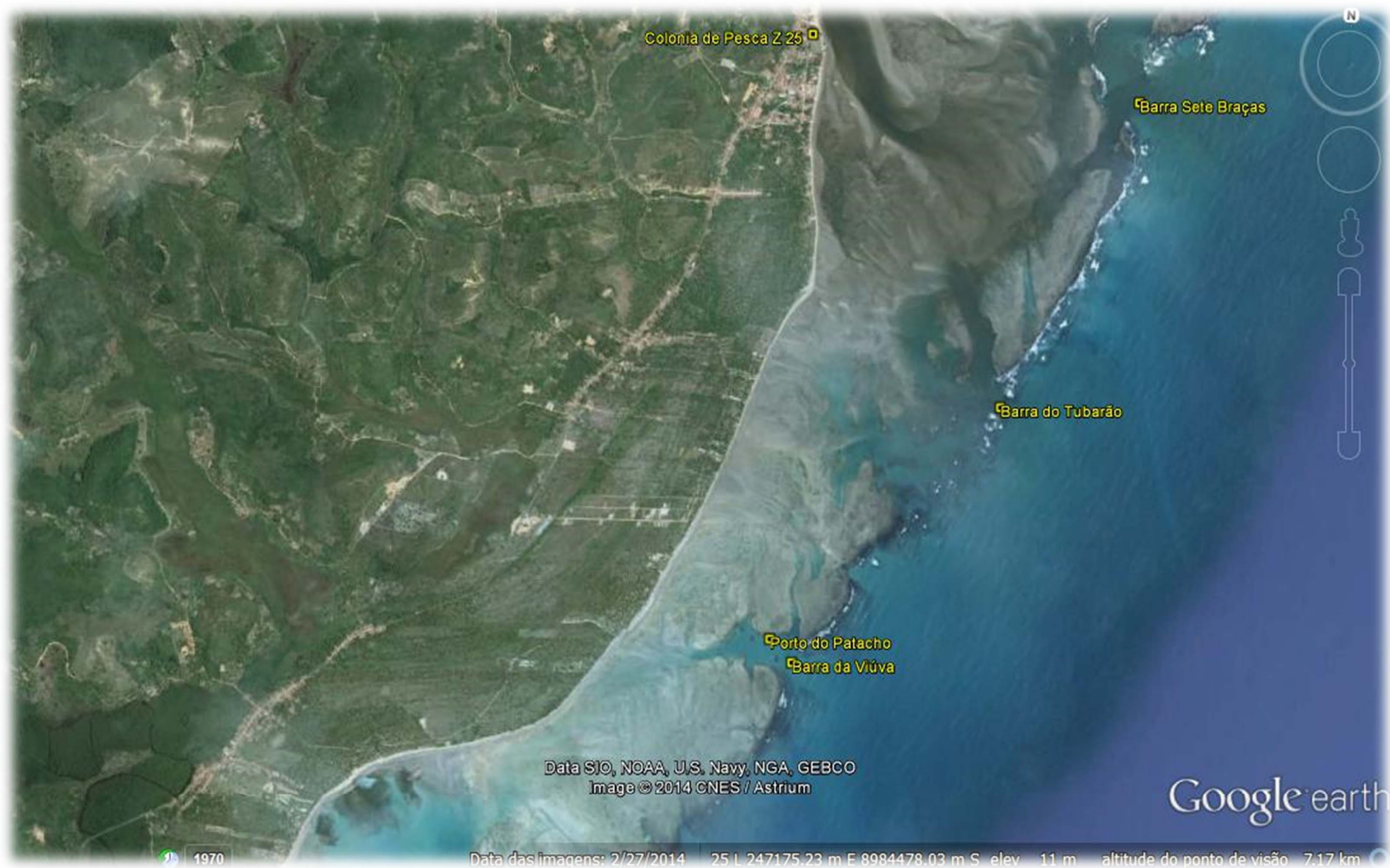
Lagamar da Rateia

Barra do Rio Manguaba conhecida
pelos pescadores como Barra Sete
Braças



Porto do Patacho

Barra da Viúva



Antigo Porto do Patacho - Localizado pelo Técnico de Pesca Waldemar Rolim Lacerda Jr. Encontra-se atualmente a uma distancia de 700m da costa os vestígios das estacas de madeira foram localizados a uma profundidade de 4m na área conhecida como Barra da Viúva .



Casas assinaladas na cartografia holandesa

Segundo Cascudo, “do lado direito do rio Mongaguaba (Manguaba), desde Mato Redondo (Mata Redonda), as casas se amiúdam, até as ondas do mar. Entre o Tapamundé e o Çurubana [sic] está o engenho São Francisco, ligado a Porto Calvo por Santo Amaro, que era propriedade vistosa, com igreja e casario bonito. Várias trilhas reúnem os engenhos semeados em redor: Alpoins, os Alpõens de Sommier Discours, o Innocentis, S. Cosmo, o aldeamento indígena à margem do Maçιά [sic], Nossa Senhora da Ajuda, de onde se podia ir, passando para o Iuparatiba e o Itinha, para São Bento, perto da água viva do mar” .

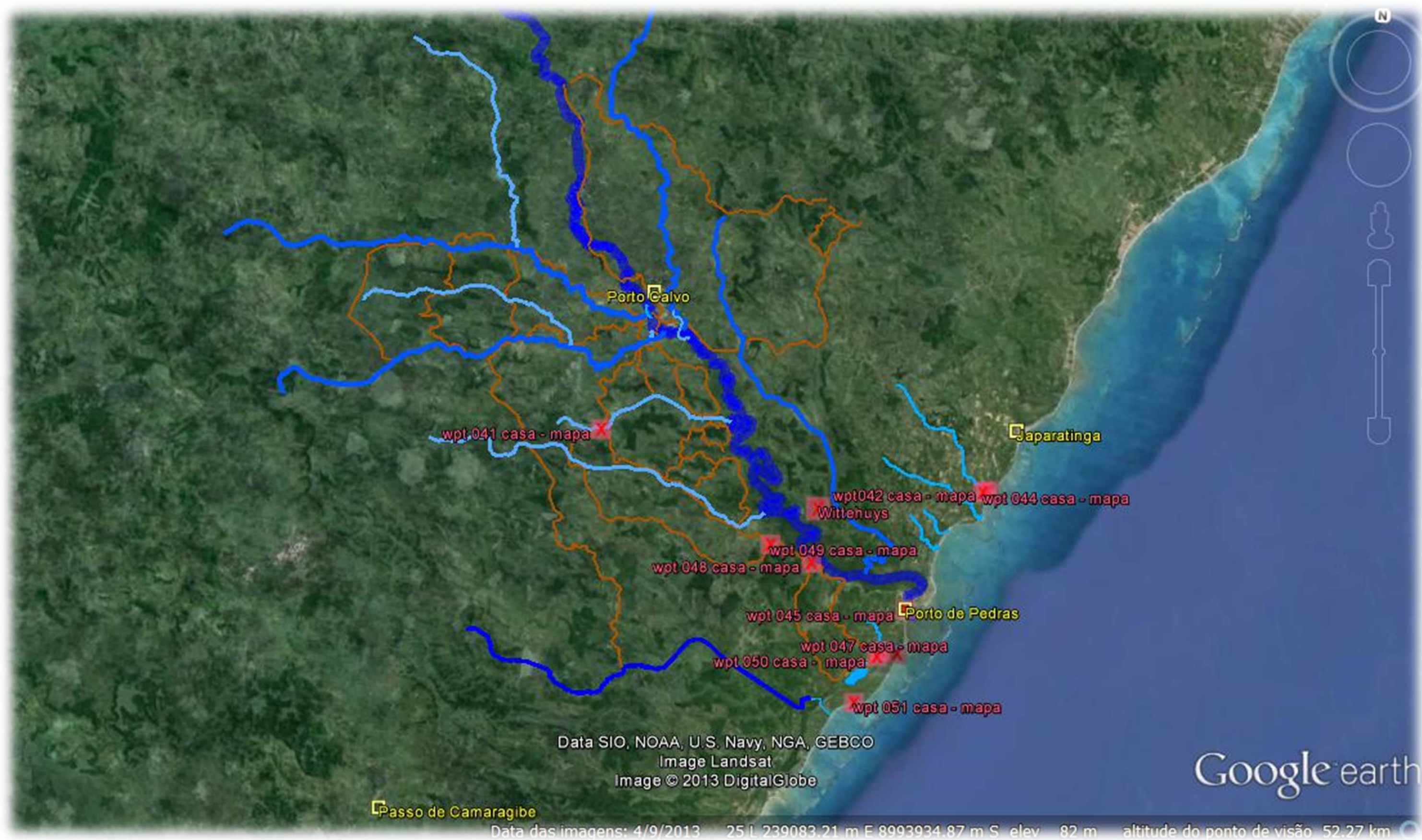
CASCUDO, op. cit., p. 25

Casas na iconografia holandesa



OBSIDIO ET EXPUGNATIO PORTUS CALVI. JOHN OGILBY (1600-1676).- London/1671. (detalhe)

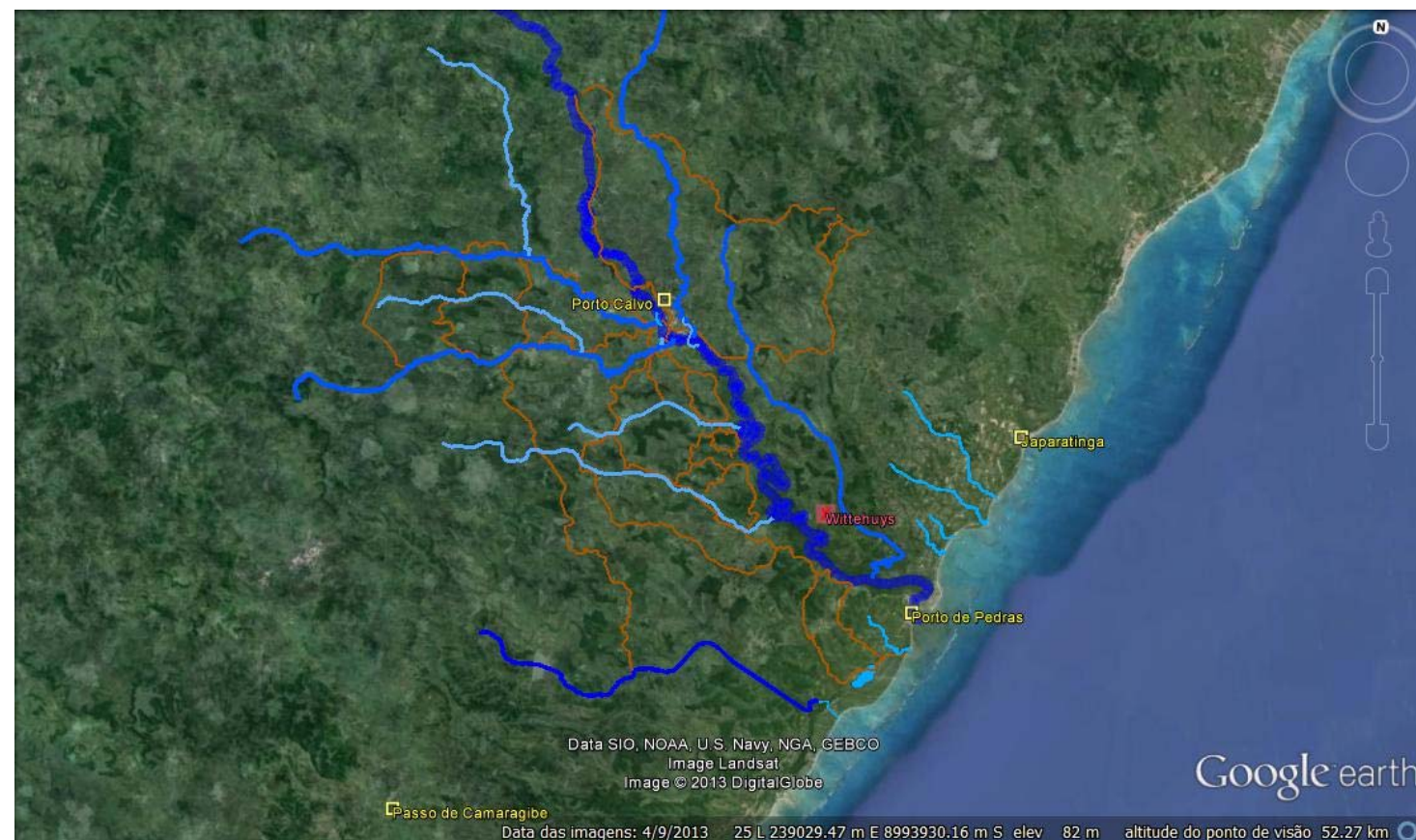
Conjunto das casas assinaladas nos mapas holandeses



Casas assinaladas na cartografia holandesa

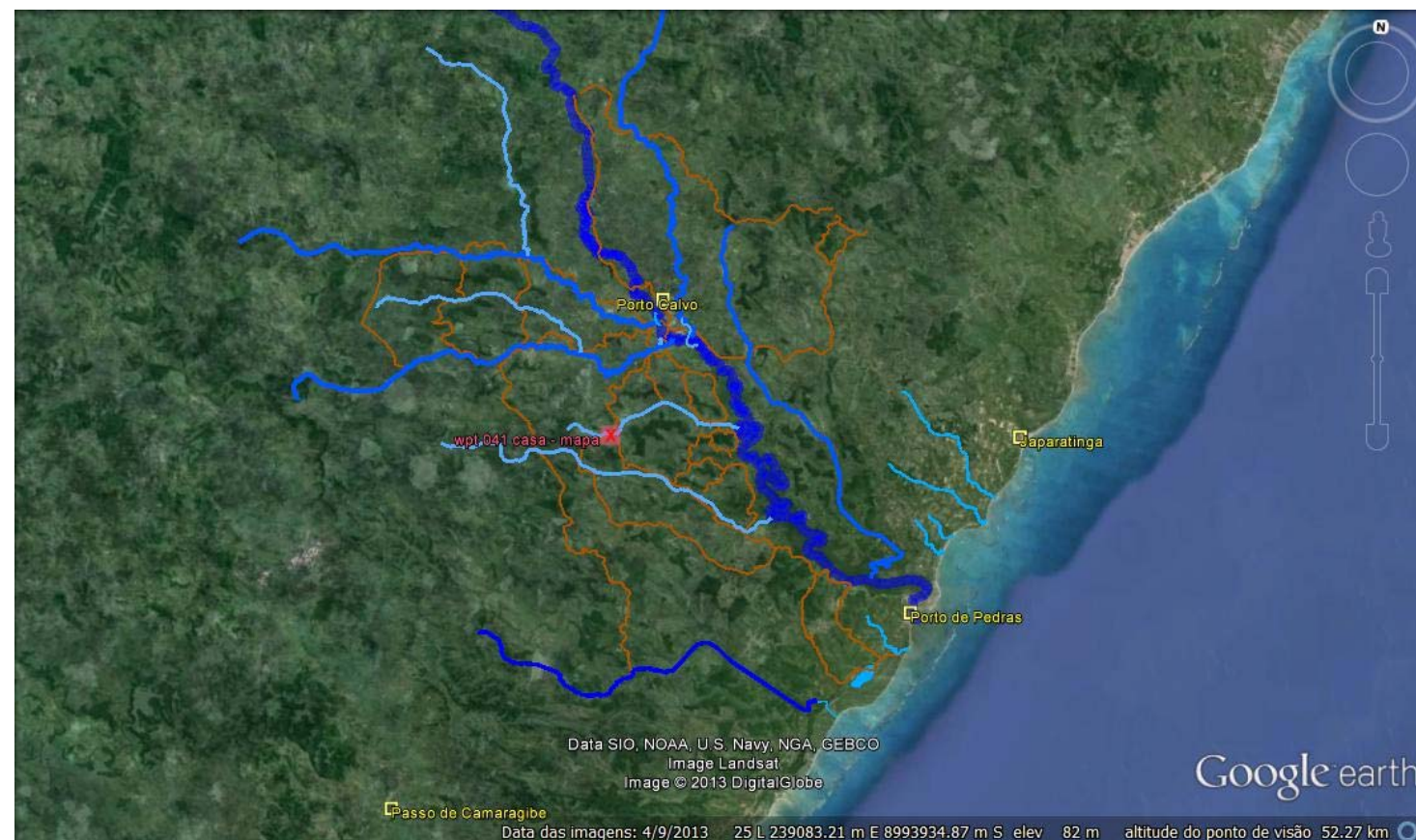
Localização em campo dos pontos
assinalados na cartografia

Casa situada entre o 'Monguagaba' (Rio Manguaba) e o 'Urupéûna' (Rio Grupiuna).
Nome histórico: Wittehuys.



O local marcado como wittehuys no mapa encontra-se atualmente dentro da Fazenda Crasto - Propriedade de Celso Luiz Palatti Neto - É uma fazenda de gado e coco com diversos moradores. Por volta de 1960 era uma propriedade com mais de 500 hectares; com a morte do dono foi dividida entre os herdeiros. O local marcado no mapa fica ao lado direito da atual casa da sede da fazenda que foi construída em 1963.

Casa na margem direita do 'Rio do Carço'.

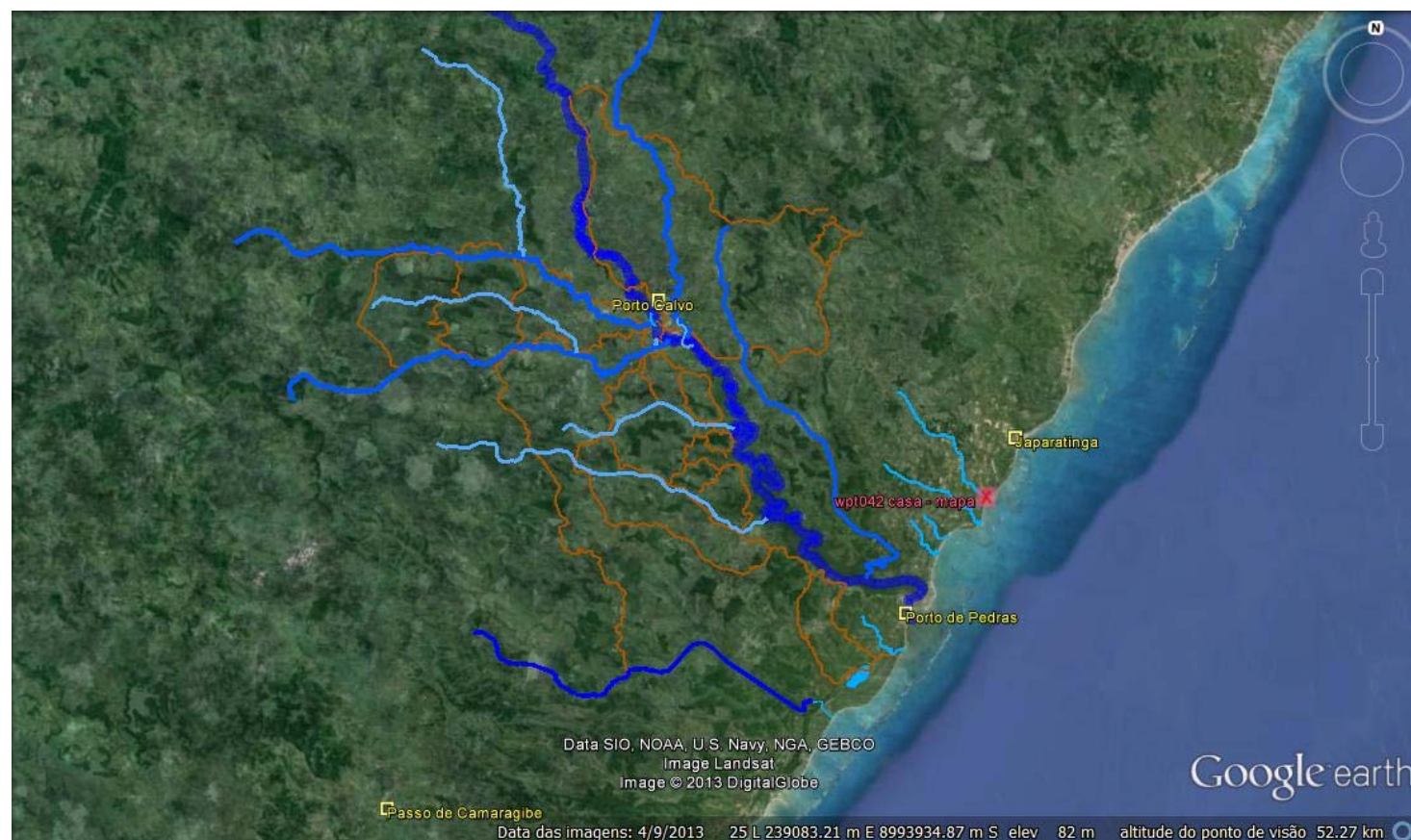


O ponto assinalado na cartografia como Casa (margem do rio Carço)



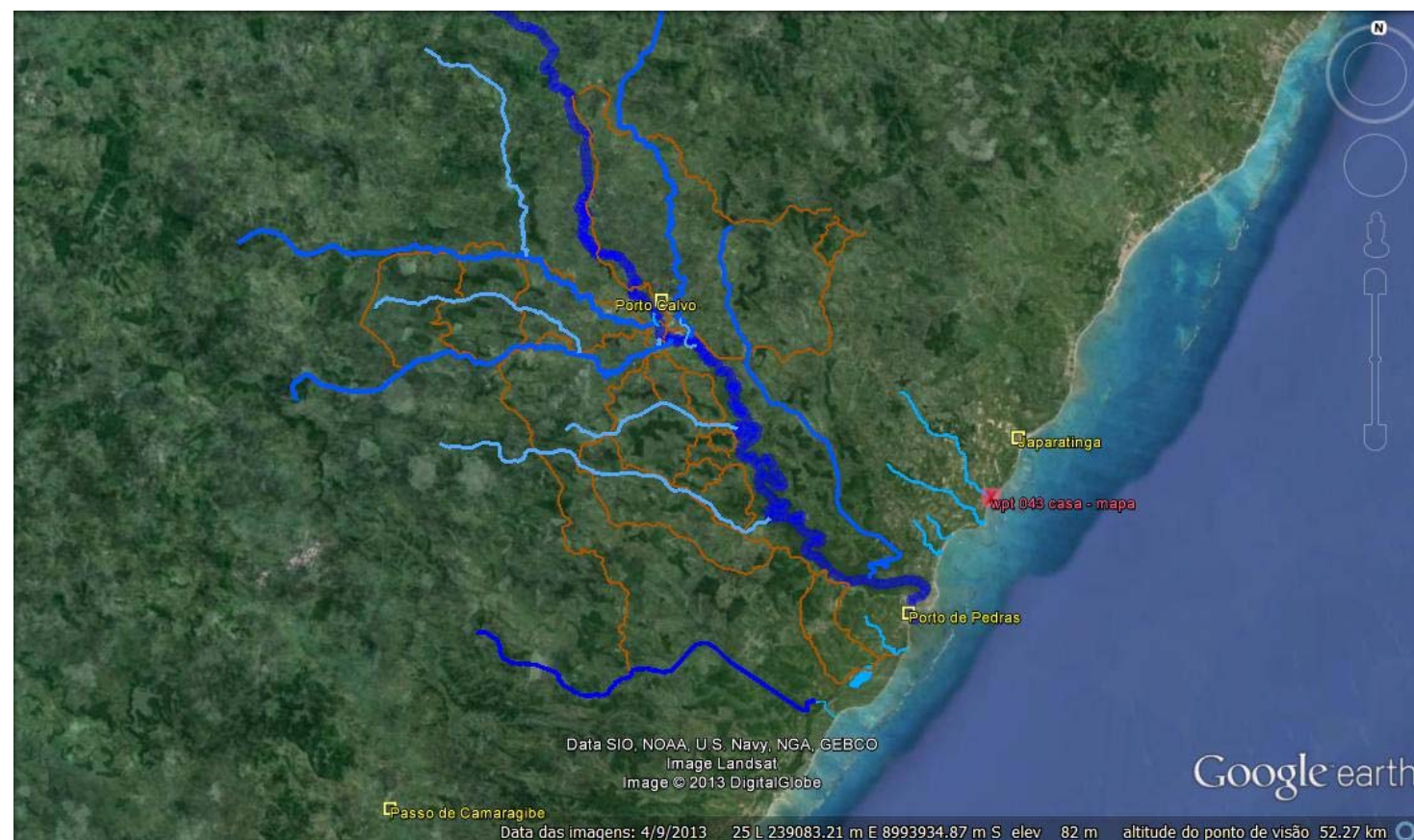
O local marcado como wpt 041 - casa no mapa - encontra-se à margem da estrada de terra dentro do Povoado Canavieira, próximo de um grupo de casas de taipa - no local existe um pequeno roçado de mandioca - foi localizado apenas um pequeno fragmento de cerâmica recente.

Casa (2). No atual Povoado Bitingui, município de Japaratinga-AL.



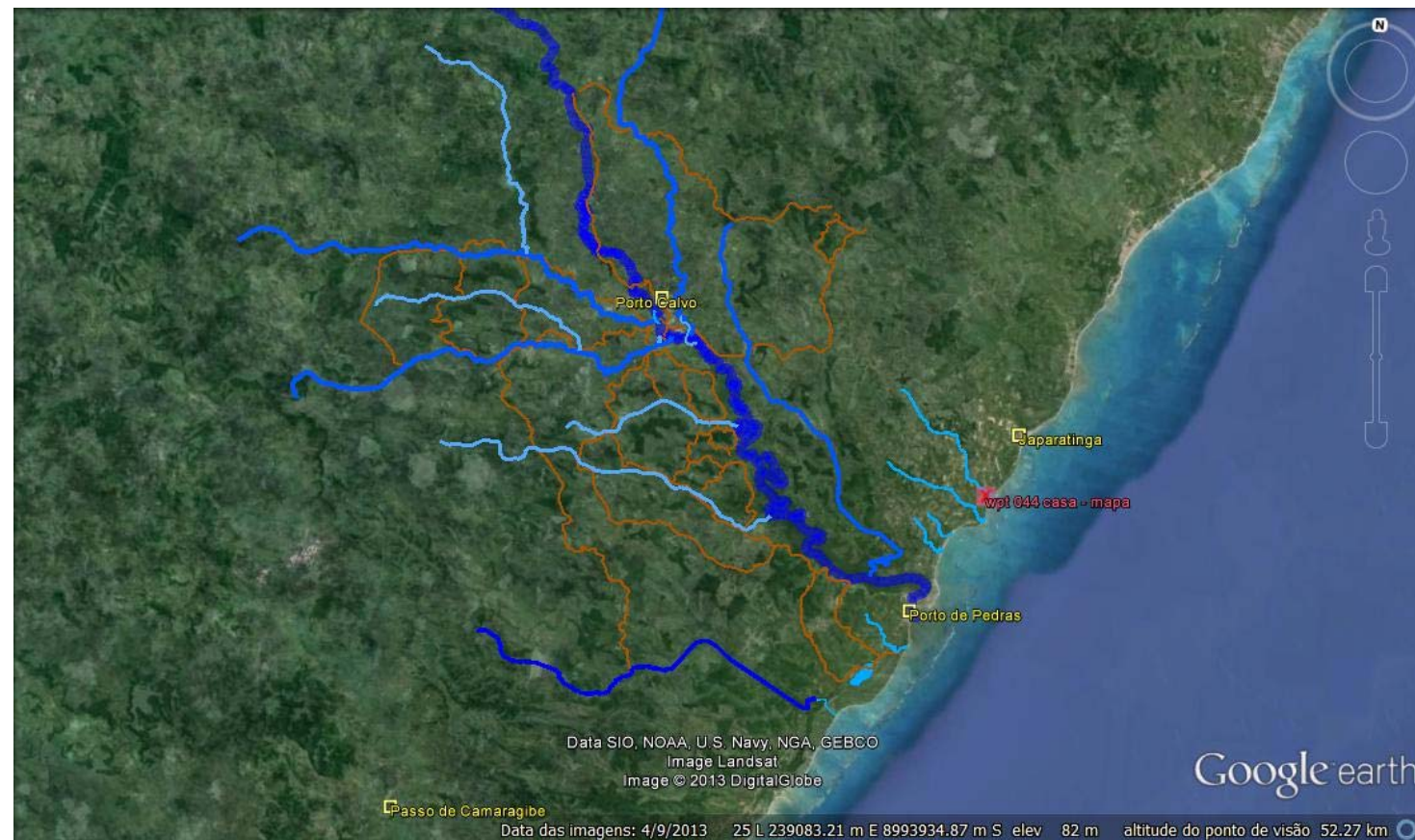
O local marcado como wpt 042 - casa no mapa- esta localizado na zona urbana de Bitigui, em terreno murado e com aterro recente na margem do Rio Bitigui - D. Marinez Livramento Farias proprietária do terreno e moradora da casa ao lado relata que há cerca de 50 anos atrás a casa era de taipa e posteriormente foi reformada e que o terreno era "mato" e nunca foi habitado

Casa. No atual Povoado Bitingui, município de Japaratinga-AL



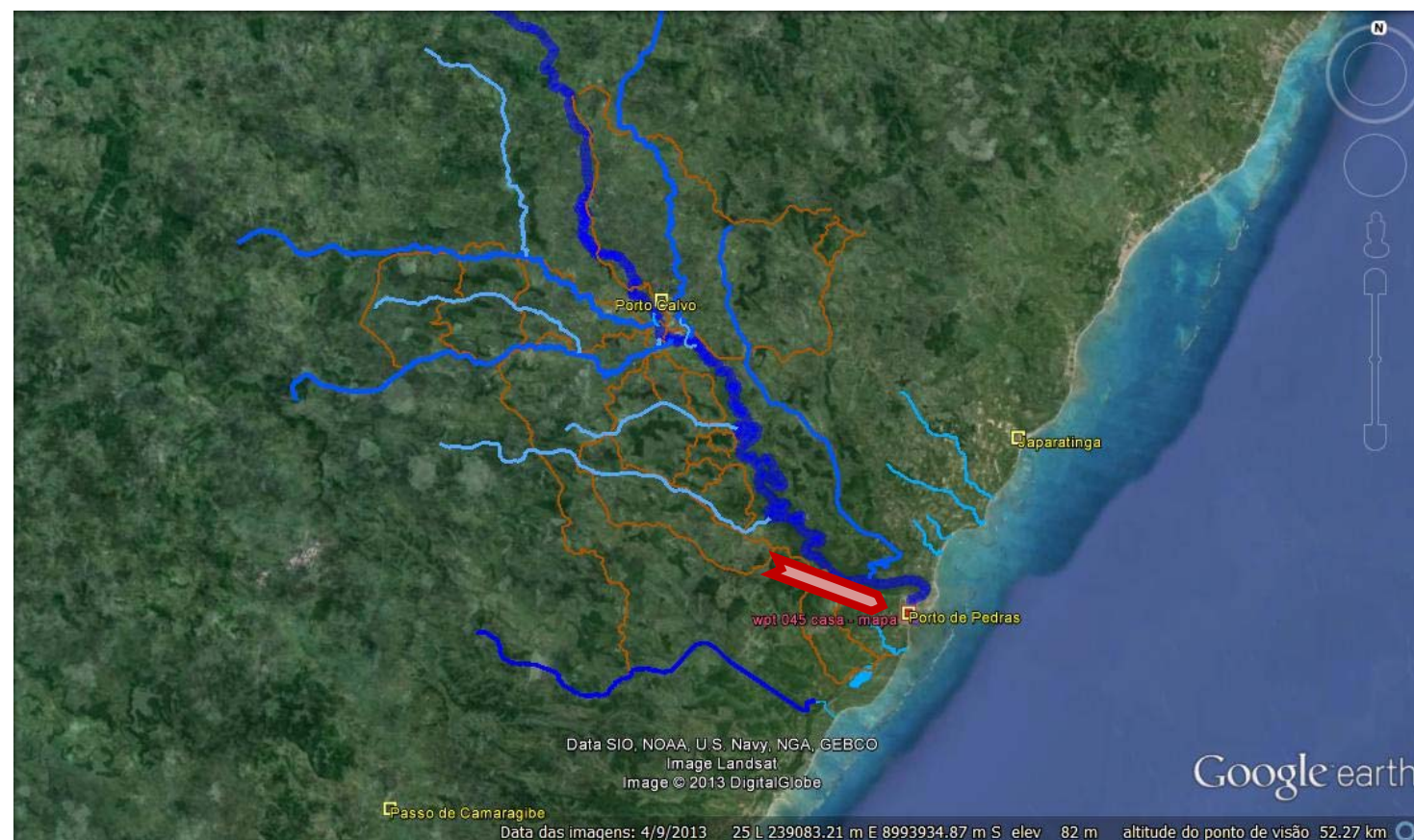
O local marcado como wpt 043 - casa no mapa - esta localizado na zona urbana de Bitigui no meio de um grupo de casas sem acesso - próximo a saída do Rio Bitigui.

Casa (3) . No atual Povoado Bitingui, município de Japaratinga-AL.



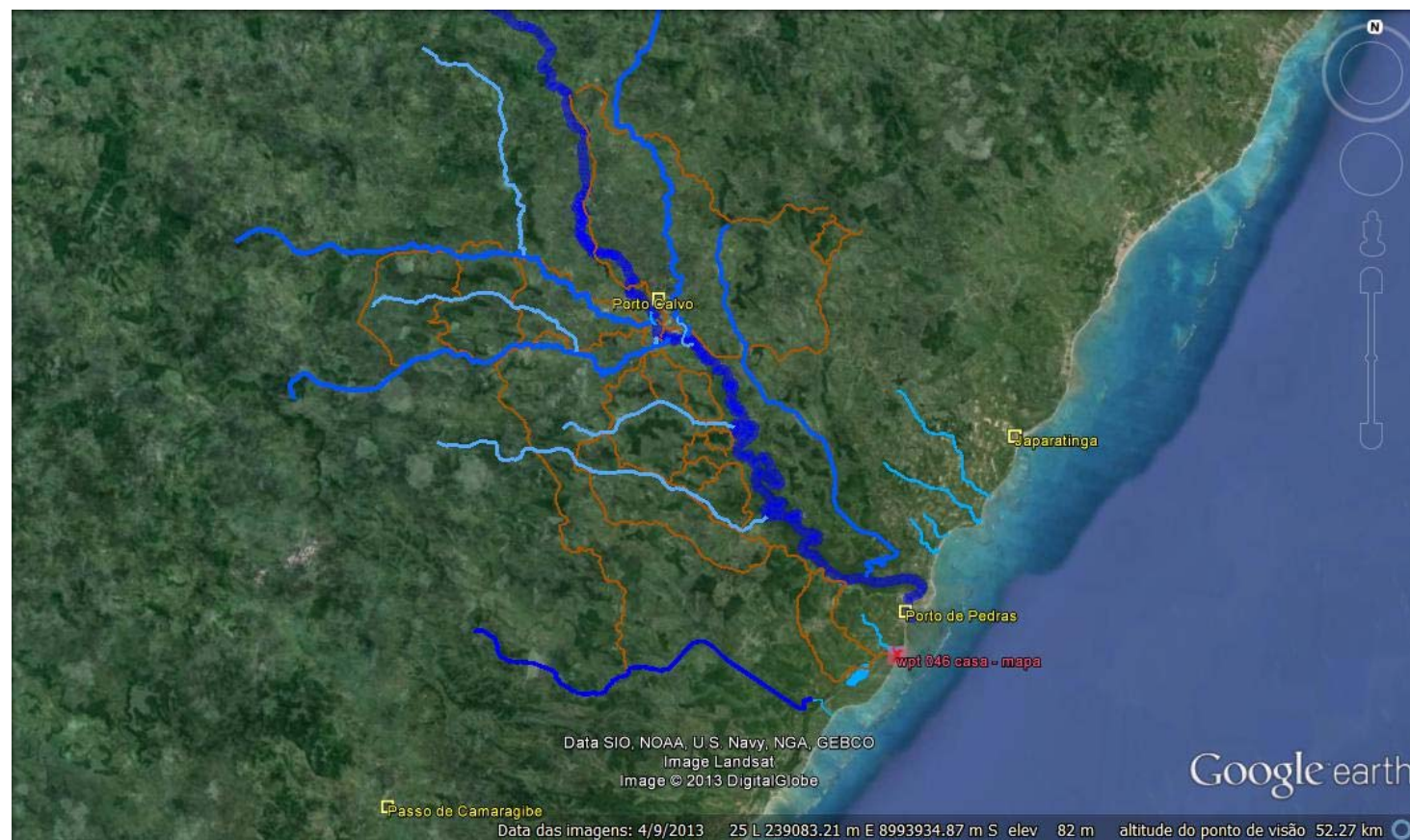
O local marcado como wpt 044 - casa no mapa - esta localizado na zona urbana de Bitigui na parte posterior de uma casa - sem vestígio aparente - próximo ao Rio Bitigui, que passa próximo.

Casa. Situada na atual zona urbana de Porto de Pedras-AL.



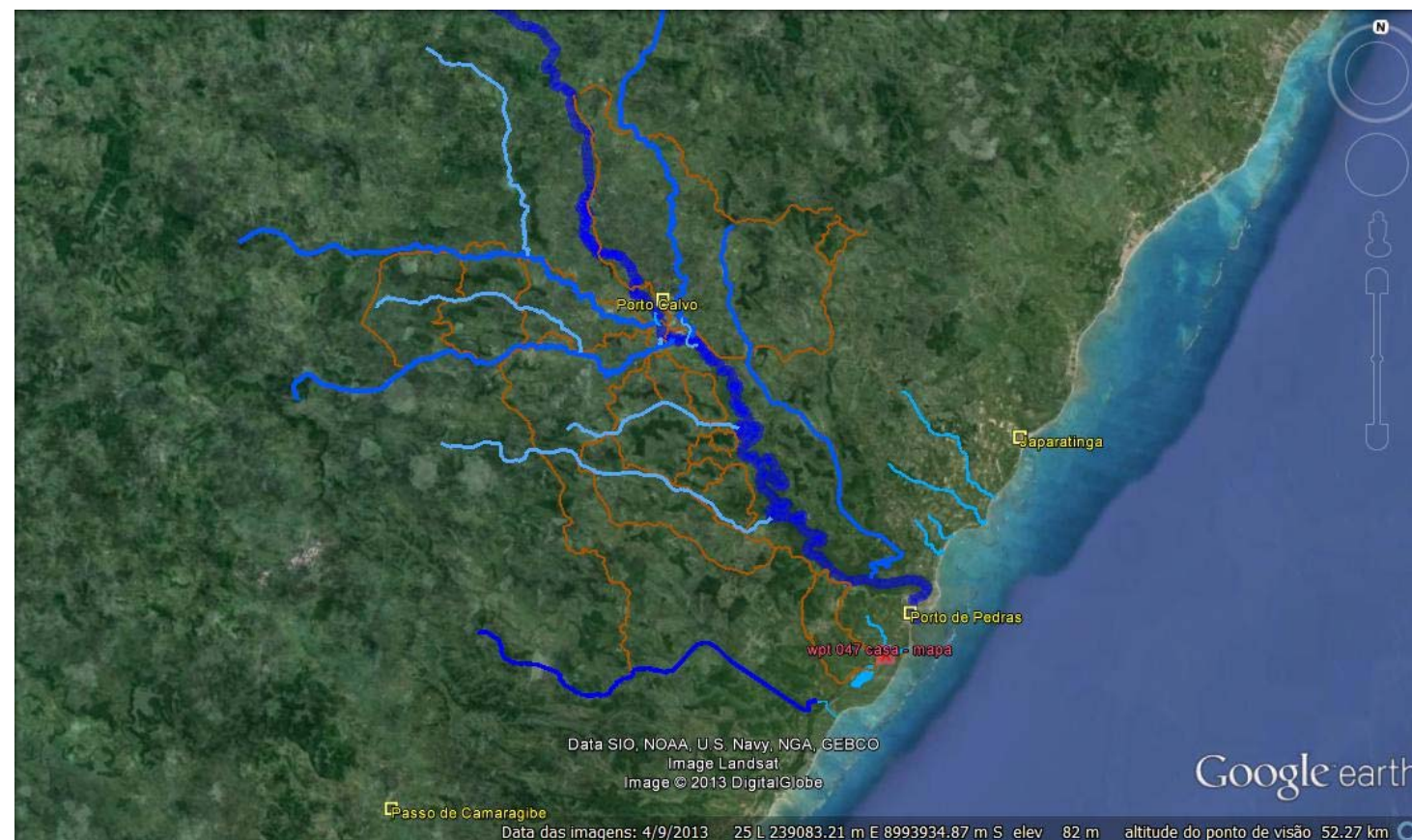
O local marcado como wpt 045 - casa no mapa- atualmente é o Bar e Restaurante Aguas Belas na beira mar quase defronte da rua que dá acesso à casa de câmara e cadeia de Porto de Pedras - na década de 1970 foram localizados dois canhões na área entre o local da casa e colônia de Pesca Z 25.

Casa. Situada no litoral ao sul do 'Porto das Pedras'.



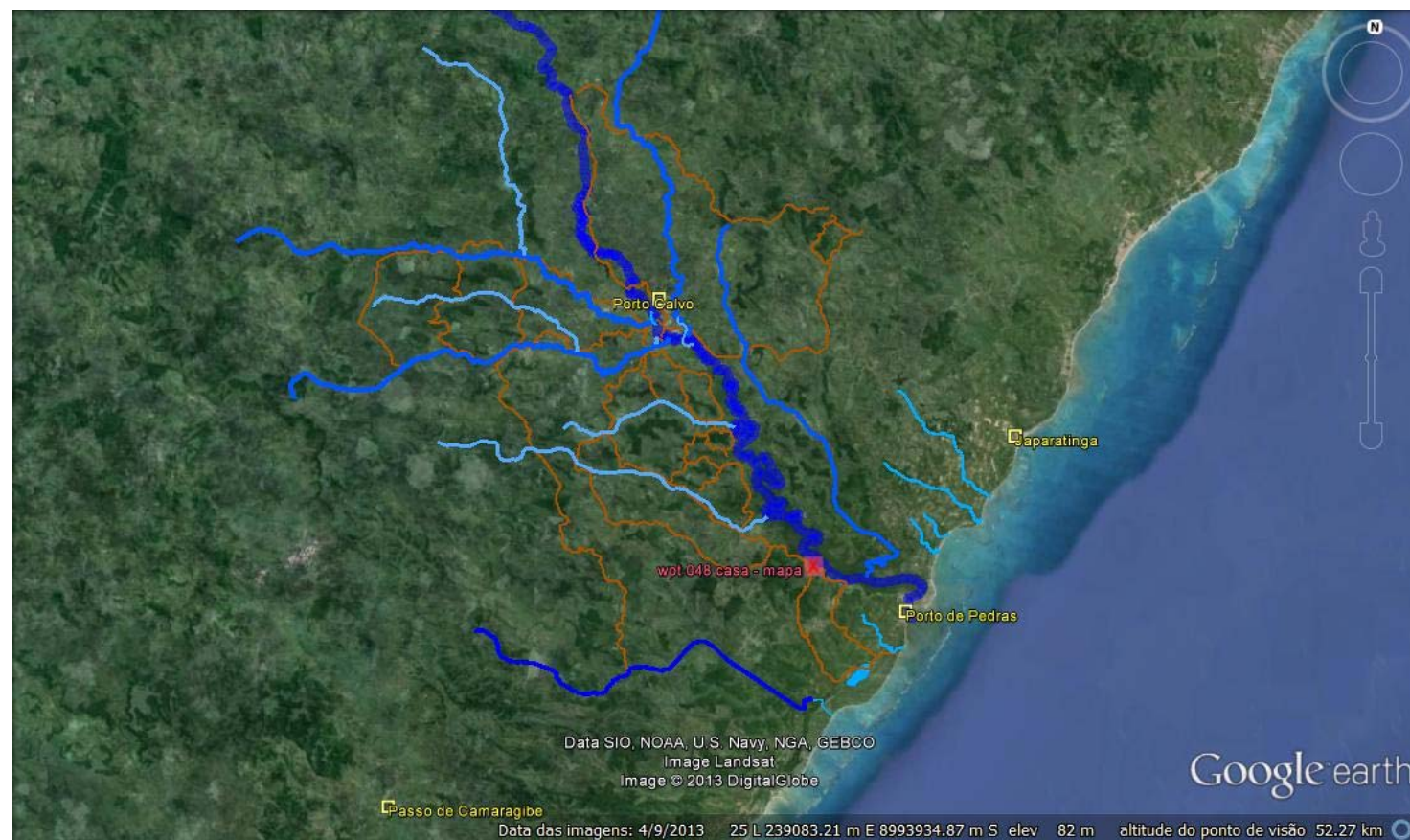
O local marcado como wpt 046 - casa no mapa - esta localizado próximo à zona urbana de Curtume, na beira Mar, aproximadamente sobre de um cordão dunar dentro de uma plantação de coco com vegetação rasteira que dificulta a visibilidade da superfície - foi localizado um fragmento de tijolo, na zona de estirâncio foi realizada uma vistoria de superfície; sem presença de material.

Casa.



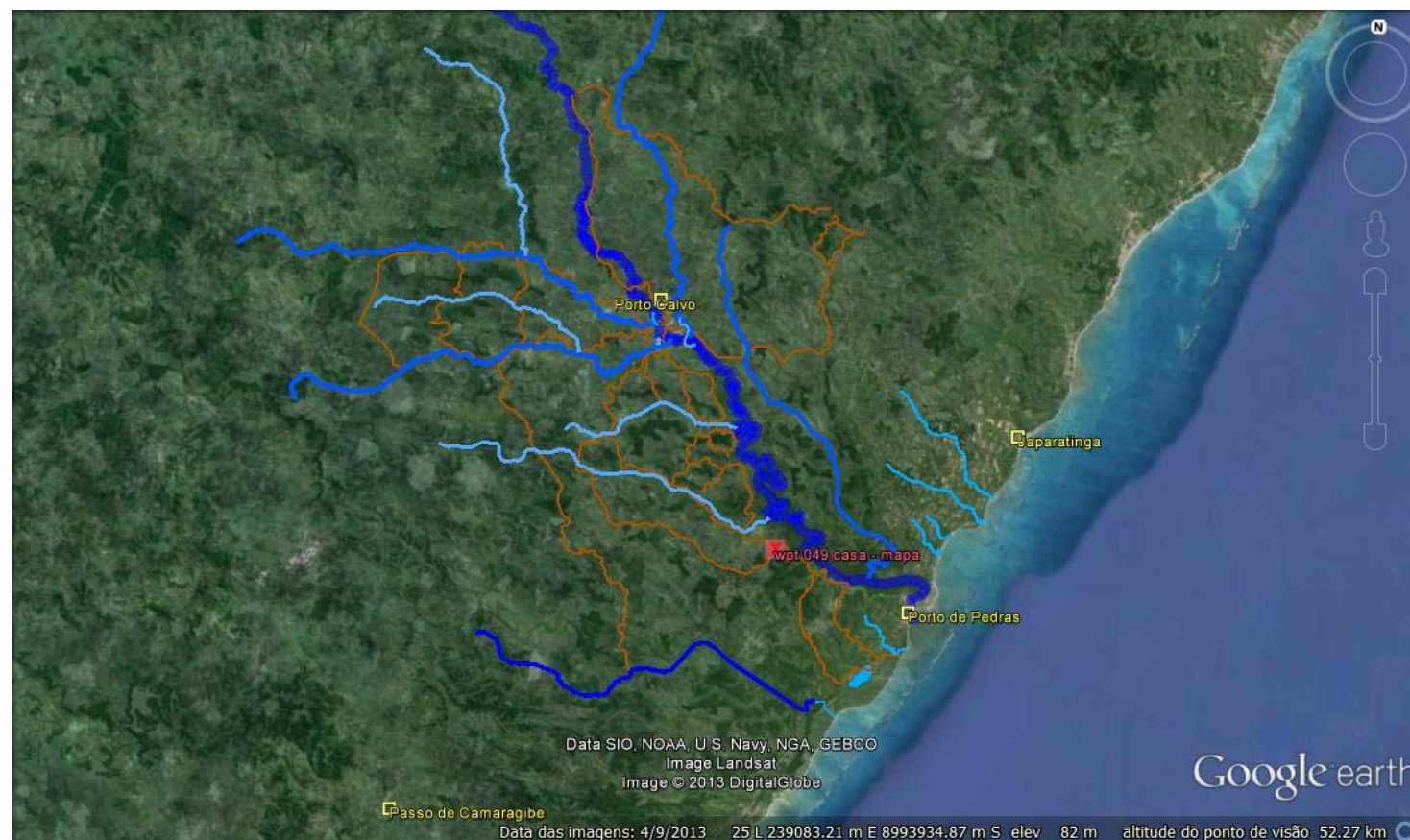
O local marcado como wpt 047 - casa no mapa - esta localizado na zona urbana de Curtume, no local de uma casa que se encontra fechada com placa de vende-se. Não foi possível entrar e não existe acesso lateral, impossibilitando a vistoria de superfície .

Casa.



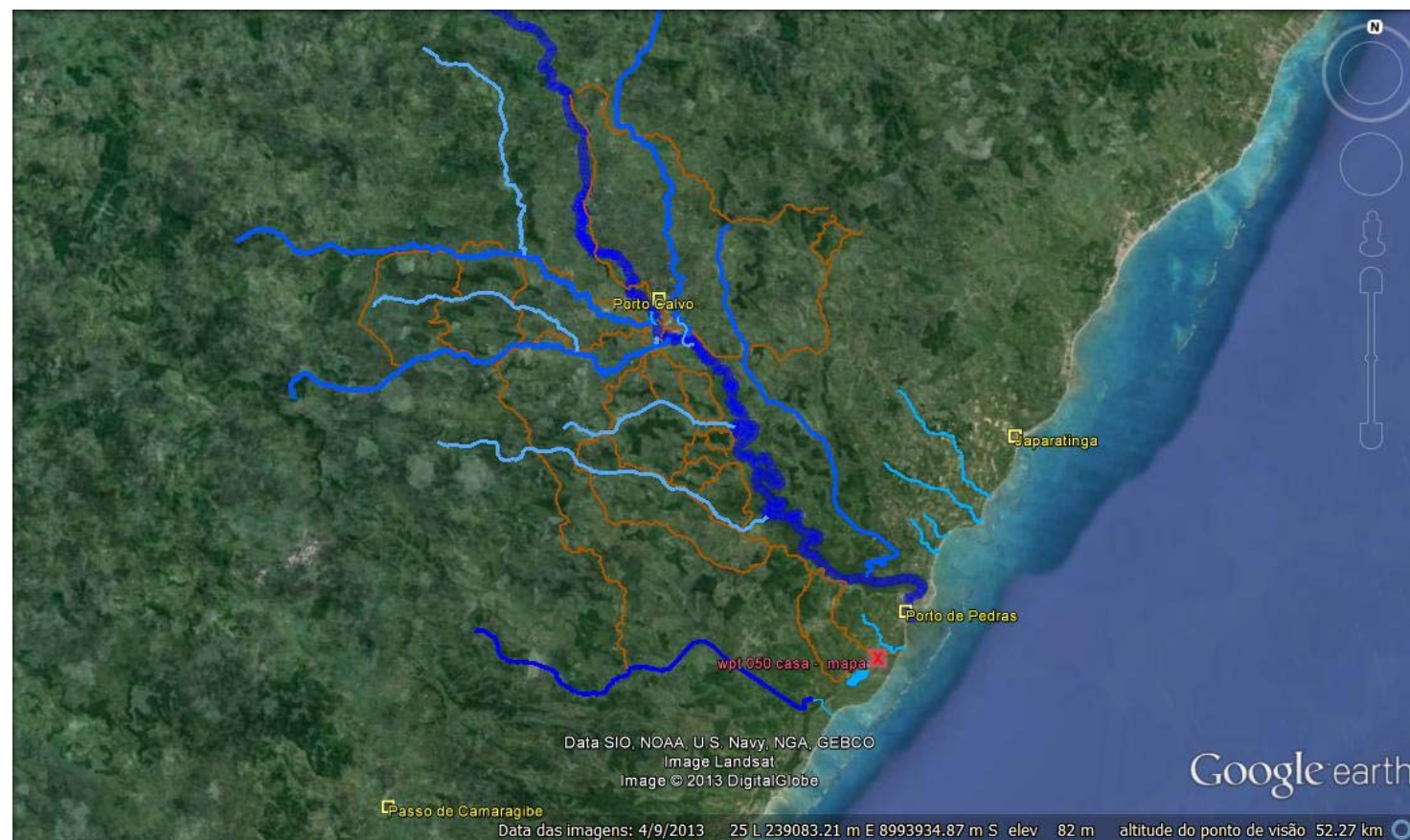
O local marcado como wpt 048 - casa no mapa - esta localizado atualmente dentro da Fazenda Água de Prata (prop. José Ivaldo) numa estreita faixa de terra entre o mangue, que vai da cocheira à margem do Rio Manguaba - ali existe uma plantação de coqueiros e capim alto (pasto) que dificulta a vistoria de superfície - não foi localizado material.

Casa.



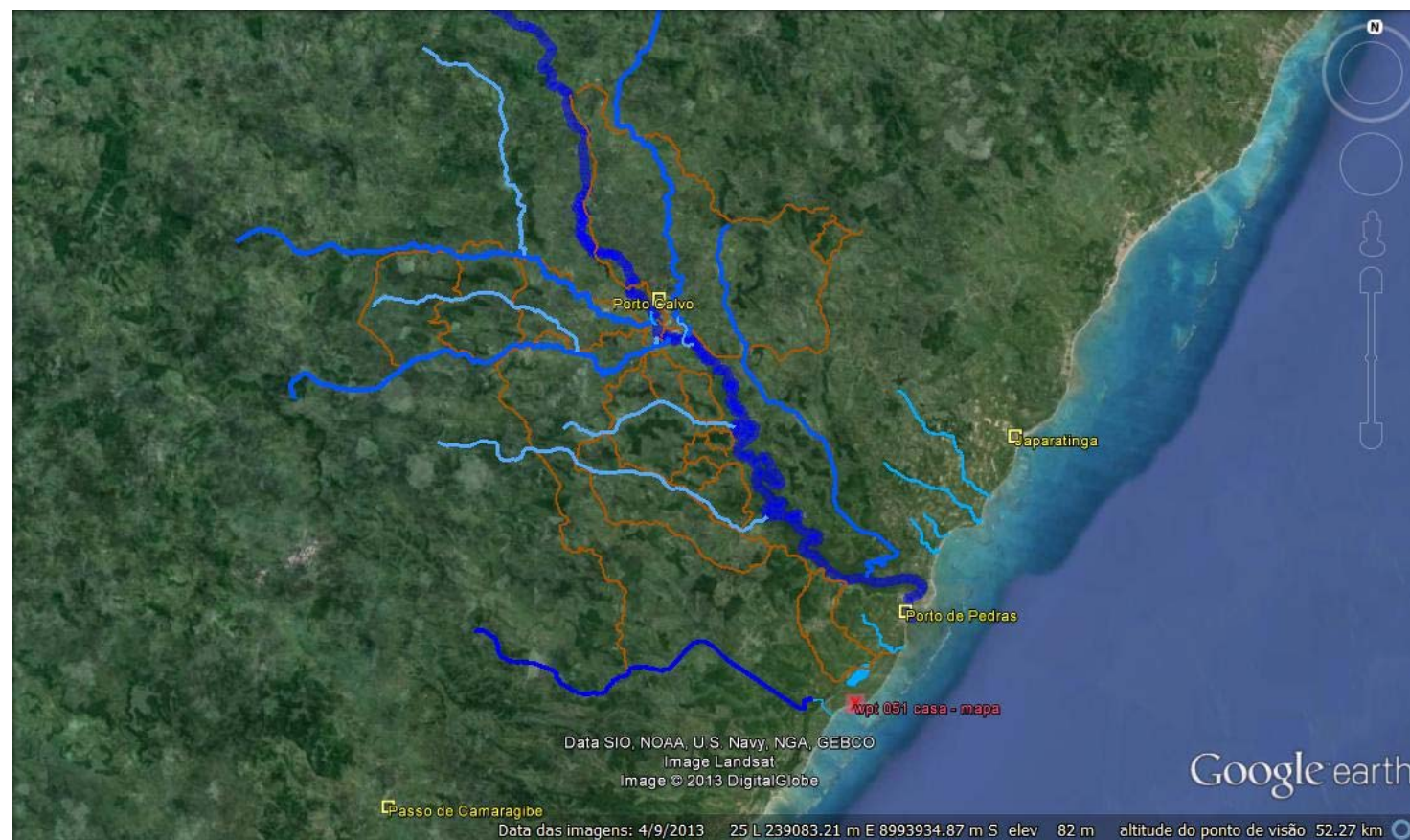
O local marcado como wpt 049 - casa no mapa - encontra-se dentro da Fazenda Bateria, na encosta de um morro, no lado esquerdo da AL460. No sopé do morro esta assinalada a confluência com uma outra estrada que ligava ao wpt041 casa no mapa próximo ao Rio Carço - no local marcado não foi localizado material - ali existe uma plantação de coco e criação de gado; a vegetação impede uma vistoria de superfície mais detalhada. Em relação ao Rio o ponto está defronte do local marcado como Wittehuys - a distancia em linha reta entre os dois pontos é de 2,5 km

Casa.



O local marcado como wpt 050 - casa no mapa - esta localizado na zona urbana de Curtume atualmente entre duas casas de taipa sem vestígios aparentes.

Casa.



O local marcado como wpt 051 - casa no mapa esta localizado ao lado de uma estrada aberta no coqueiral, próximo da saída de um maceió - aproximadamente 86 metros do mar - próximo do local da casa (aproximadamente 10 metros em direção ao mar) foi localizado em superfície cerâmica fina e vitrificada, molusco bivalve (marisco) e carvão.

Engenhos assinalados na cartografia holandesa

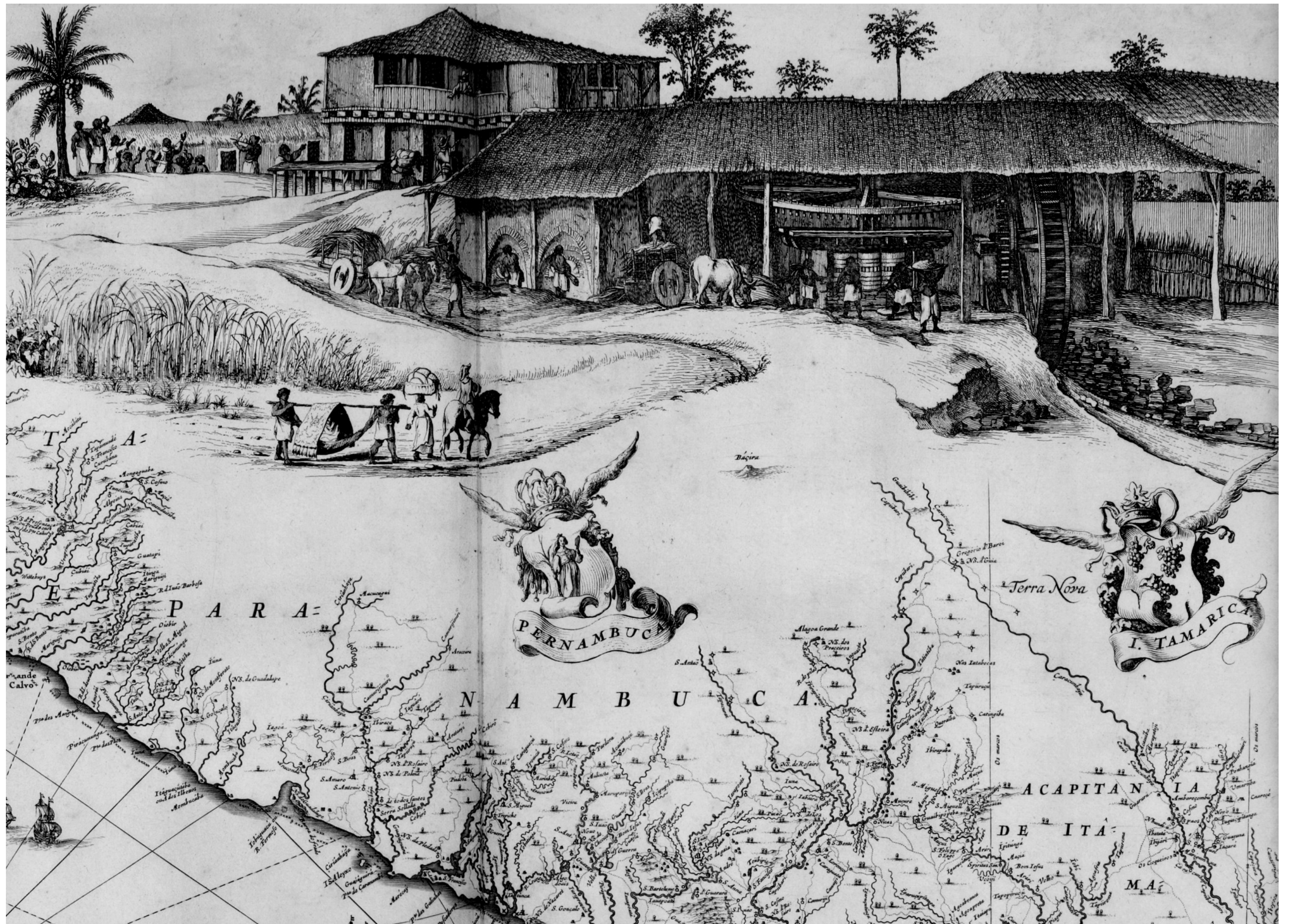
Levantamento de campo

Segundo Cascudo, *“do lado direito do rio Mongaguaba (Manguaba), desde Mato Redondo (Mata Redonda), as casas se amiúdam, até as ondas do mar. Entre o Tapamundé e o Çurubana [sic] está o engenho São Francisco, ligado a Porto Calvo por Santo Amaro, que era propriedade vistosa, com igreja e casario bonito. Várias trilhas reúnem os engenhos semeados em redor: Alpains, os Alpõens de Sommier Discours, o Innocentis, S. Cosmo, o aldeamento indígena à margem do Maçιά [sic], Nossa Senhora da Ajuda, de onde se podia ir, passando para o Iuparatiba e o Itinha, para São Bento, perto da água viva do mar.”*

Cascudo Op. Cit . P 25

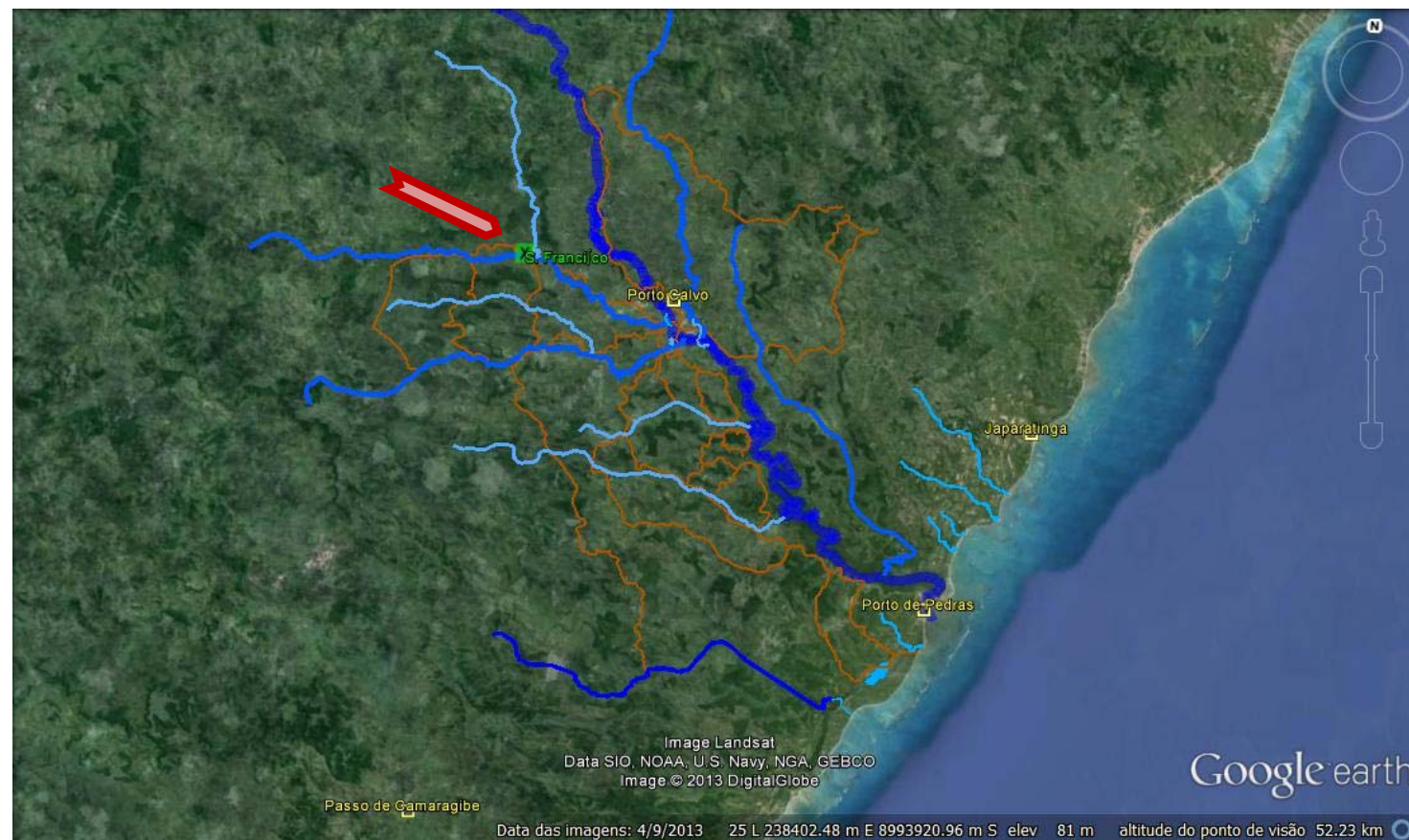
“Um relatório holandês informava a existência dos seguintes engenhos nos arredores de Porto Calvo: “1. de Manuel Ramalho; 2. dos Alpões; 3. de Rodrigo de Barros Pimentel; 4. do mesmo Pimentel, recentemente feito; 5. de Manuel Camelo; 6. de Cristóvão Botelho; 7. outro engenho do mesmo, ultimamente feito; 8. de João Lins; 9. de Cristóvão Dias Delgado” .

MELLO, J. A. G. de (Org.), *Fontes para História do Brasil Holandês: economia açucareira*, p. 80.



Praefectura Parnambucae pars Borealis, una cum Praefectura de Itâmaracâ (detalhe)
 Marggraf, Georg, 1610-1644 (il.)

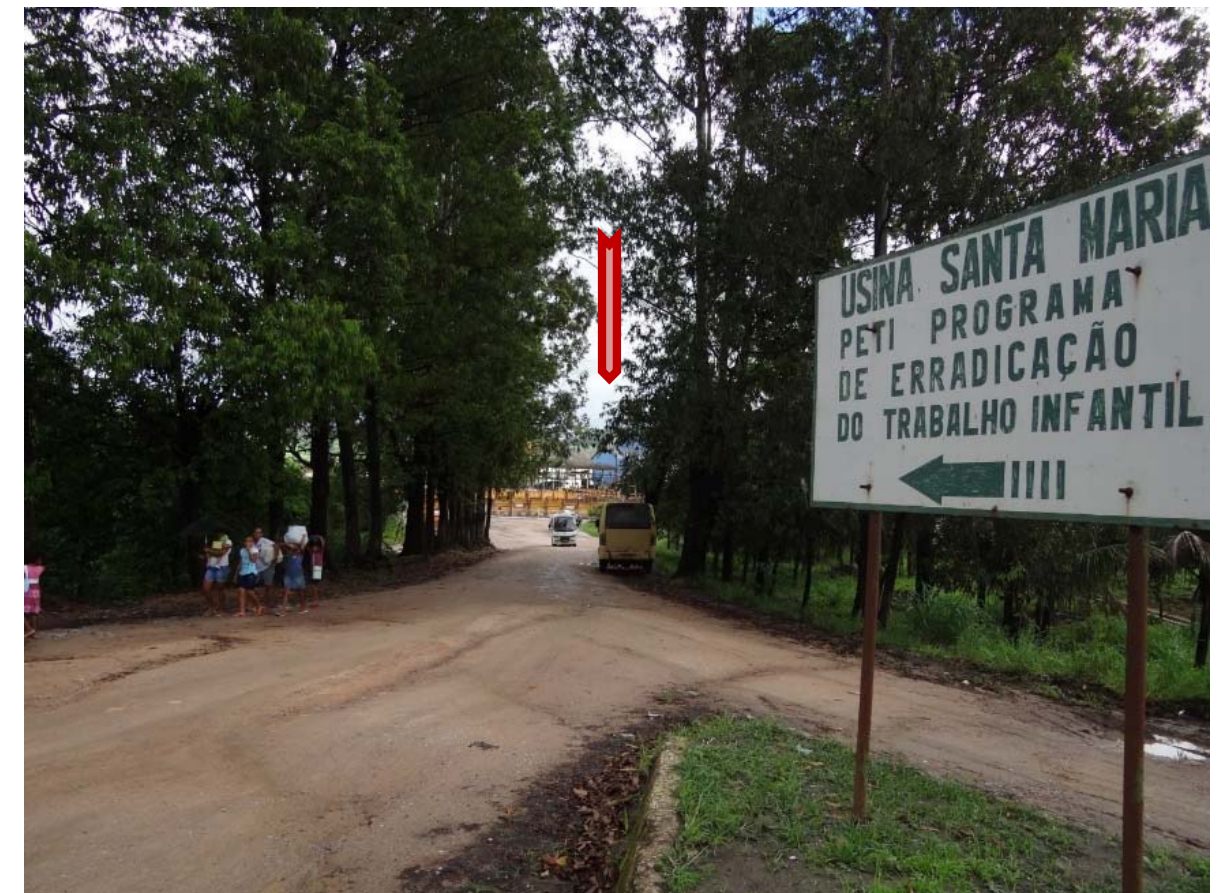
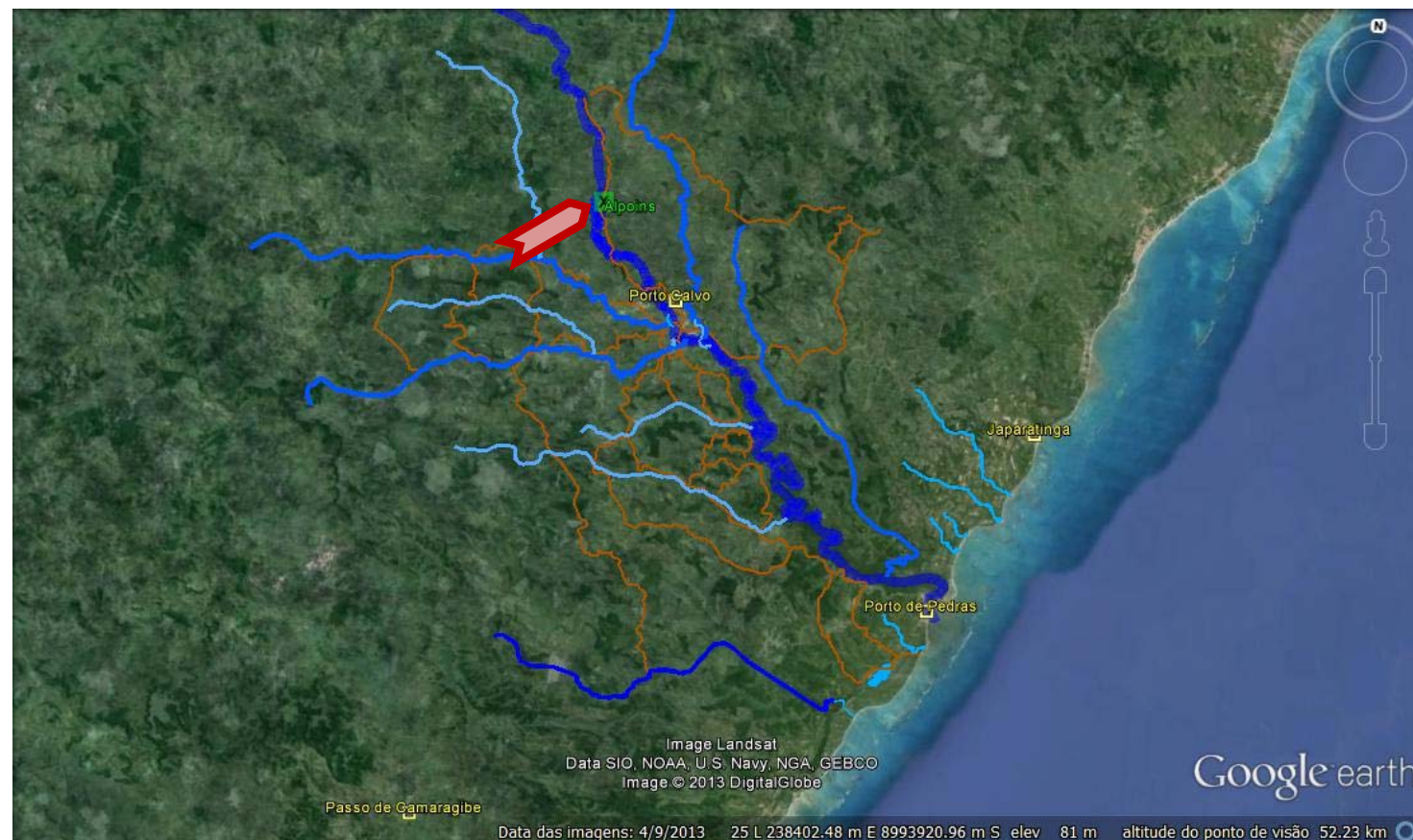
S. Francisco. Engenho de bois com igreja, na m.e. do 'Tapámundé' (Rio Tapamundé).



O local marcado no mapa como Engenho S. Francisco encontra-se atualmente dentro das terras do Engenho Escurial - informações sobre assentamentos dos sem terra - não foi visitado.

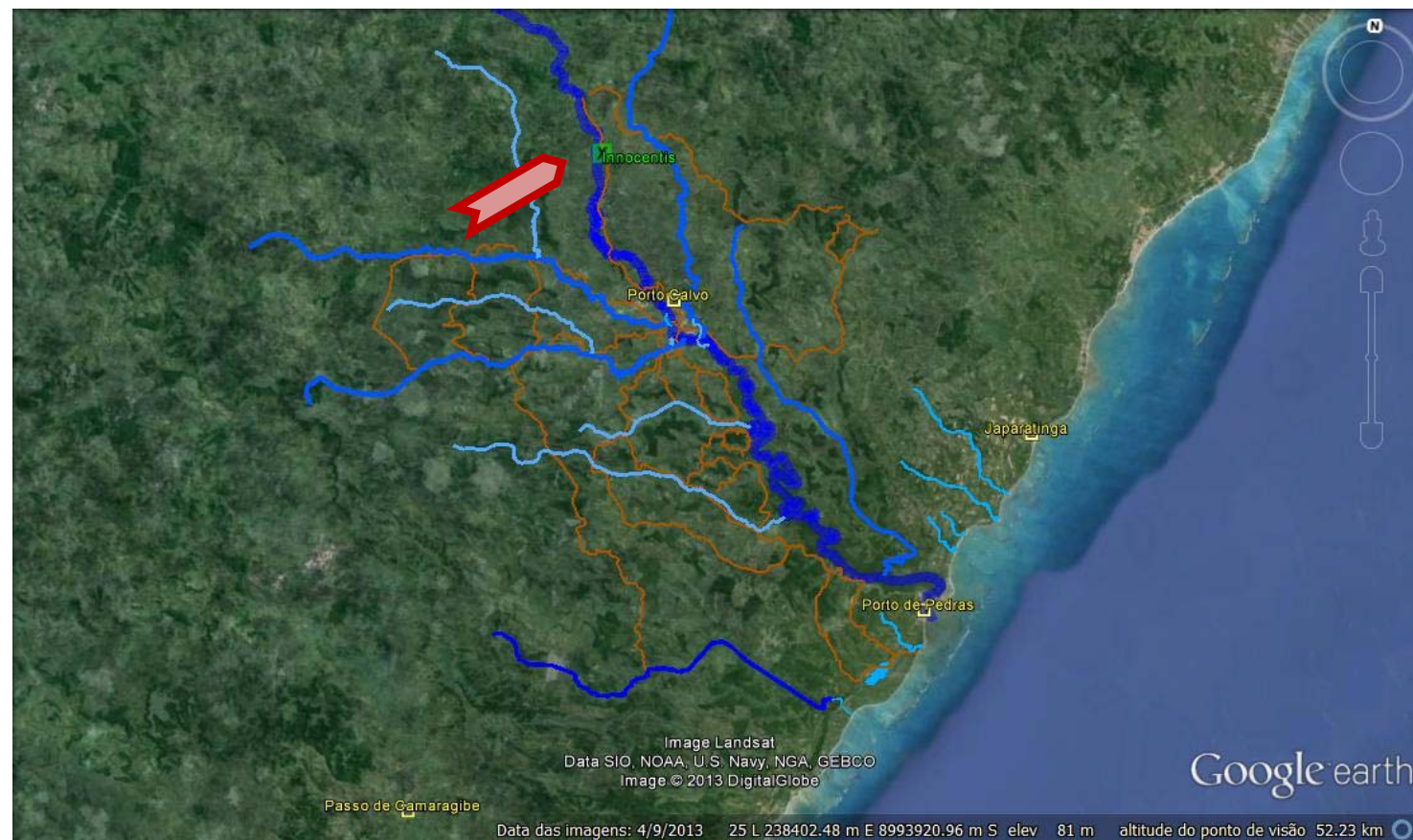
Foto : Acervo do Grupo de Estudos da Paisagem.

Alpains. Engenho de bois com igreja, na m.e. do 'Mongaguaba' (Rio Manguaba).



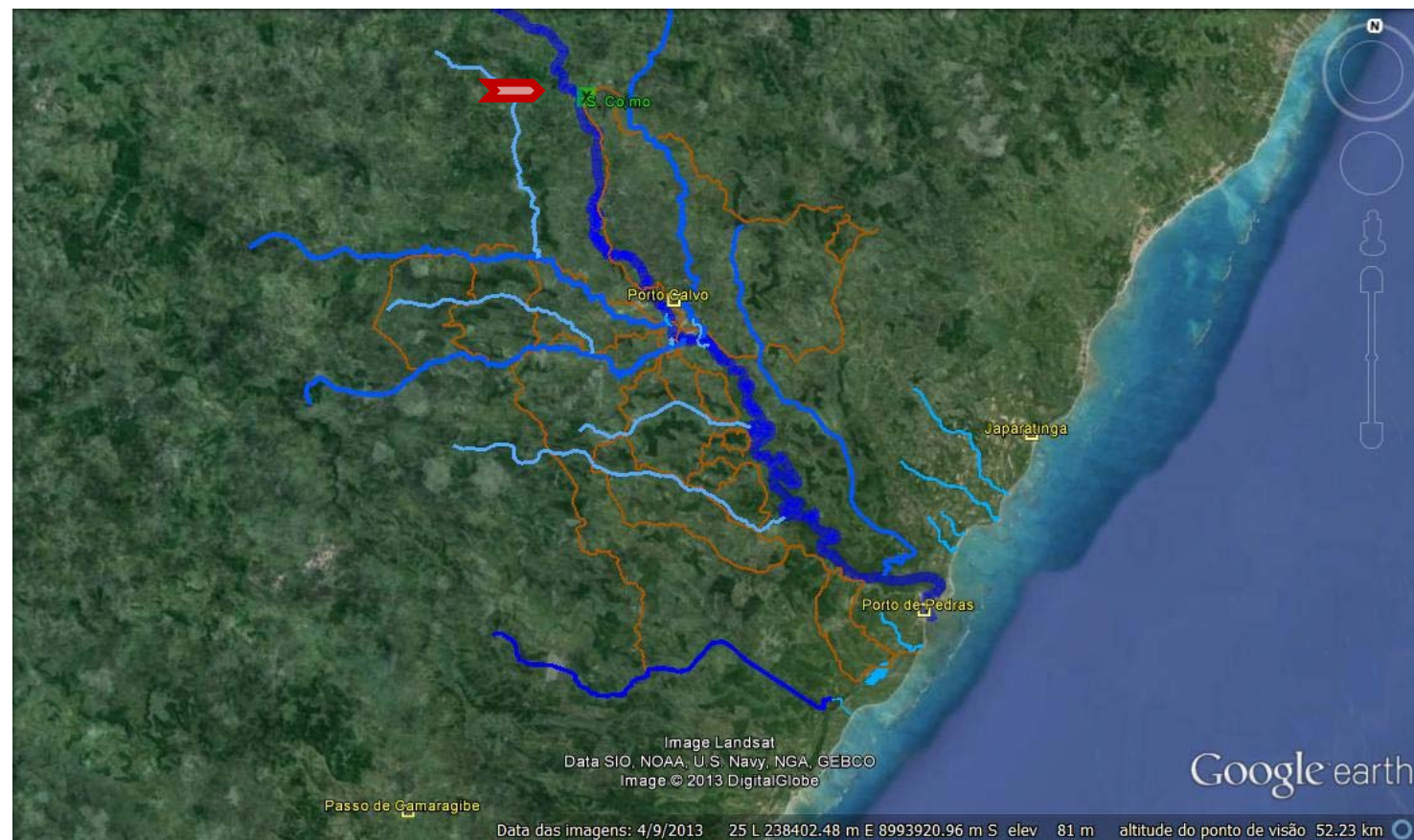
O local marcado no mapa como Engenho Alpains (Engenho de Bois com Igreja) encontra-se atualmente no interior da Usina Santa Maria - não foi possível uma vistoria sem a previa autorização da Usina.

Innocentis. Igreja na m.e. do 'Monguagaba' (Rio Manguaba).



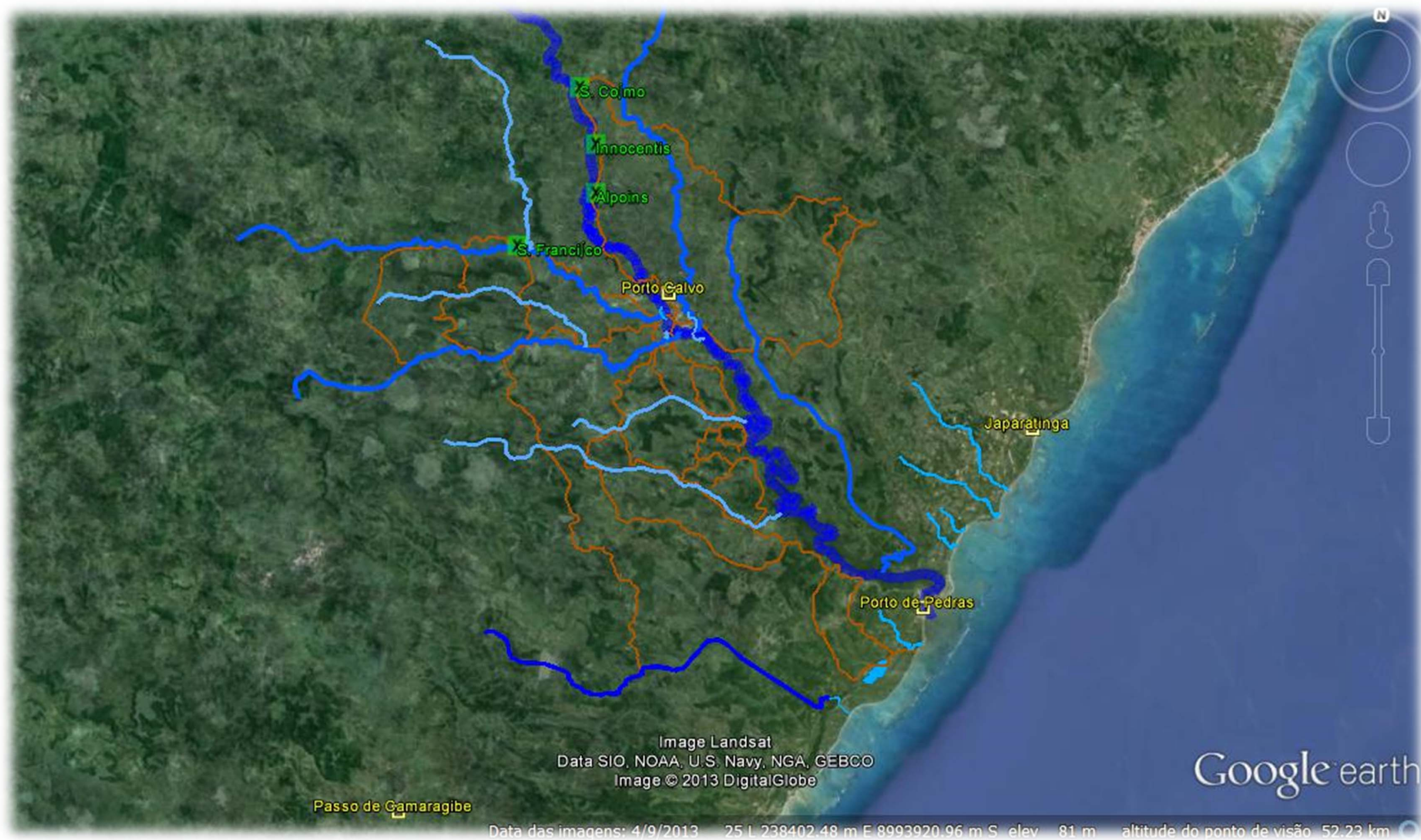
O local marcado no mapa como Innocentis - Igreja Na M.e. Do 'monguagaba' esta localizado atualmente dentro de um canavial aproximadamente 60 metros em linha reta de uma estrada de terra que dá acesso pela AL 105 que liga Porto Calvo a Jundiá - o ponto fica em uma descida - o local é uma área relativamente baixa. A vistoria de superfície localizou fragmentos de cerâmica (vermelha /fina) e cerâmica (louça) recente.

S. Cojmo. Engenho de roda d'água com igreja, na m.e. do 'Mongaguaba' (Rio Manguaba).



O local marcado no mapa como Engenho Cosmo (Engenho de Roda D'agua com Igreja) encontra-se atualmente em uma área alagada próximo a margem do Rio Manguaba; no momento as águas muito altas impossibilitaram a vistoria.

Conjunto dos engenhos que constam na cartografia holandesa (no trecho considerado)



Igrejas assinaladas na cartografia holandesa ou referidas em texto

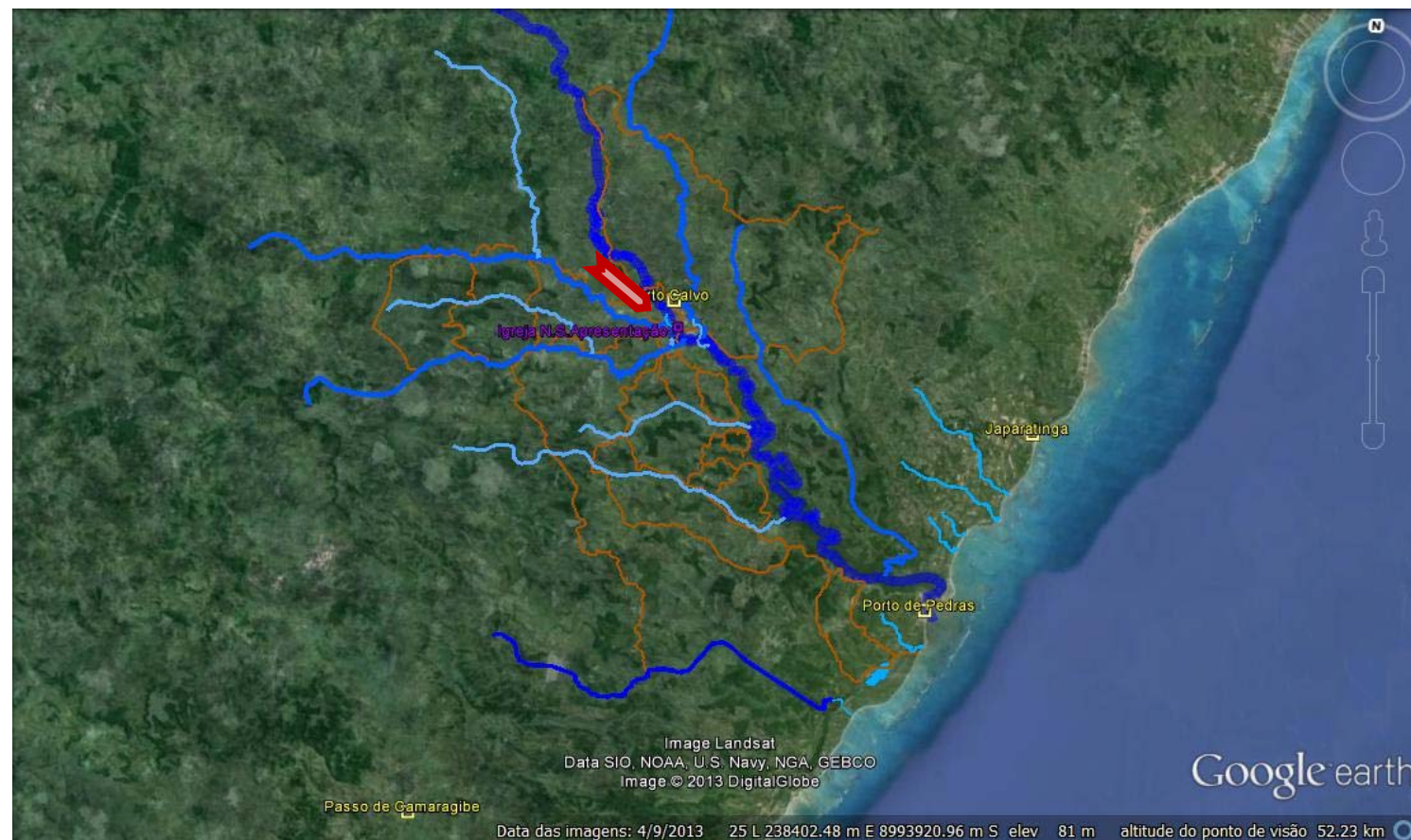
Levantamento de campo



OBSIDIO ET EXPUGNATIO PORTUS CALVI. JOHN OGILBY (16001676).- London/1671. (detalhe C - basilica)

Igreja de N.S. da Apresentação.

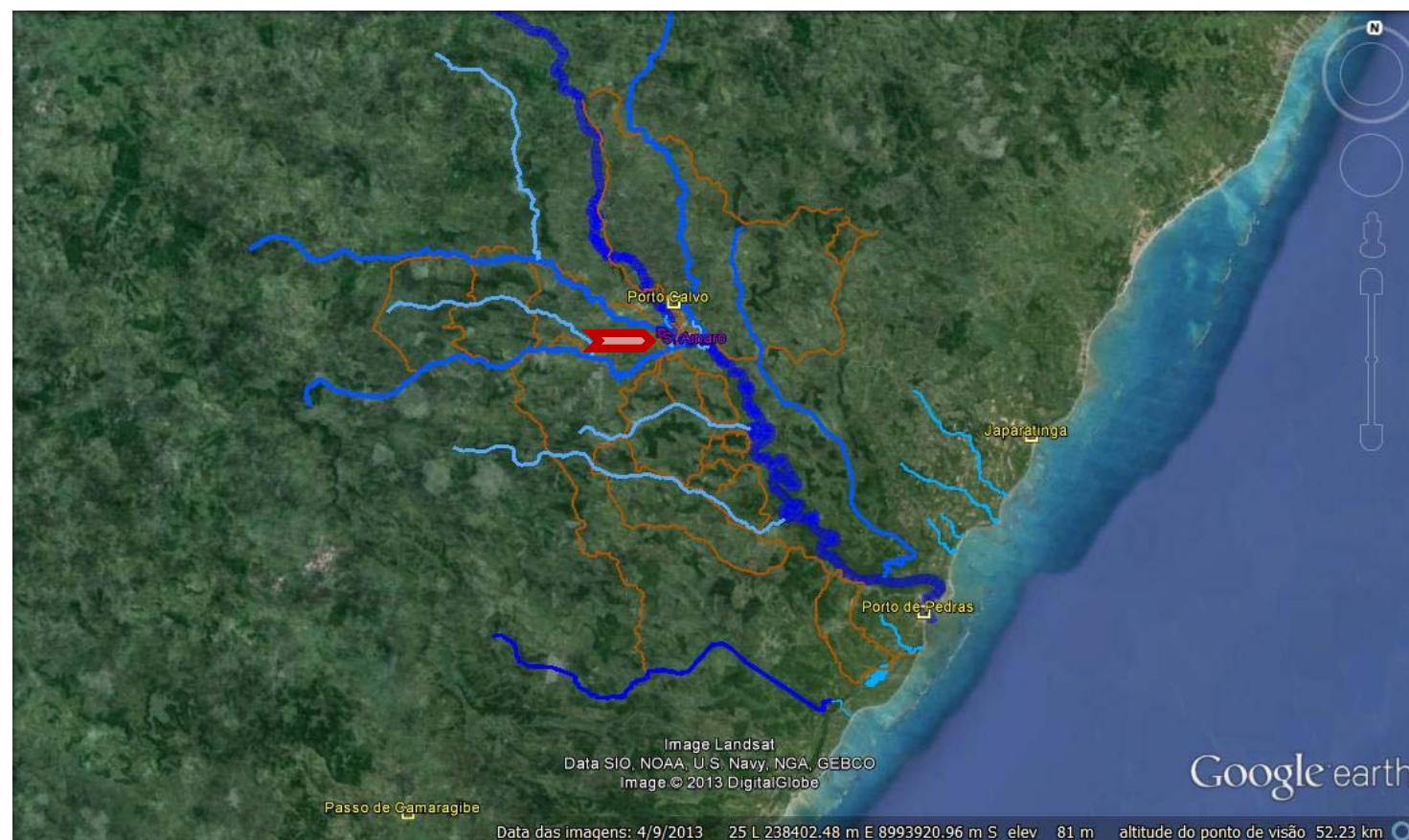
Não está assinalada no Mapa BQPPB. Textos coevos a mencionam.



Construída em 1610, sofreu consecutivas descaraterizações. A estrutura da porta é primitiva. O altar-mor foi substituído por outro em 1930. Possui imagens de grande beleza e valor. Tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 17 de janeiro de 1955. (informação WEB)

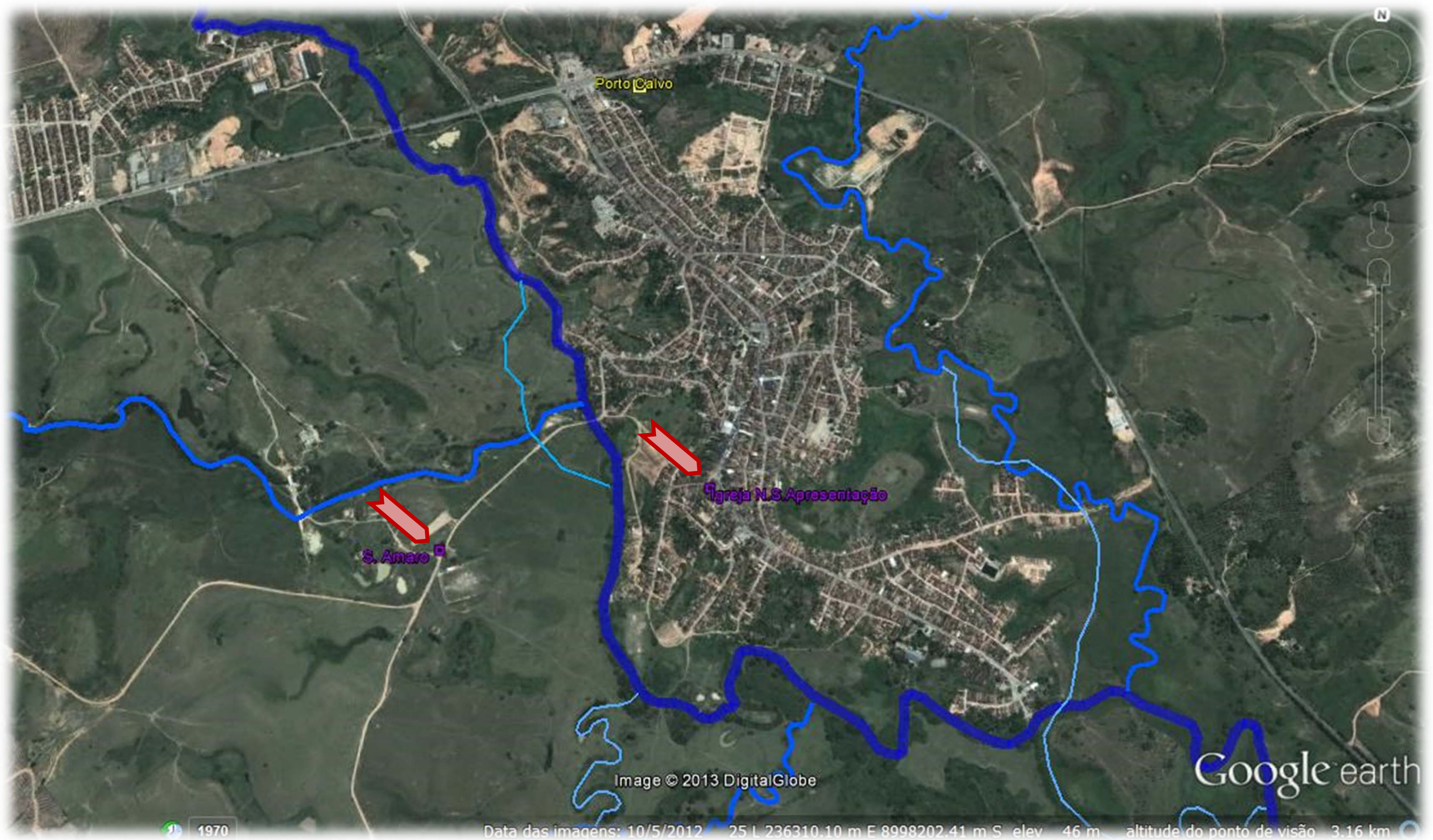


S. Amaro - Igreja na m.d. do 'Monguagaba' (Rio Manguaba) entre as fozes dos rios 'Tapámundé' e 'Mocabitá'.

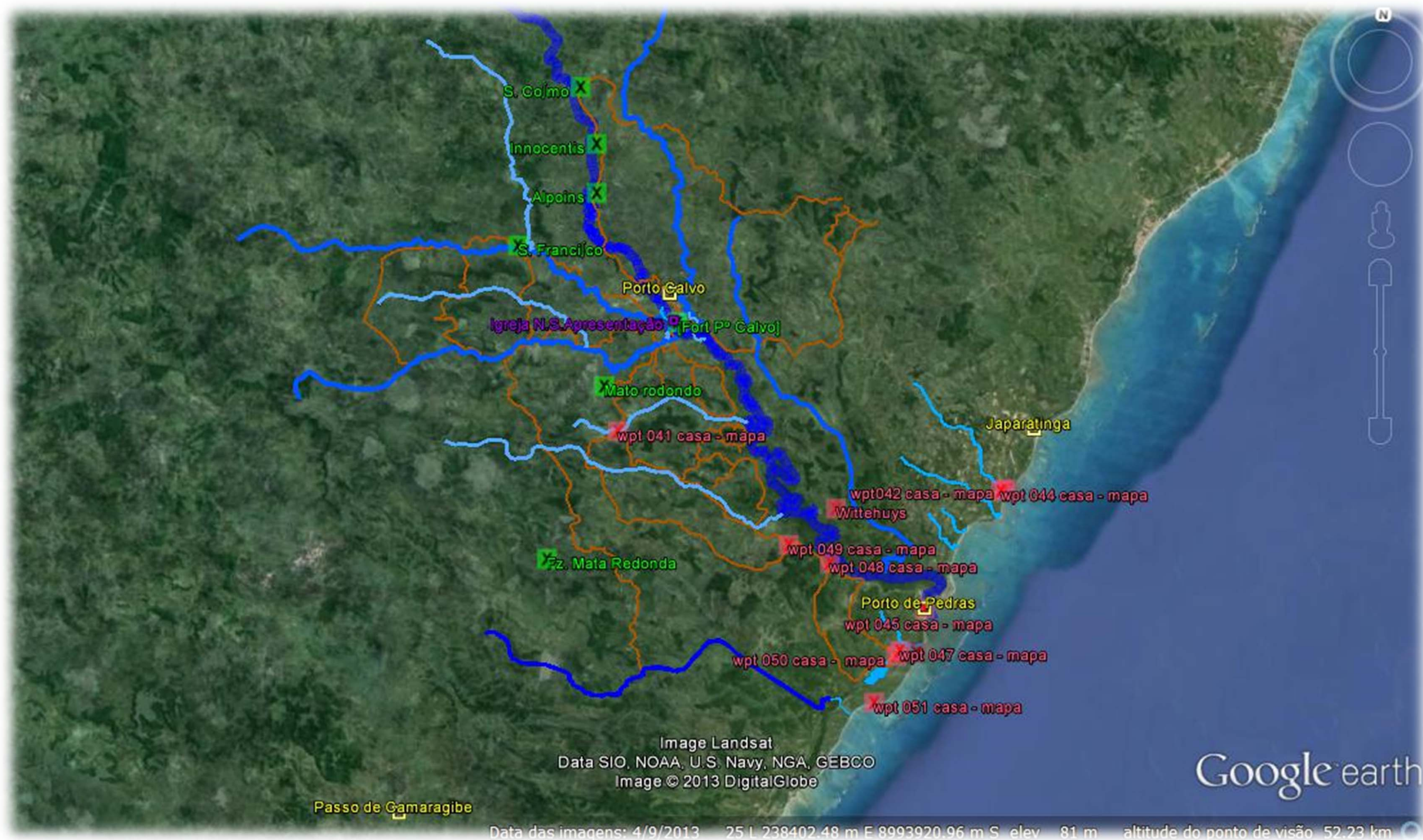


O local marcado no mapa como S.Amaro (Igreja Na m.d. Do 'monguagaba') está localizado atualmente dentro de uma Fazenda com o mesmo nome - Fazenda Santo Amaro; no local da igreja existe uma estrutura (bar) próximo à pista de vaquejada. Fica no lado esquerdo da estrada de terra que leva a Porto Calvo pelo do antigo caminho da Gruta através da ponte de madeira que se encontra atualmente interditada.

As duas igrejas referidas nos textos (apenas uma na cartografia)



Conjunto dos assentamentos que constam no BQPPB (no trecho considerado)



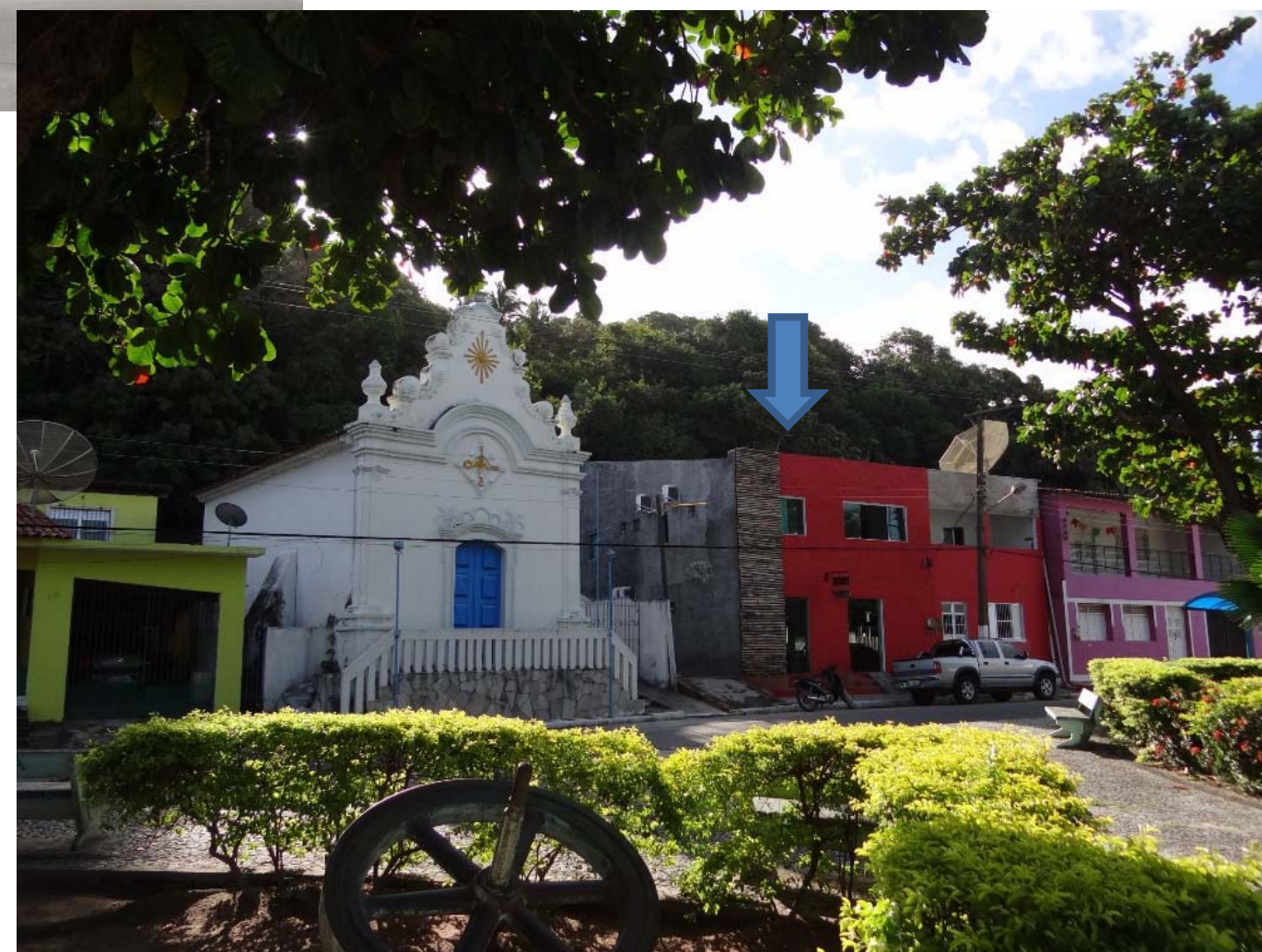
Potencial Arqueológico

Porto de Pedras



Casa de Câmara e Cadeia

Localizados tijolos e estrutura de suposto túnel durante as obras de reforma da pousada



Mata Redonda (local de batalha)

Prospecção ainda não realizada



Local das estruturas (hoje destruídas) do Engenho Mata Redonda



Capela do Engenho Mata Redonda (hoje destruída)
 Subsídios para arqueologia subaquática alagoana I –
 Maceió 2008
 Aloisio Vilela de Vasconcelos





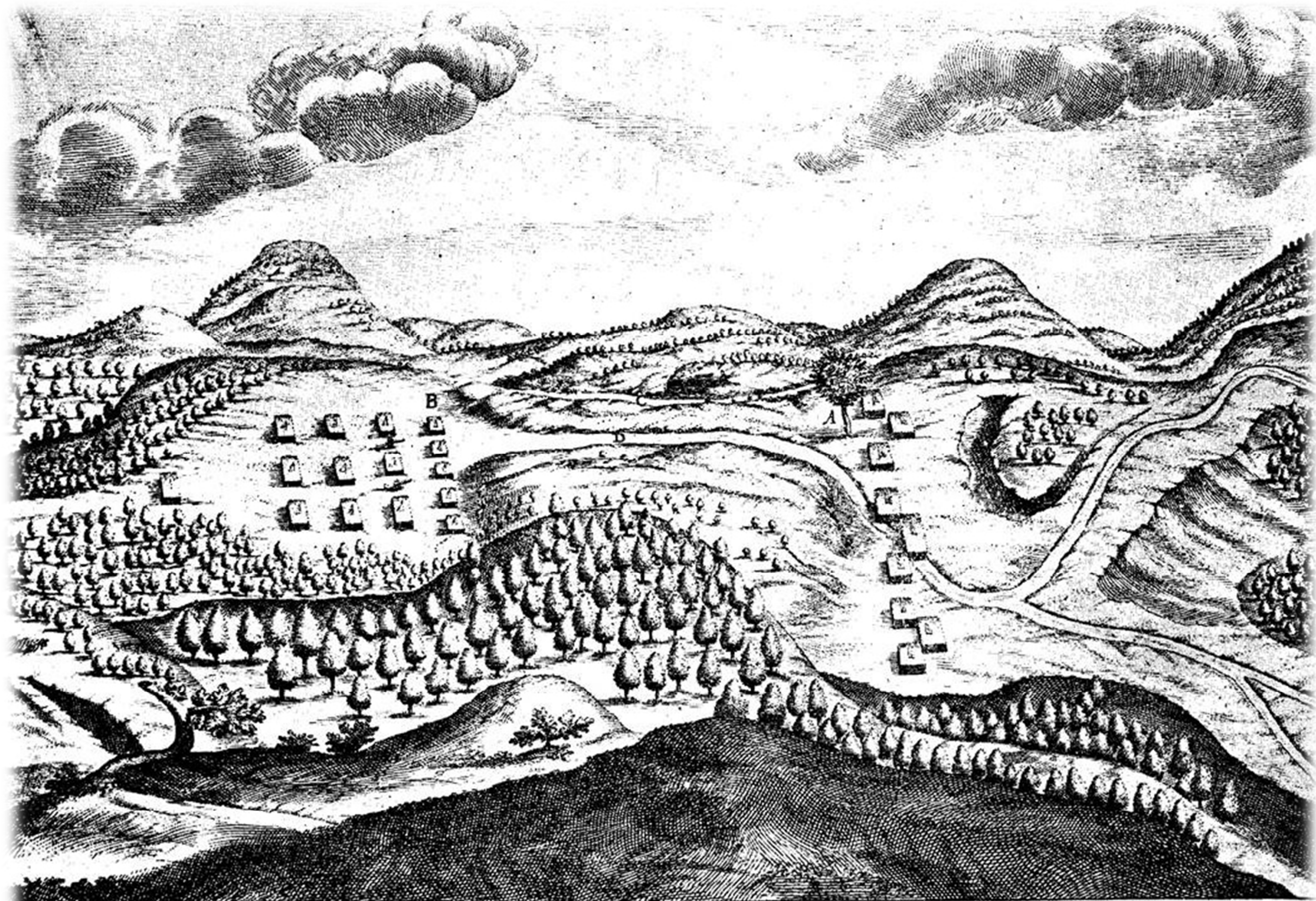
Local da casa grande do Engenho Mata Redonda + destruída



Vestígios da moita do engenho Mata Redonda



Poço do engenho Mata Redonda



Anno 1636. Afbeeldinghe van de Slagh van onse Troupen onder het beleijdt vande H. Colonel Artichau, tegen
 de Spaensche Troupen onder t'Commando van Don Louijs de Rochas e Borgia.
 A. Den grooten boom daer de Generael don Louijs de Rochas e Borgia onder-
 hield om onse ordre te bespieden. C. Regengrachte inde welke de vyandt eerst syn musquettiers de mancheerde.
 B. De plaats daer de Colonel Artichau sich hield om alles wel te berightighen. D. Den enghen pass tusschen de twee berghen daer de vyand eerst door
 aenquam.

Afbeeldinghe van de Slagh · van onse Troupen under het beleijdt van de H. colonel Artichau, tegen de Spainsche Trou'pen onder t'Commando van Don Louys de Rochas e Borgia. [Planta do campo da batalha chamada da Mata Redonda, entre o Coronel Arciszewsky e Don Luis de Rojas y Borja, com as posições dos excrcitos]. Af. por Anon. 1636. Dim. 0,264 x 0,335. Muller n. 1570, Cat. Amer. III; Apud Laet, Hist.w. Ind. Comp. 17.436 do C. E. H.B.

Anais da Biblioteca Nacional vol 41-42 1919-1920 p.147

Local da Batalha de Mata Redonda (hipótese)



Posição de Arciszewski (hipótese)



Posição de Rojas y Borja (hipótese)

Porto de Pedras

Aldeia indígena

Prainha – Porto de Pedras

O sítio arqueológico da Tradição Tupiguarani foi localizado na área de Prainha. A datação por termoluminescência (510 ± 50) permite considerá-lo nos primeiros anos da colonização



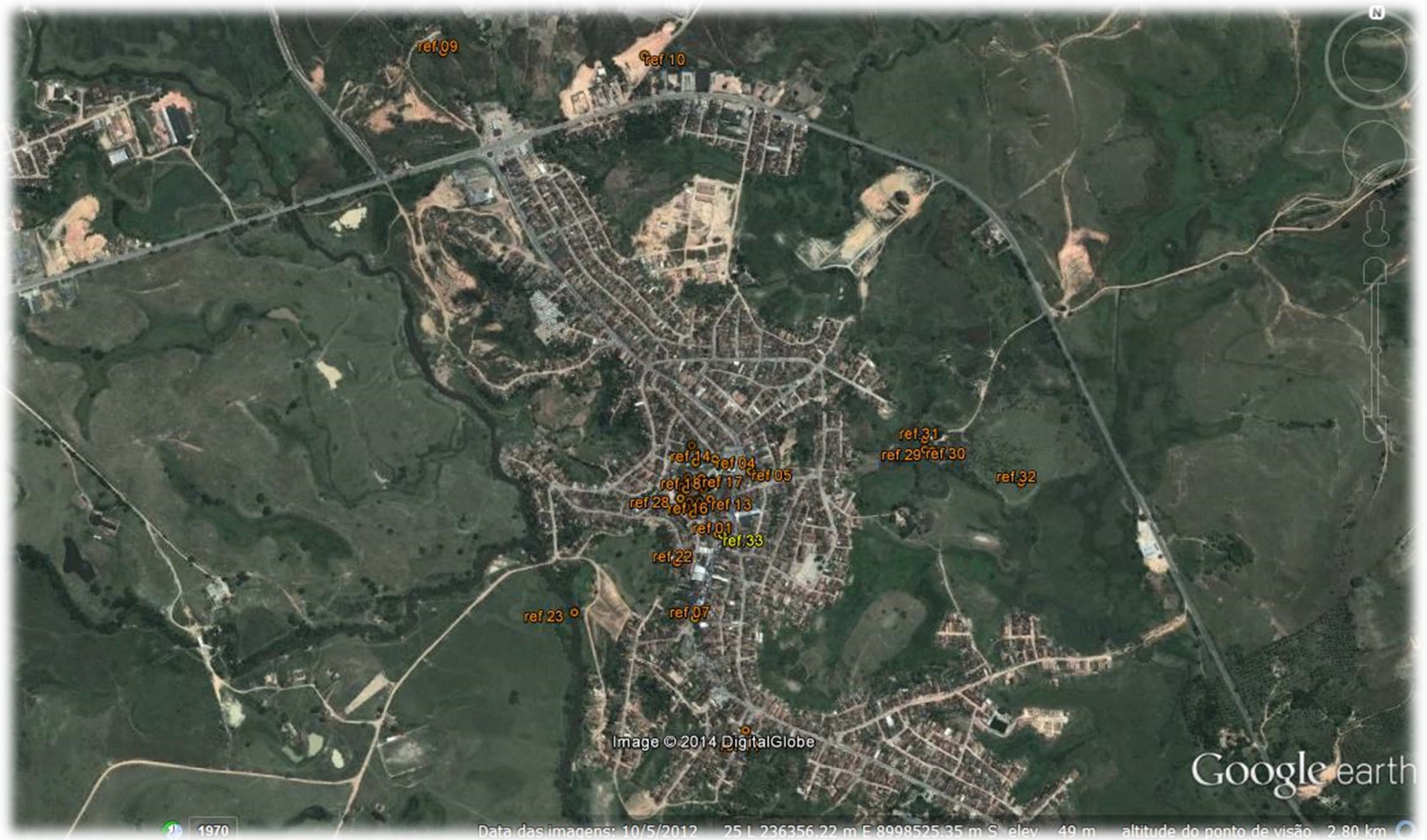
Potencial Arqueológico

Informações orais

Porto Calvo

Todos os pontos em que a tradição oral aponta como locais em que teria havido achados fortuitos de material arqueológico, foram graficamente assinalados sobre mapas da área, assinalando-se suas características em termos de tamanho aproximado (distribuição horizontal e vertical) e o período de ocupação.

Mapeamento das informações orais em Porto Calvo



Localização das informações orais



01 – Estruturas em arco feitas com tijolos holandeses



02- Estrutura em tijolos holandeses quebrada e aterrada - espadas e capacetes



03 - balas de mosquete localizadas durante as obras de ampliação da maternidade



04- tampa em metal de estrutura não identificada ,
tido como risco de explosão



05 - Suposta entrada de um túnel que levaria até
o Rio Comandatuba



06 – Tijolos holandeses à galga localizados durante
as obras de calçamento



07 – suposto trecho do túnel → o piso
cedeu durante as obras de calçamento



08 – Oratório que teria sido usado como depósito de munição



09 – localizadas balas de canhão em torno da casa



10 – Durante o corte da barreira foram localizadas mais de 10 projéteis de canhão



11 – localizadas ossadas humanas durante as obras de construção das casas



12 – localizada estrutura em tijolos arruinada e entupida a cerca de 1,50m de profundidade



13 – tijolos holandeses localizados durante as obras de construção ao lado do memorial



14 – localizados diversos materiais durante as obras de construção





16 – Ossos humanos e correntes localizados durante as obras de construção da casa



17 – O piso da sala cedeu e foram vistas estruturas no local que foram aterradas



18 – O piso da sala cedeu durante as obras de construção



19 – Degraus em tijolos holandeses defronte da escadaria do hospital



20 – Tijolos holandeses localizados na superfície



21 – Localizados facões e balas de canhão durante a construção da piscina grande



22 – Localizadas projéteis de canhão no local



23 – Degraus e estrutura em arco na barranca do Rio Manguaba - tijolo holandês



25 – Localizados tijolos holandeses e outros materiais durante as obras do memorial



26 – Retirado do local antigo cruzeiro em madeira (sucupira)



27 – Localizados tijolos holandeses na superfície





30 – Valas perpendiculares ao rio – suposta trincheira



30a – Valas perpendiculares ao rio – suposta trincheira



32 – Localizada bala de canhão durante obra de terraplenagem



32 – Projétil localizado durante a terraplanagem



33 – Localizada grande quantidade de moedas durante reforma no prédio

Povoados

Referencias em textos coevos

Povoado Quitanga ou Quitanda



- Povoado da (ou do) Quitanga, no districto de Sant' Anna. É celebre no tempo dos holandeses.



Povoado Caxangá



- Conhecido como ocupação Holandesa, segundo a tradição popular, guarda vestígios étnicos na população.



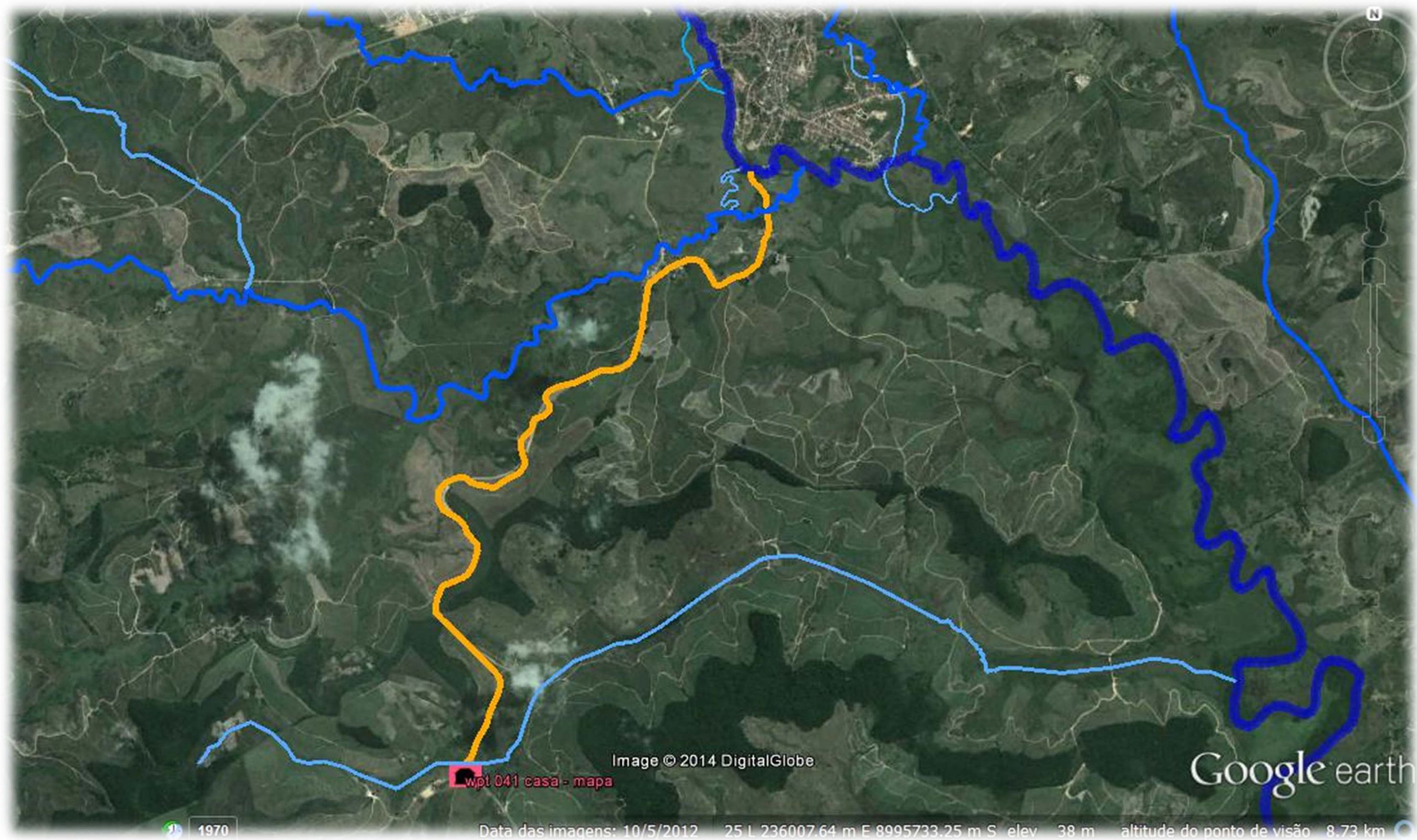
Vista de Porto Calvo a partir do Povoado Caxangá

Casa do Frei Manoel Calado

O frei morava a cerca de uma légua
de Porto Calvo



Praefectura Parnambucae pars Borealis, uma cum Praefectura de Itâmaracâ (detalhe)
Marggraf, Georg, 1610-1644 (II.)





AL 460 – Atual Fazenda Canavieira



Fazenda Canavieira



Fazenda Canavieira

Passagens

Porto Calvo cercada por rios

Conhecida por seus Quatro Rios que a cercavam, o acesso a Porto Calvo exigia a travessia dos rios. As estratégias tanto de defesa quanto de ataque implicavam em considerar aquela defesa natural. A disposição das tropas de cerco deixa entrever os pontos de passagem buscados. Estas passagens são usadas até os dias atuais, de uma forma mais outras menos precárias.













Sistema de defesa assinalado na cartografia holandesa

Na Vila de Porto Calvo implantou-se um sistema de defesa que teve início com a fortificação de sua antiga igreja (igreja velha). Aquela igreja foi posteriormente demolida dando lugar às obras da fortaleza. Uma nova igreja foi construída , e posteriormente fortificada.

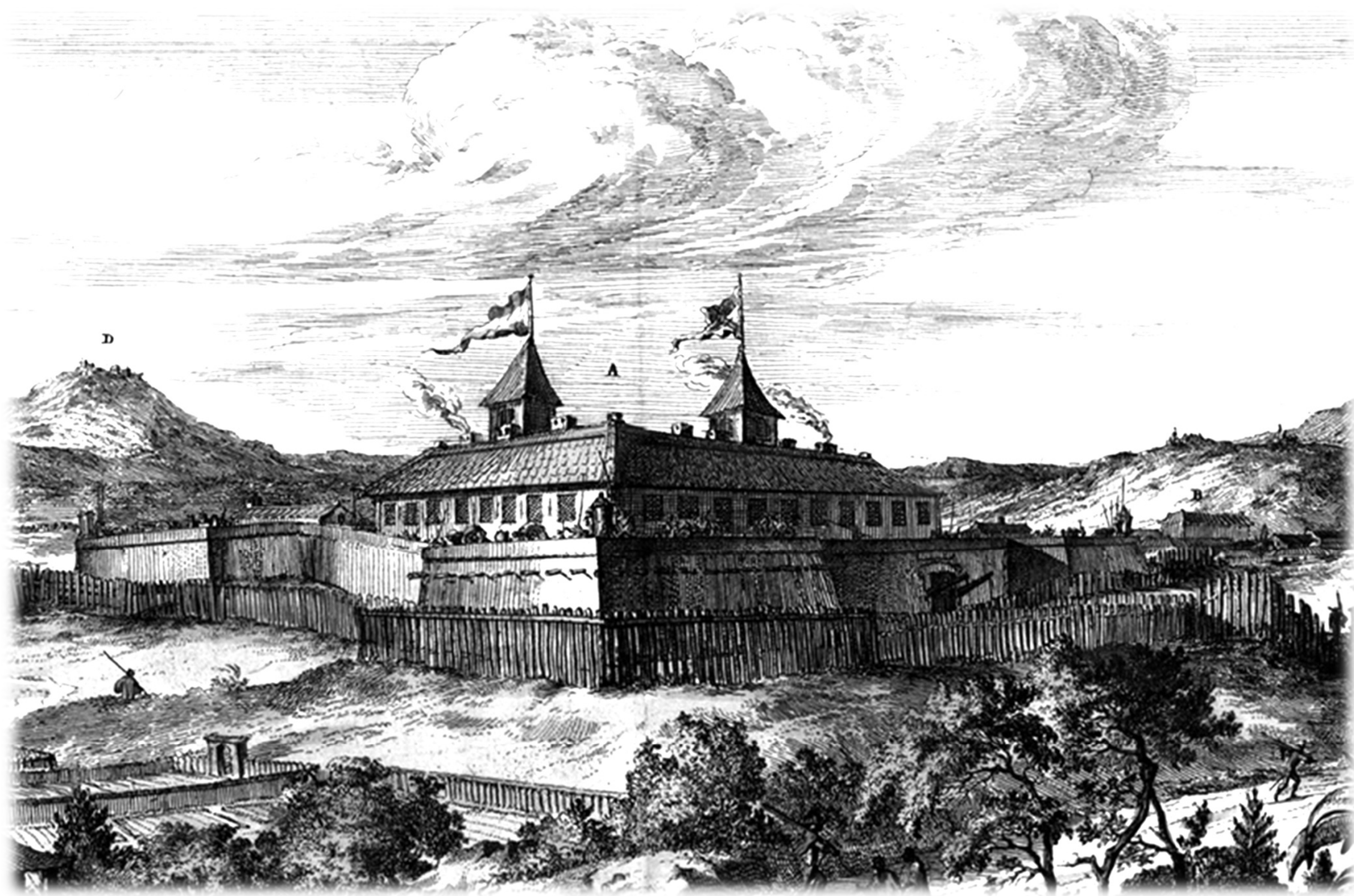
Há referências ainda a duas 'casas fortes' no povoado que se estendia entre os dois fortes. No varadouro, dois redutos integravam ainda a defesa da Vila. Um pouco mais afastados, nos outeiros de Amador Álvares outros dois redutos se erguiam a cavaleiro da estrada que vinha do norte.



OBSIDIO ET EXPUGNATIO PORTUS CALVI. JOHN OGILBY (1600-1676).- London/1671. Gravura original de Ogilby, realizada em 1671 a partir da obra de Frans Post, representando um forte holandês em Portus Calvi (Alagoas)

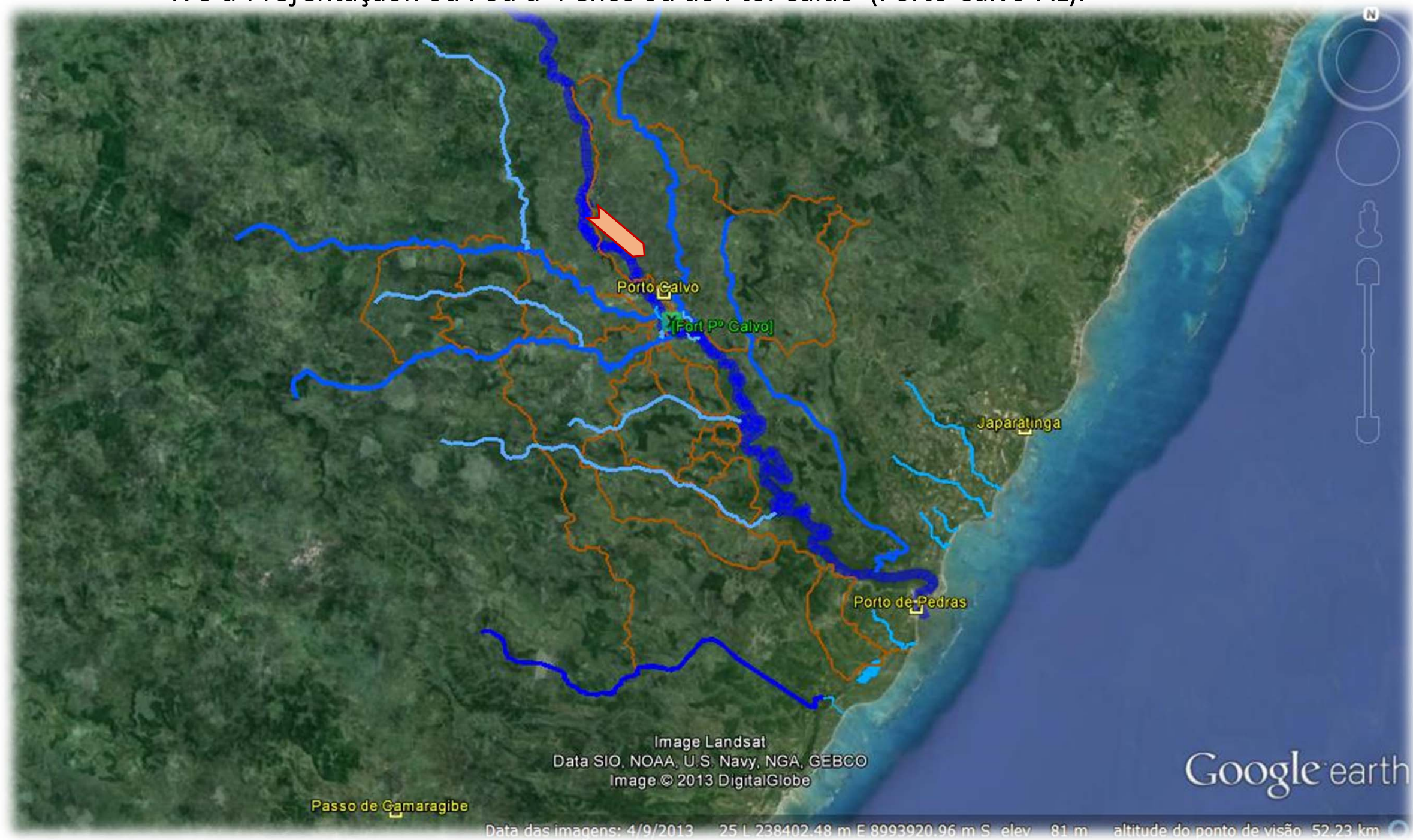


Obsidio et Expurgatio Portus Calvi (detalhe)
Post, Frans Jansz, 1612-1680 (il.)

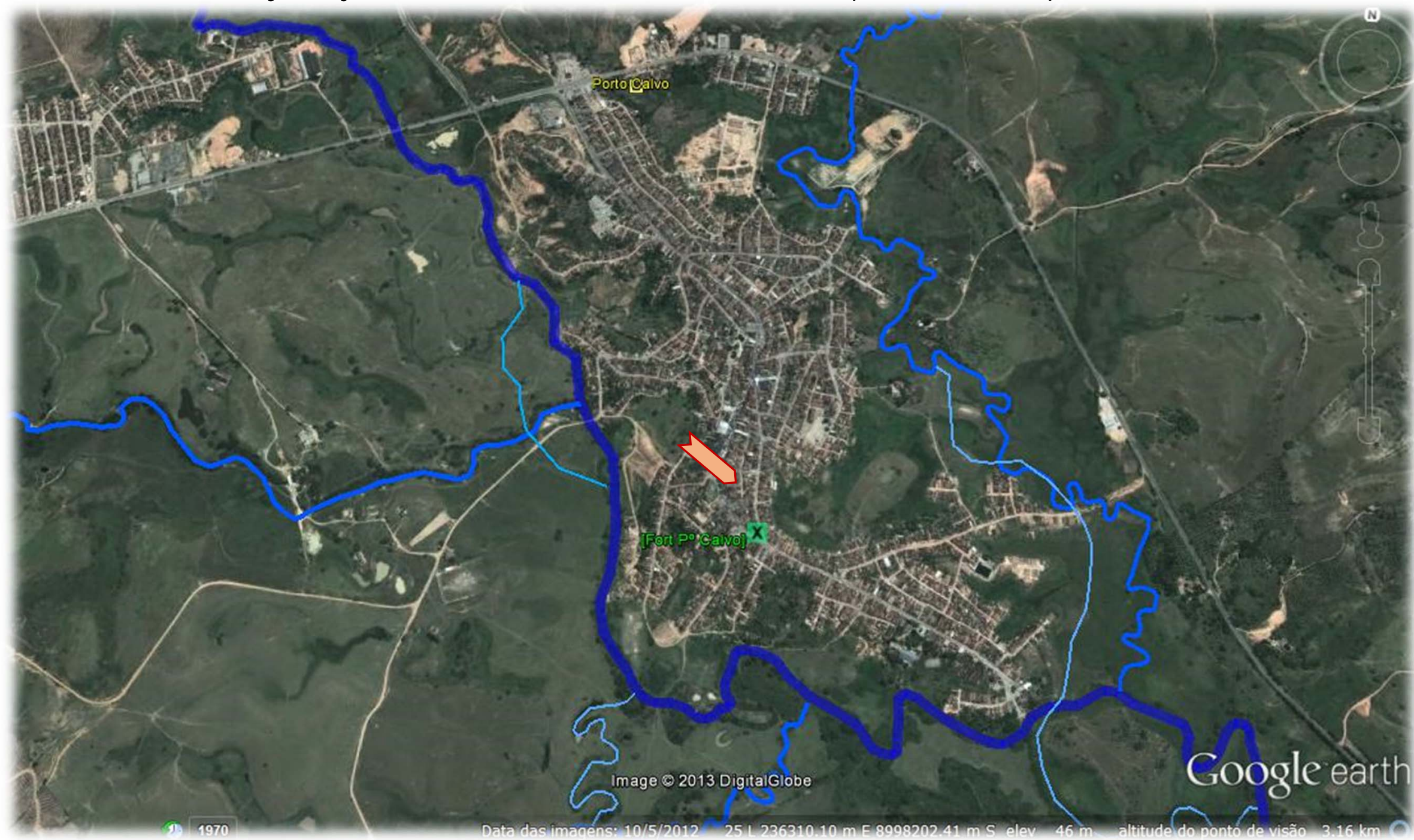


OBSIDIO ET EXPUGNATIO PORTUS CALVI. JOHN OGILBY (16001676).- London/1671. (detalhe A- forte)

Forte sem nome no BQPPB na ilha fluvial no 'Mongaguaba' (Rio Manguaba) ao sul da povoação 'N S d' Prefeetura ou Poã d' 4 enos ou do Pto. Calvo' (Porto Calvo-AL).

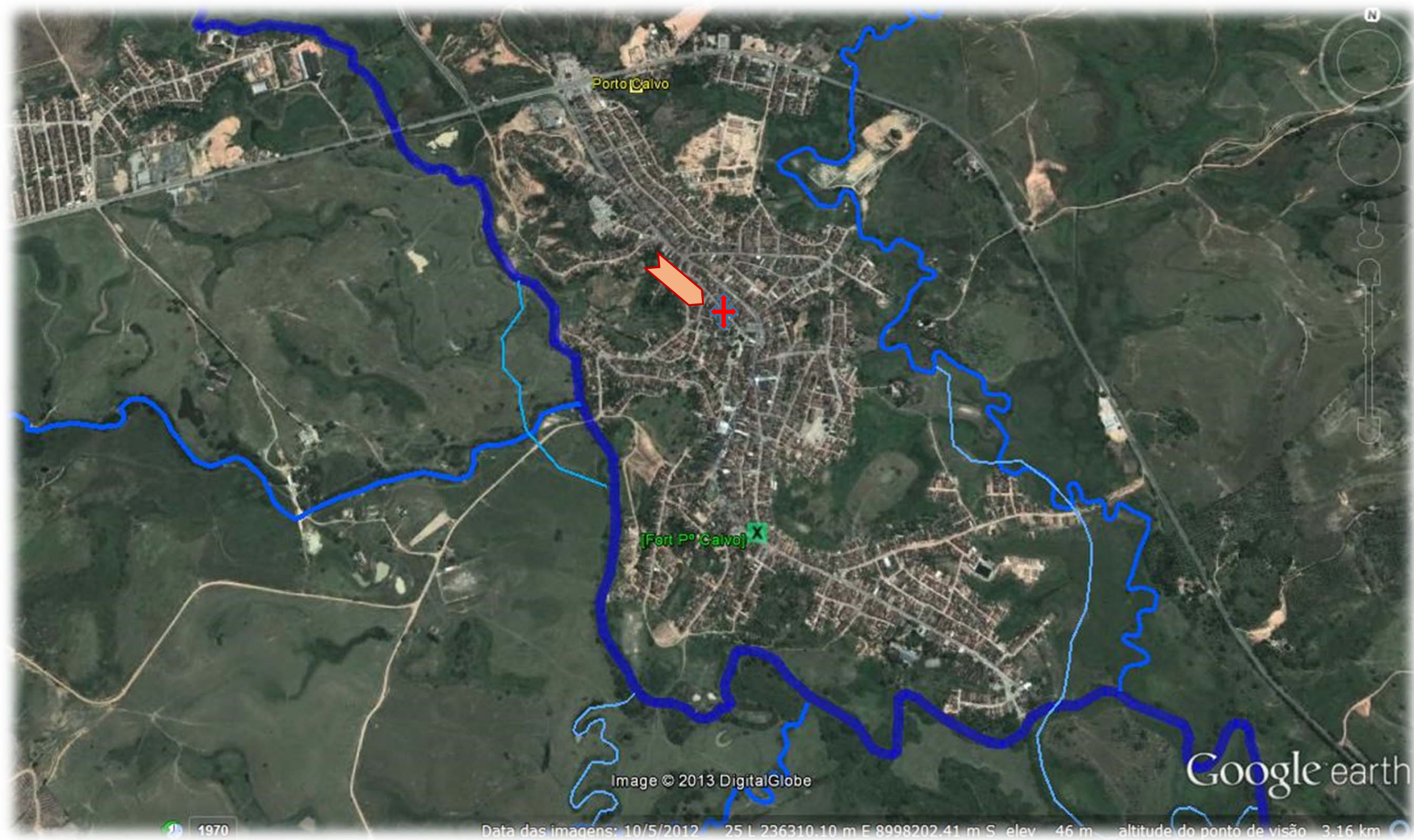


Forte sem nome no BQPPB na ilha fluvial no 'Mongaguaba' (Rio Manguaba) ao sul da povoação 'N S d' Prefeitura ou Poço d' 4 enos ou do Pto. Calvo' (Porto Calvo-AL).



Posição do Forte – após as pesquisas em campo foi reposicionado

Forte sem nome no BQPPB na ilha fluvial no 'Mongaguaba' (Rio Manguaba) ao sul da povoação 'N S đ Prejentaçao ou Poũ đ 4 enos ou do Pto. Caluo' (Porto Calvo-AL).



Reposicionamento do local do Forte

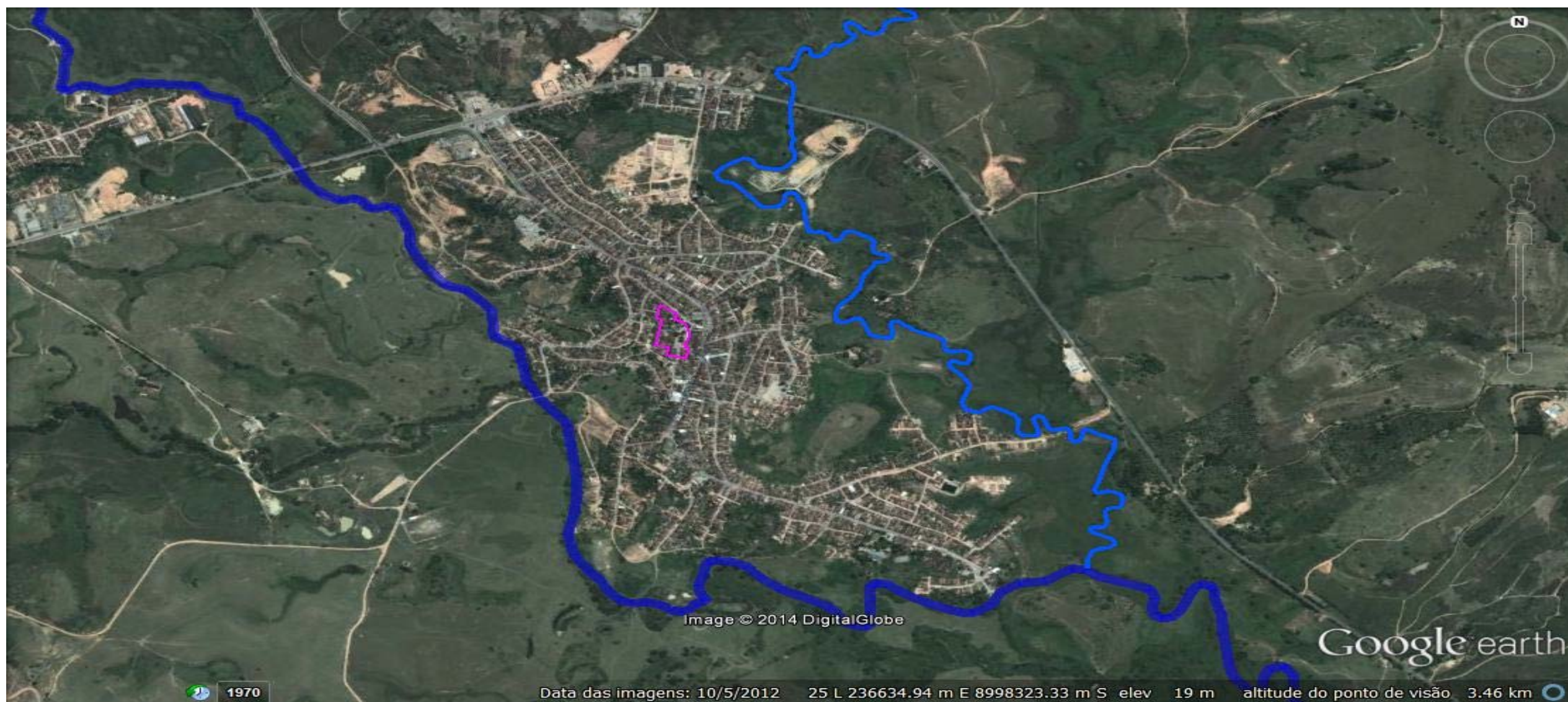
Porto Calvo vista do lado da margem esquerda do Rio Comandatuba



Defesas de Porto Calvo - pontos estimados.



Localização do forte (da igreja velha) cujos contornos foram avaliados com base no traçado da cidade.



Forte de Porto Calvo (igreja velha).



Igreja de N.S. da Apresentação (igreja nova), também fortificada nos tempos de combates



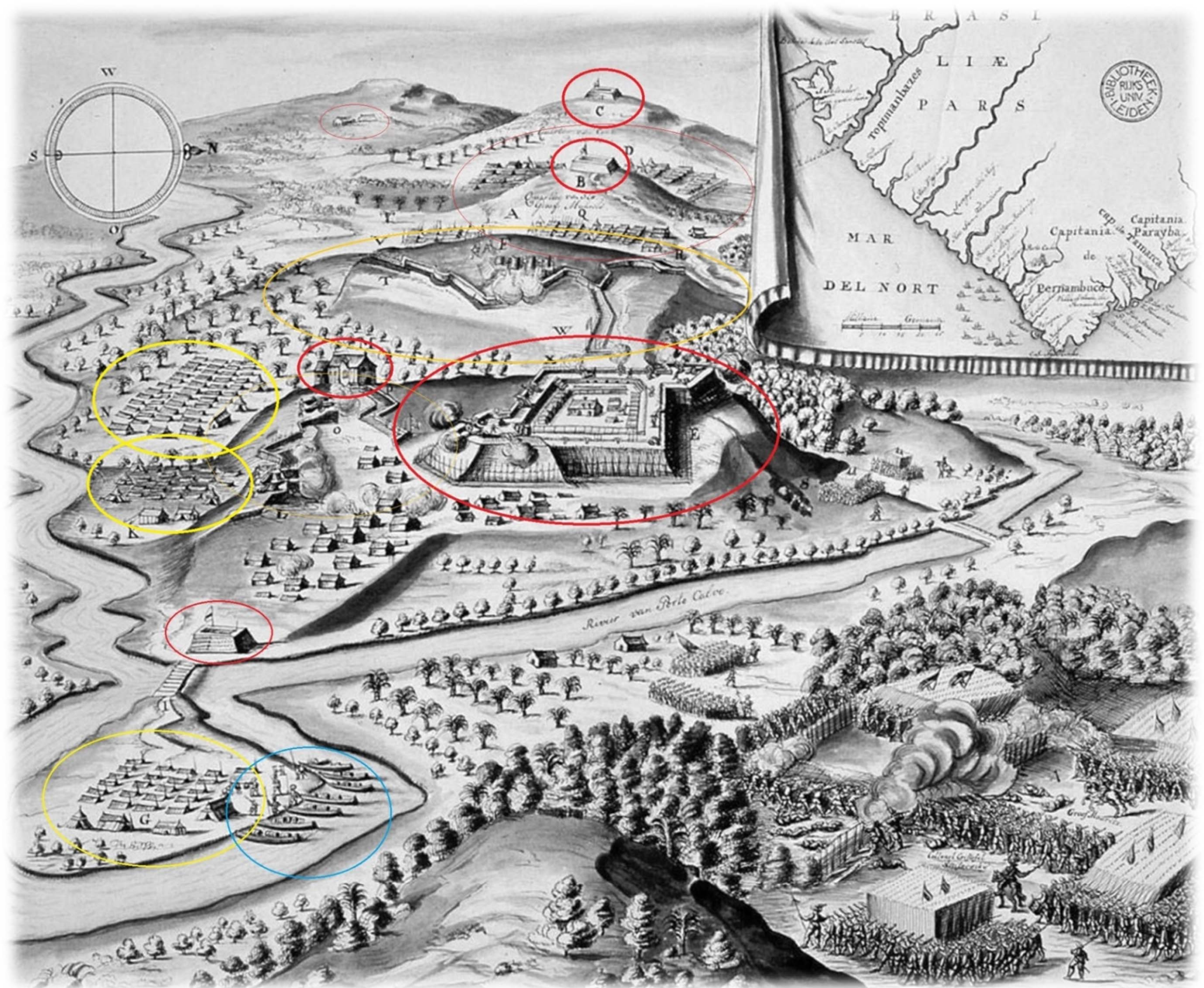
Varadouro (vendo-se ao fundo a Ilha do Guedes)



Vista atual do Varadouro, tomada a partir do local onde seria um dos redutos. O segundo reduto seria provavelmente, à margem do rio, logo após as estátuas que se vê ao fundo.

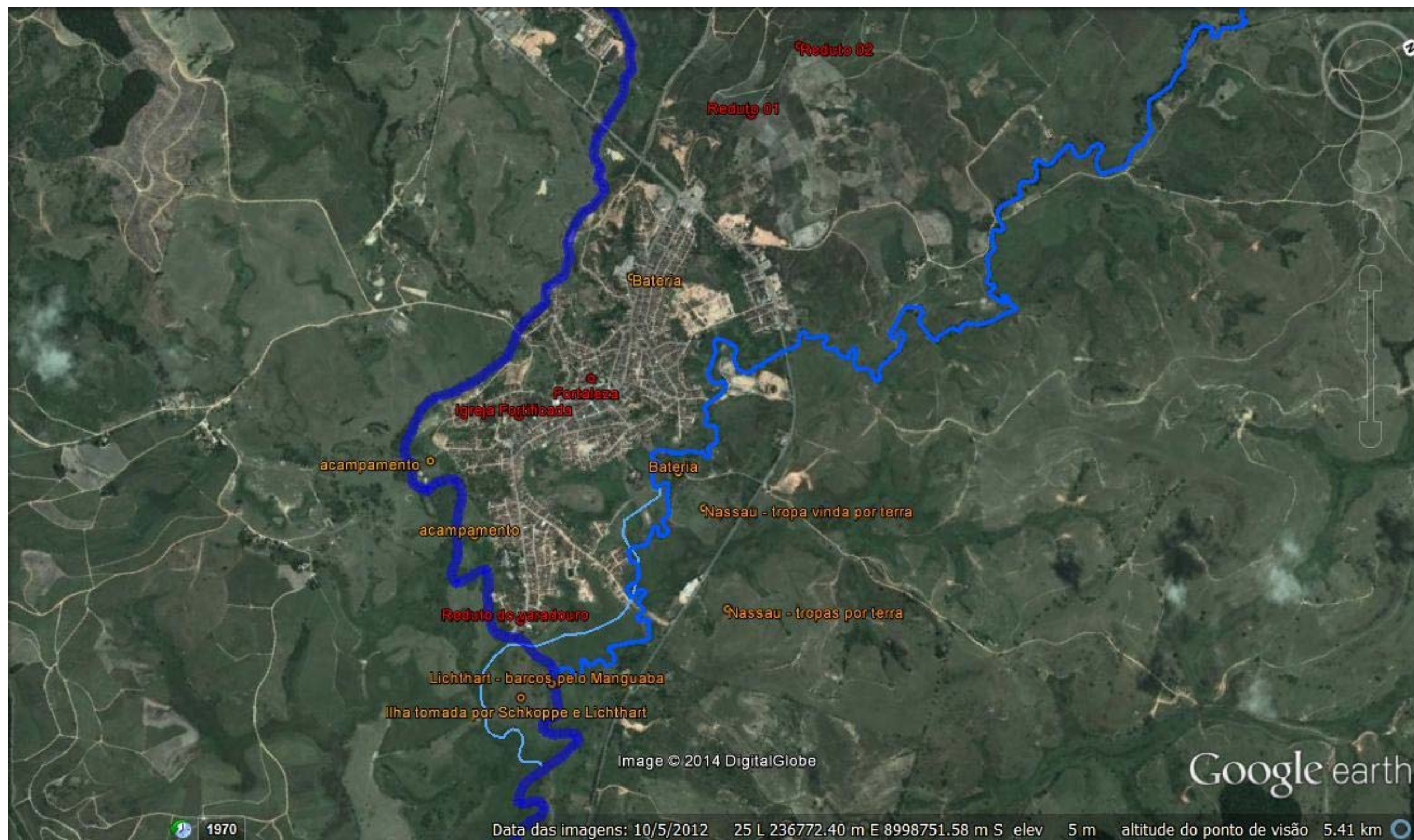
Áreas de maior potencial arqueológico

Porto Calvo



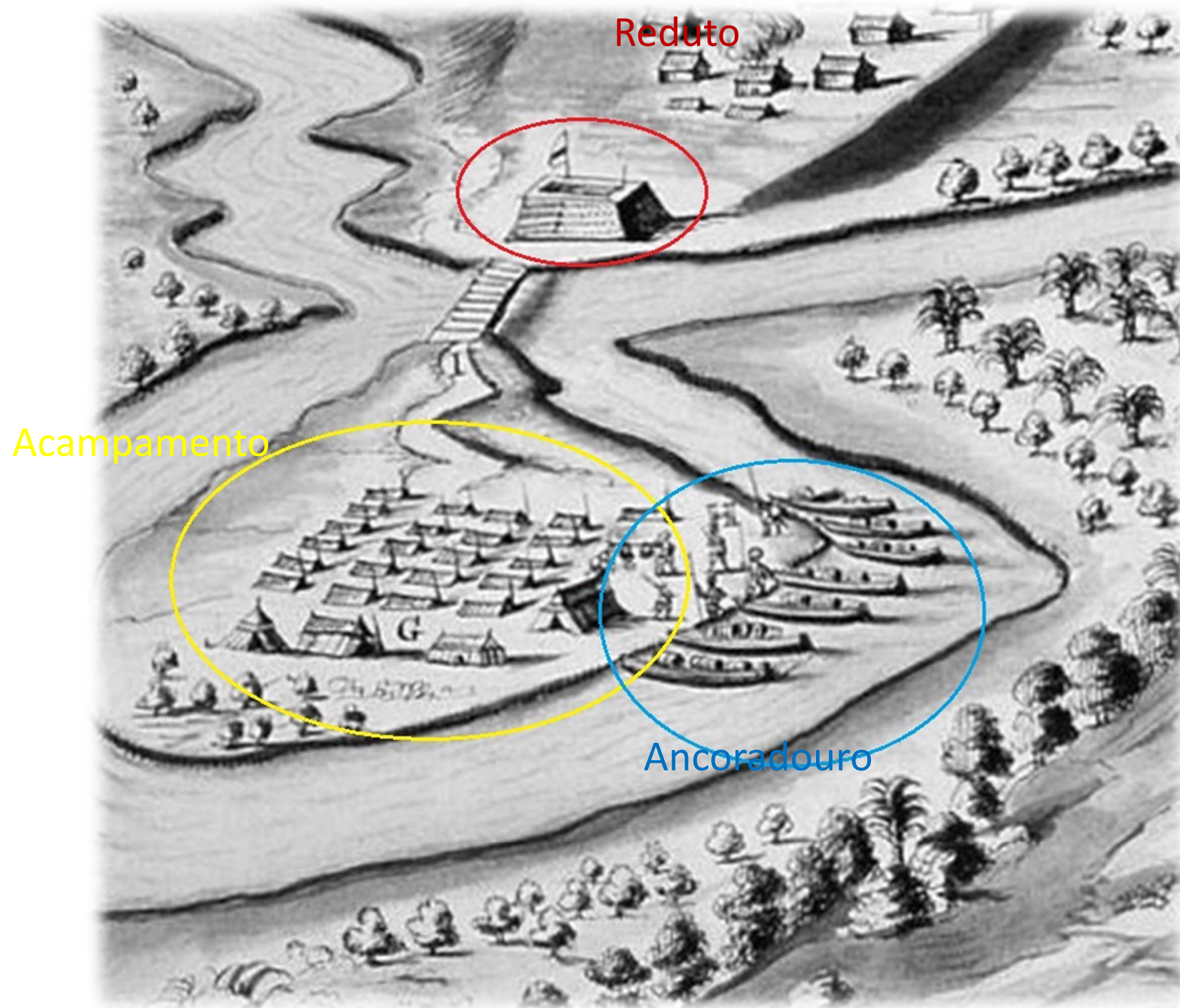
Originalmente foi feito pelo coronel Crestofle d'Artischau Arciszewsky
 Mapa da coleção Bodel Nijenhuis da Biblioteca Universitária, Leiden (UBLCKA_COUBN 002-12-076)

Acampamentos holandeses – potencial arqueológico



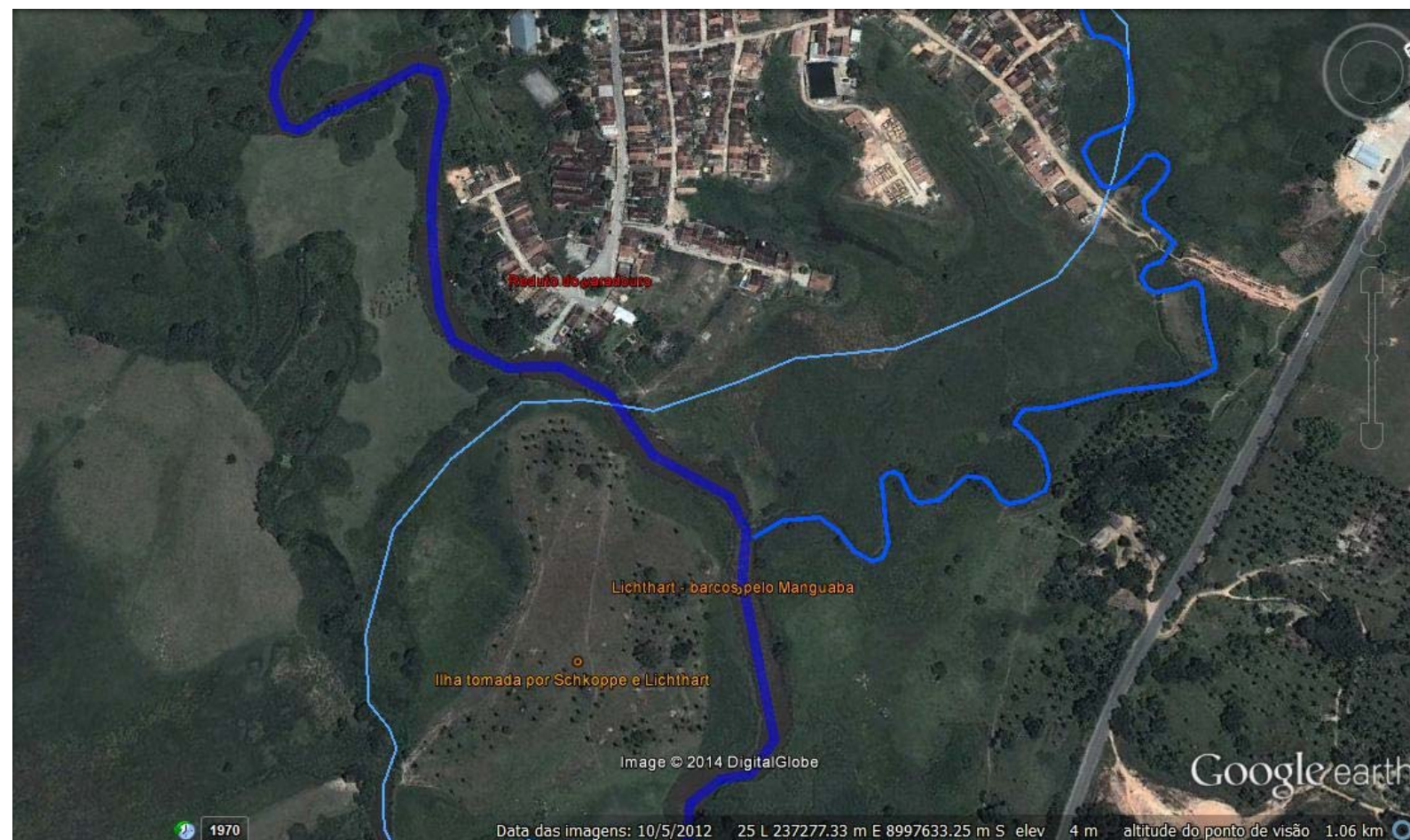
Localização prevista

Acampamento de tropas holandesas – Almirante Jan Corneliszoon Lichthardt



Originalmente foi feito pelo coronel Crestofle d'Artischau Arciszewsky (detalhe acampamento na ilha)
Mapa da coleção Bodel Nijenhuis da Biblioteca Universitária, Leiden (UBLCKA_COUBN 002-12-076)

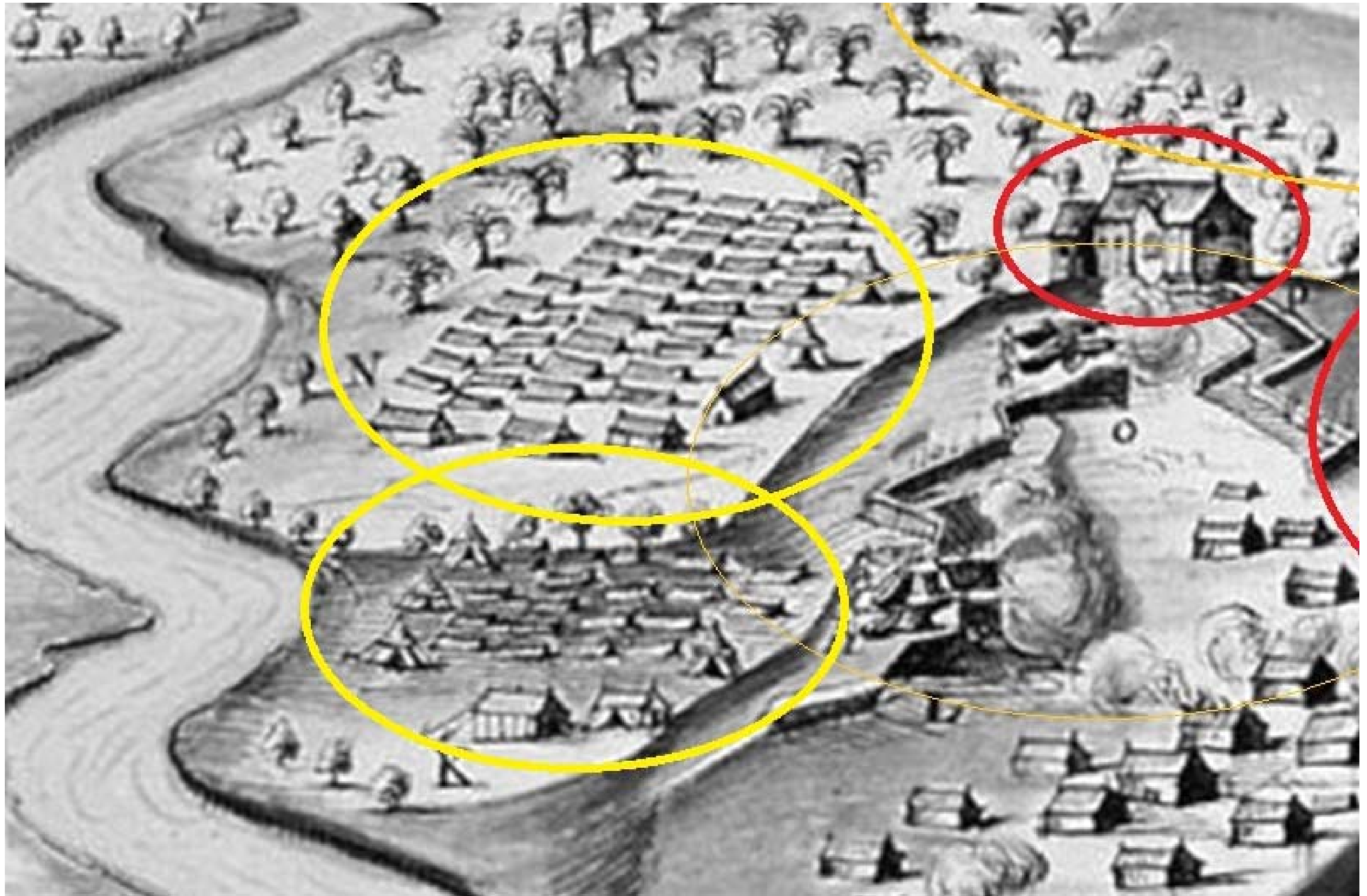
Acampamento holandês – potencial arqueológico



Localização prevista

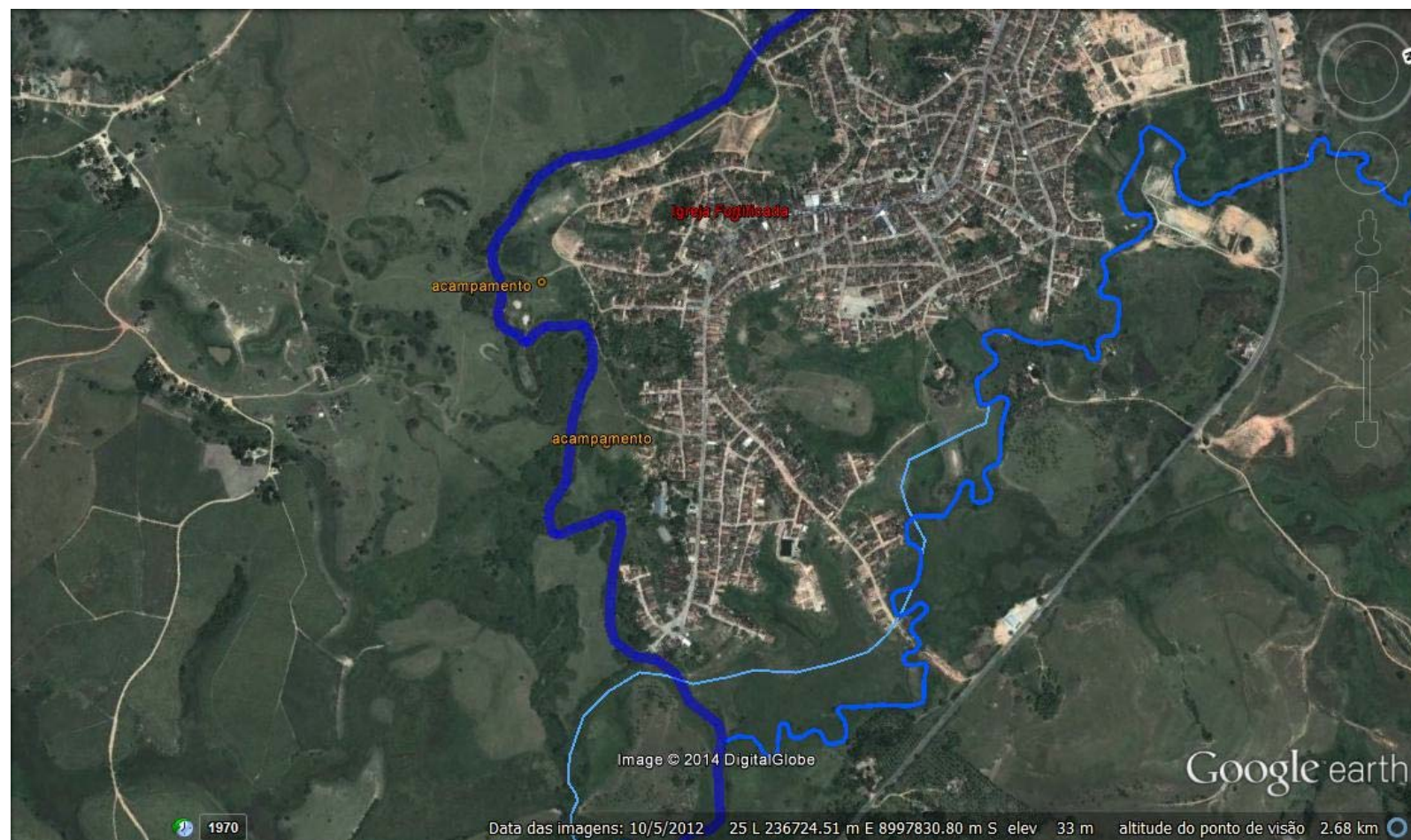


Acampamentos de tropas holandesas – Coronel Sigismund van Schkoppe

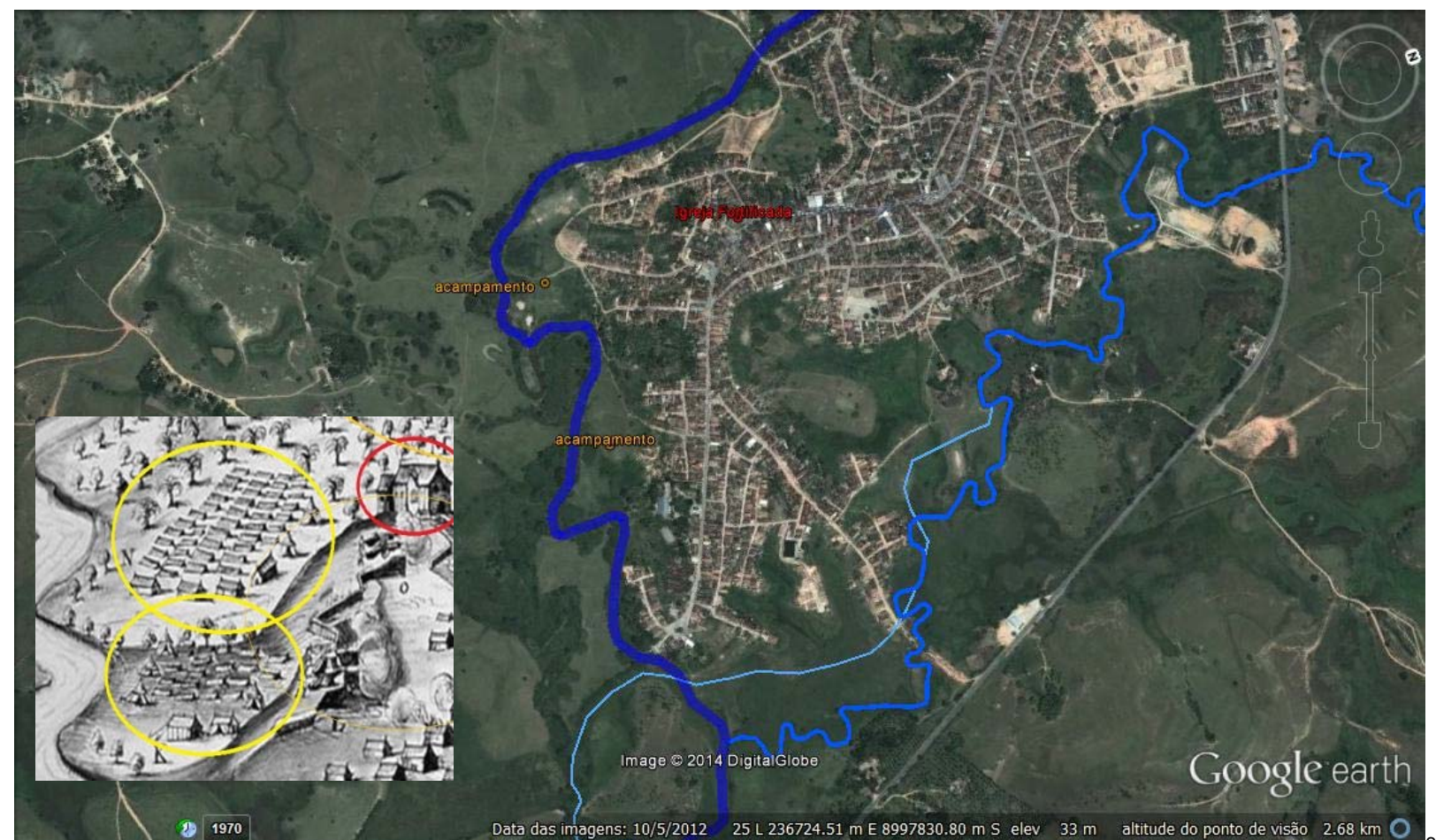


Originalmente foi feito pelo coronel Crestofle d'Artischau Arciszewsky – detalhe
Mapa da coleção Bodel Nijenhuis da Biblioteca Universitária, Leiden (UBLCKA_COUBN 002-12-076)

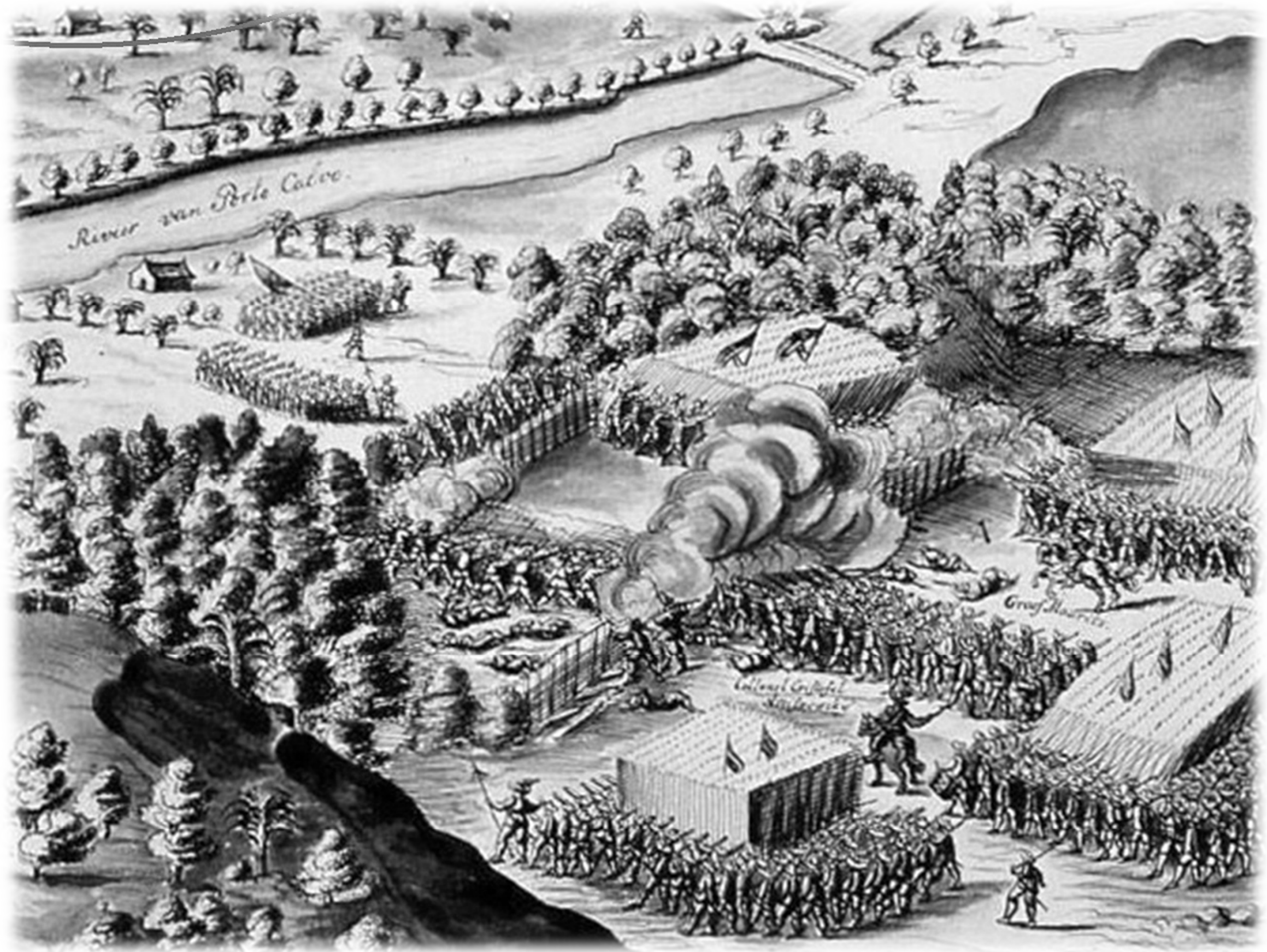
Acampamento holandês – potencial arqueológico



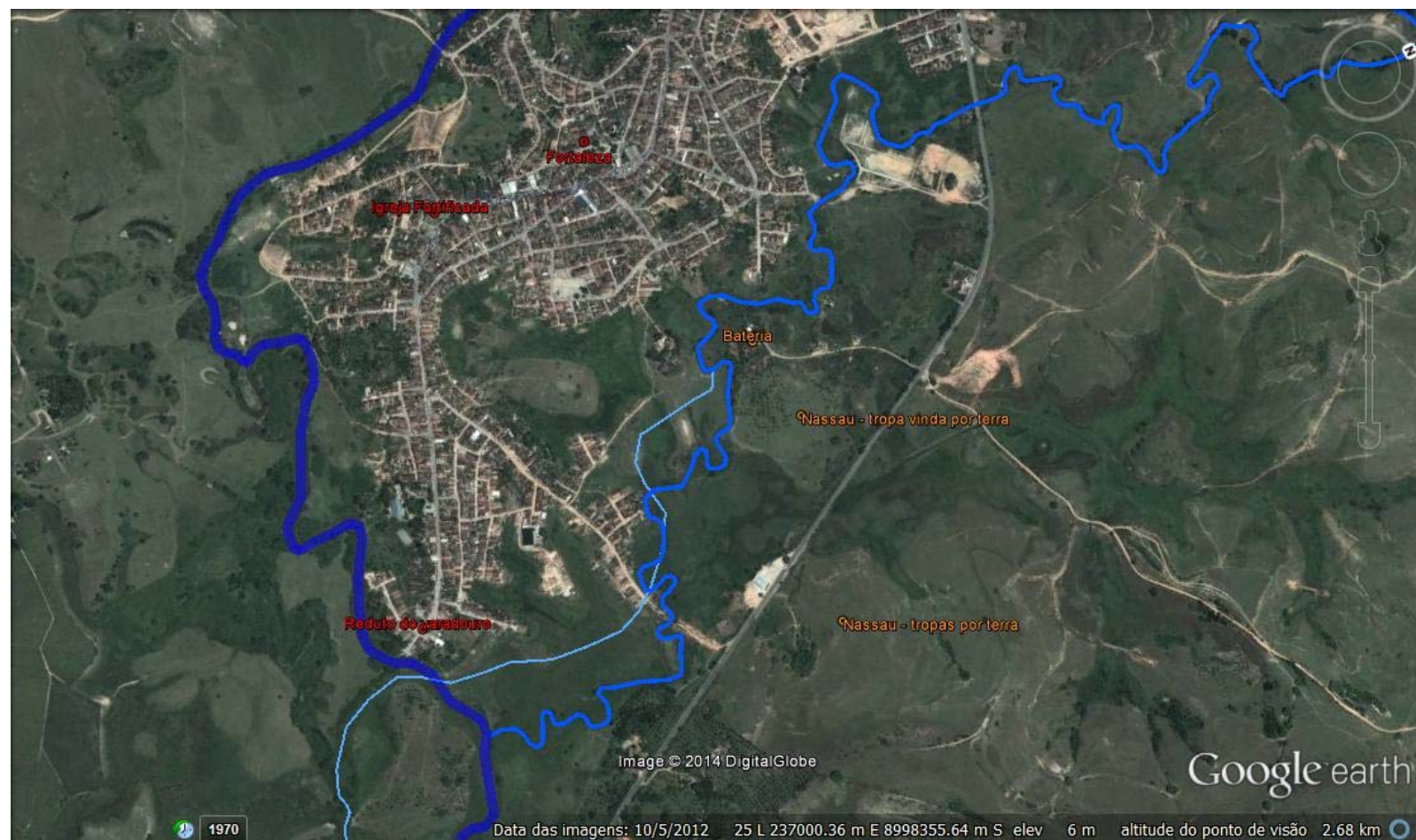
Localização prevista



Batalha às margens do Comandatuba



Originalmente foi feito pelo coronel Crestofle d'Artischau Arciszewsky – (Detalhe)
Mapa da coleção Bodel Nijenhuis da Biblioteca Universitária, Leiden (UBLCKA_COUBN 002-12-076

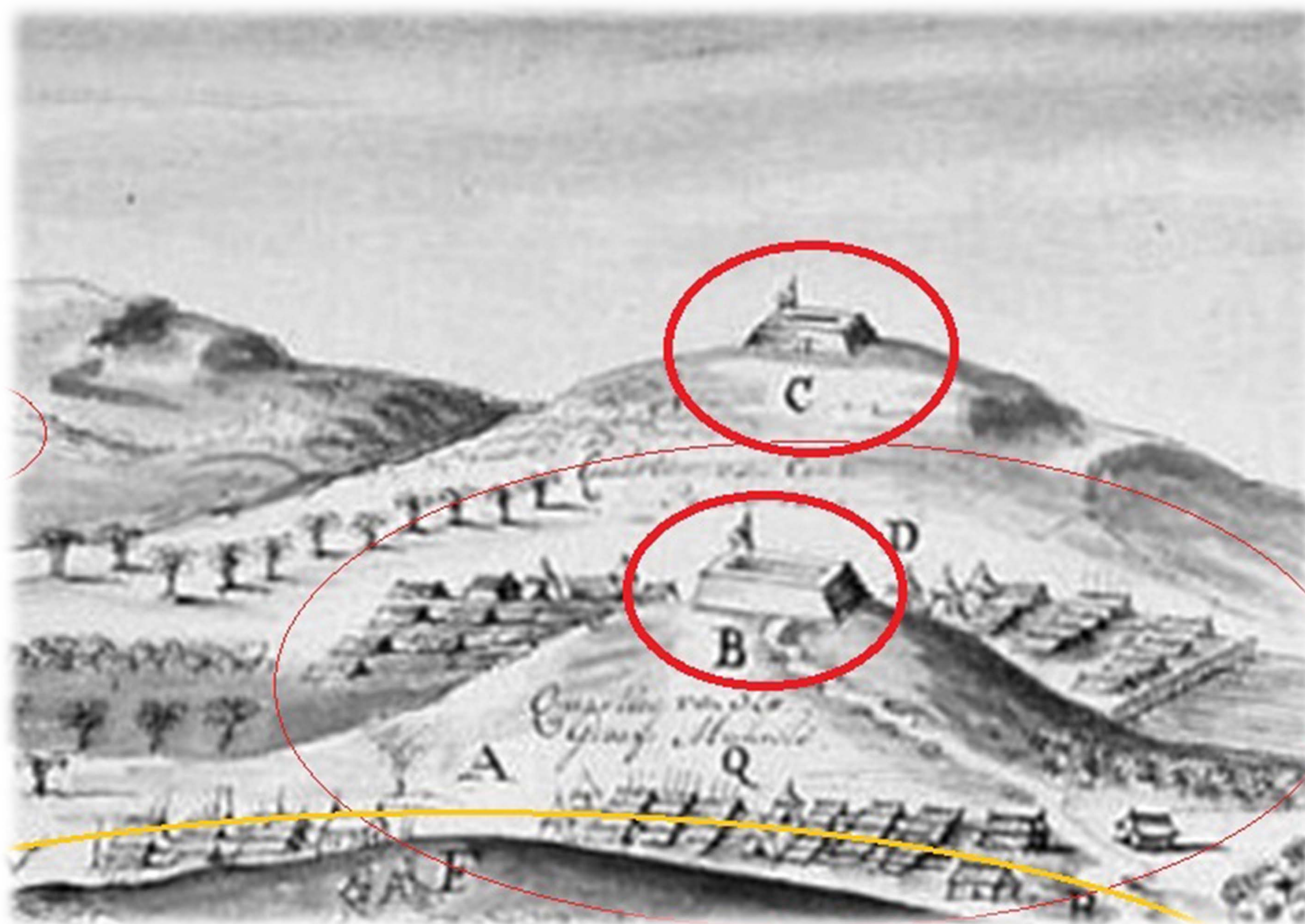


Acampamento de Nassau do outro lado do Comandatuba (hipótese)

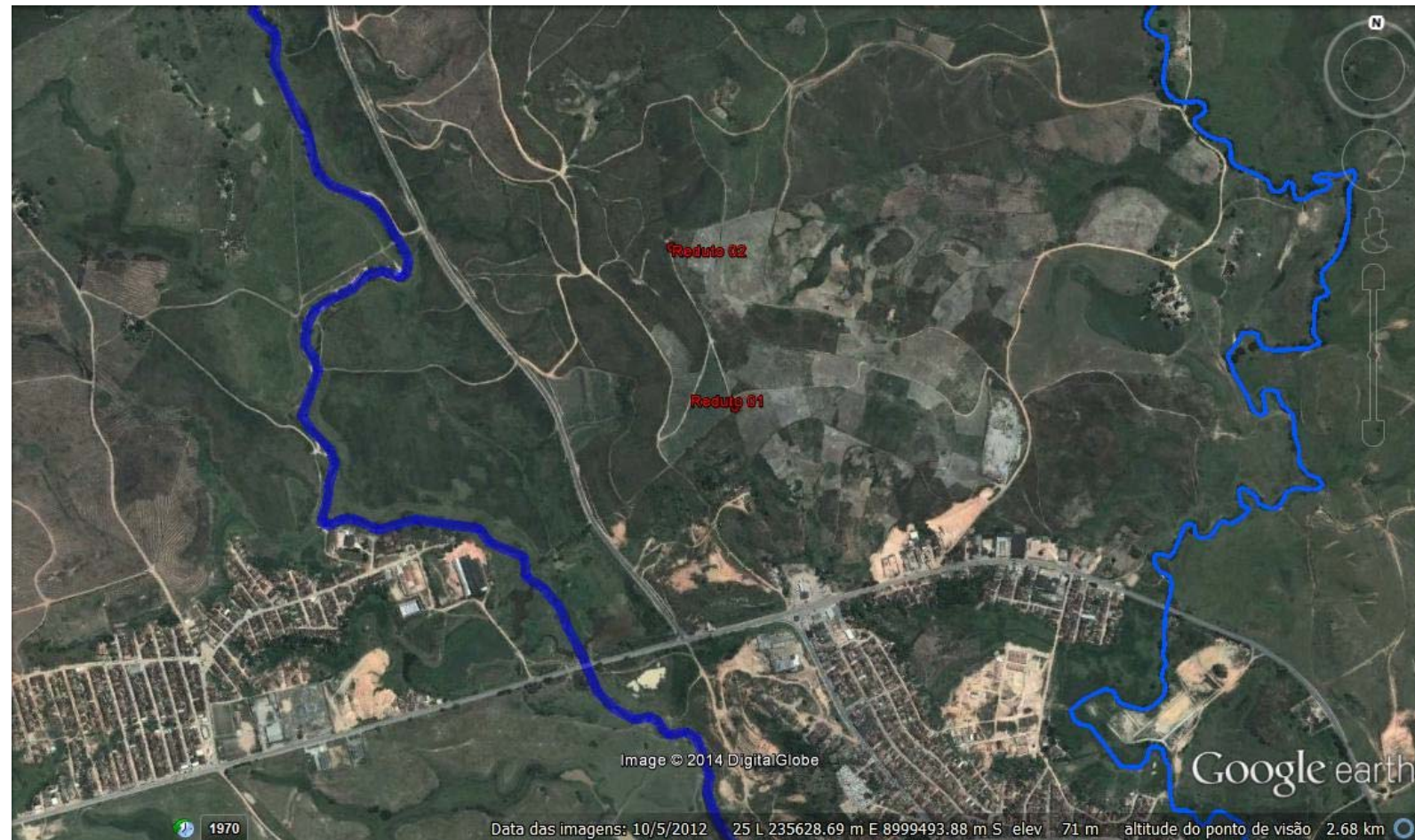
Localização prevista



Redutos Luso-Brasileiros

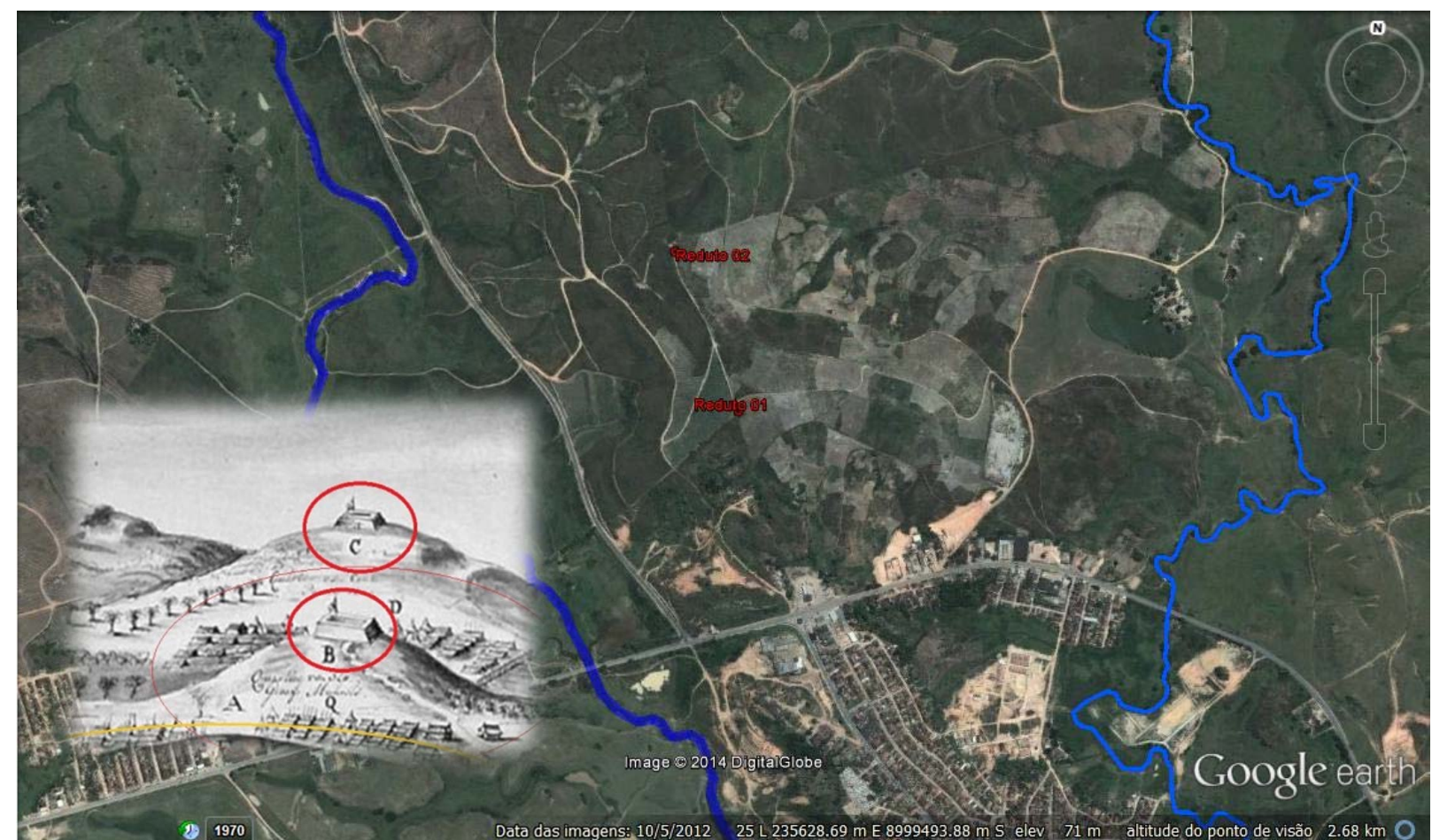


Originalmente foi feito pelo coronel Crestofle d'Artischau Arciszewsky
Mapa da coleção Bodel Nijenhuis da Biblioteca Universitária, Leiden (UBLCKA_COUBN 002-12-076)



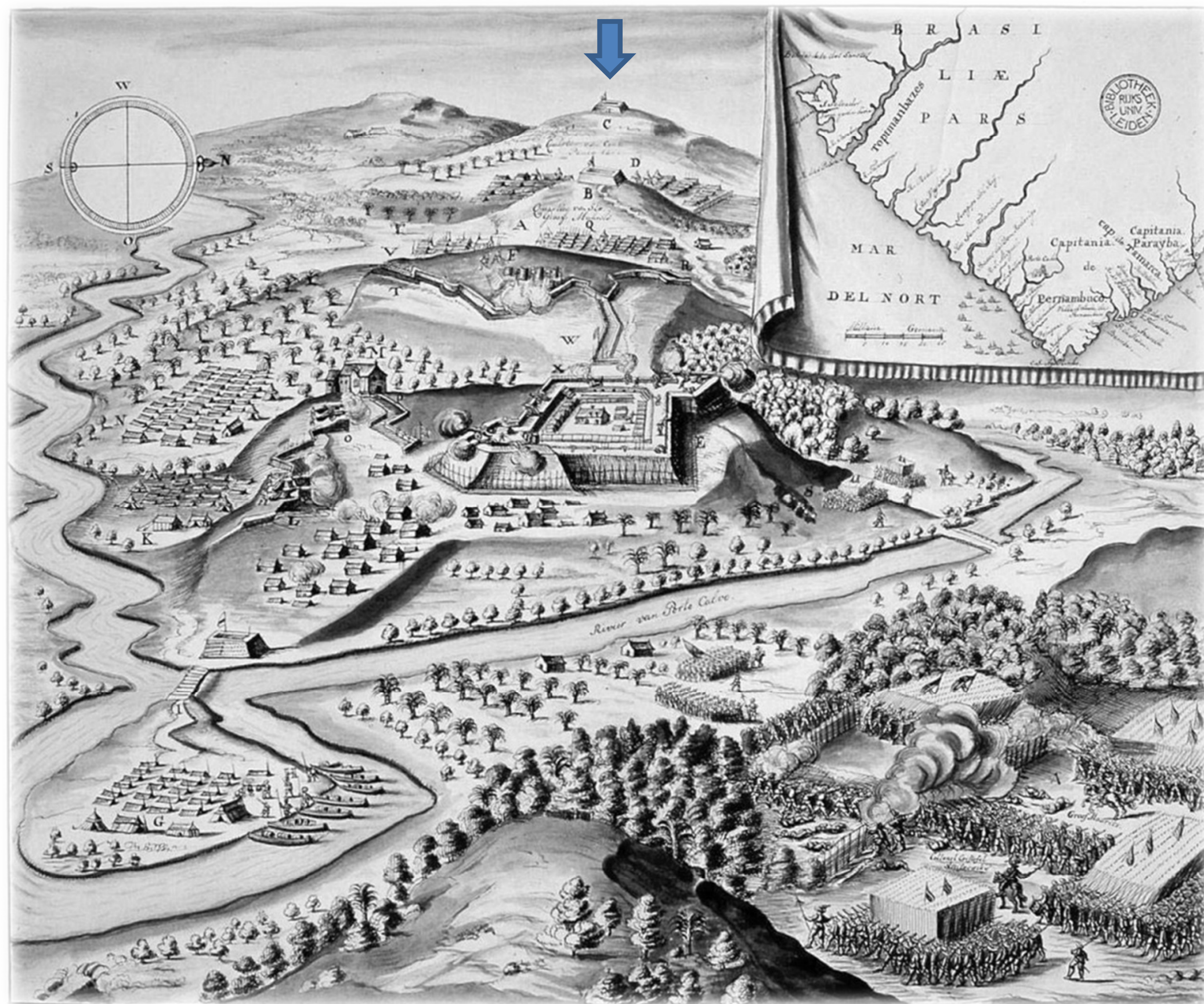
Redutos dos outeiros, abandonados por Bagnuolo e ocupados por Nassau

Localização prevista



Localização de Redutos

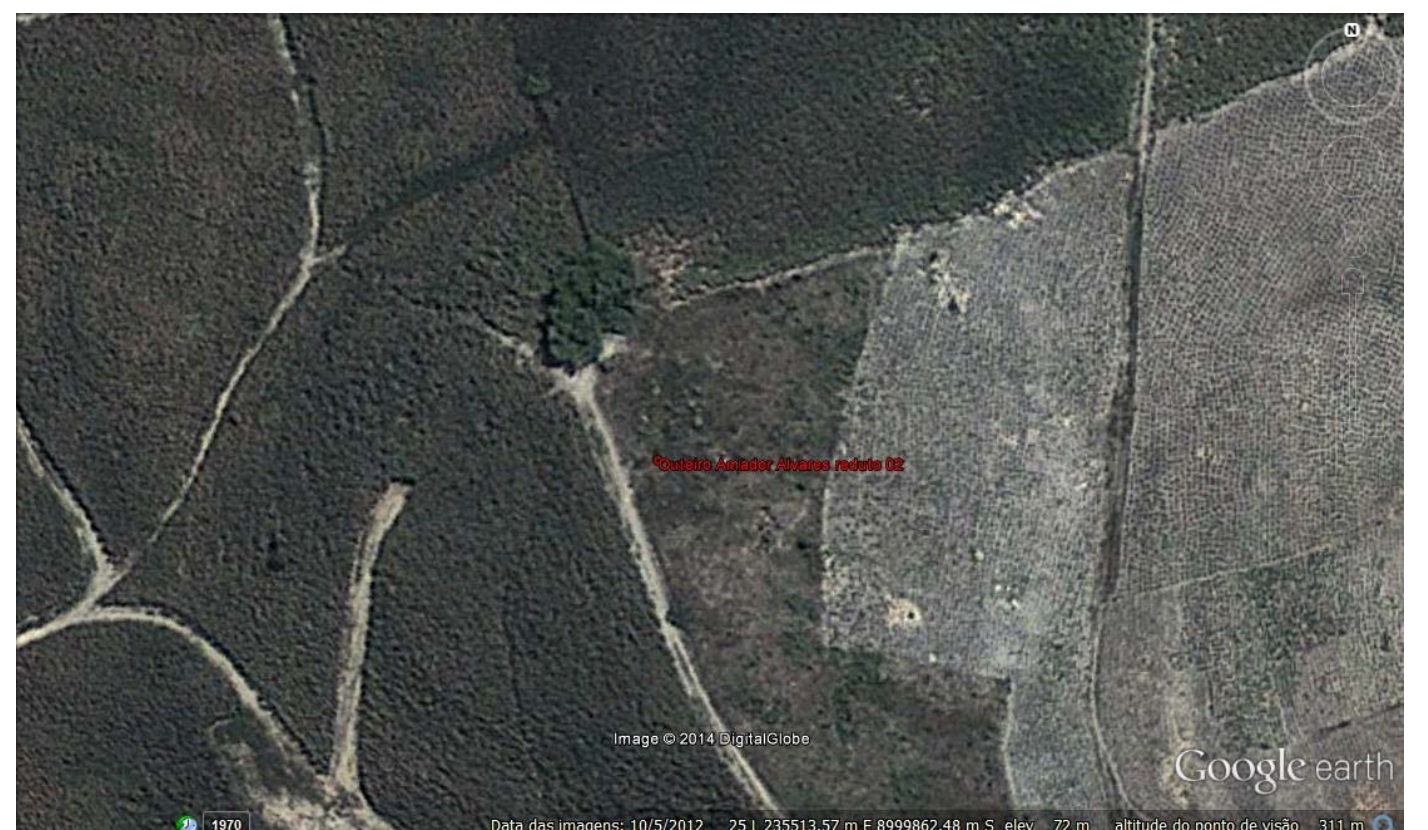
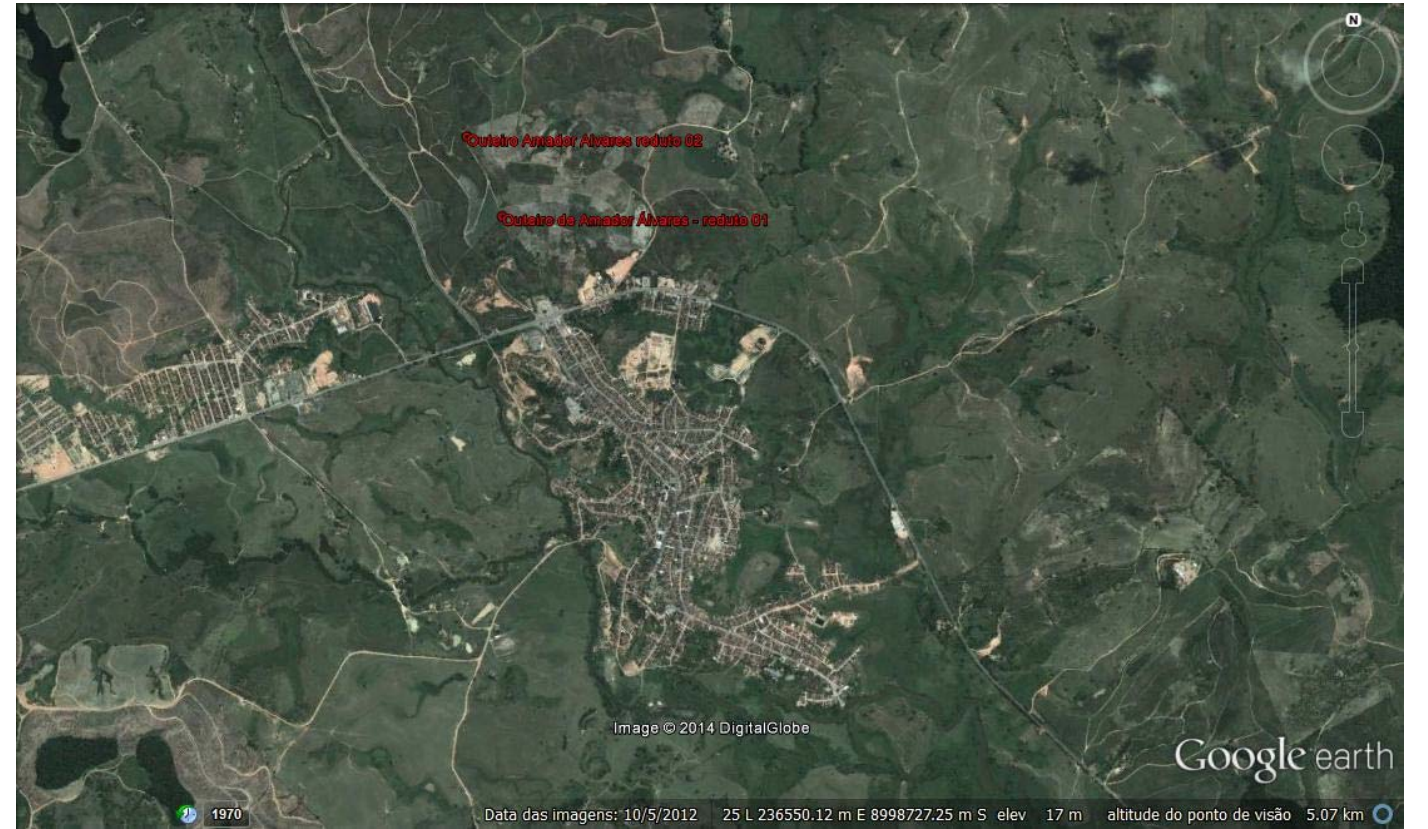
Outeiro de Amador Alvares



Originalmente foi feito pelo coronel Crestofle d'Artischau Arciszewsky
Mapa da coleção Bodel Nijenhuis da Biblioteca Universitária, Leiden (UBLCKA_COUBN 002-12-076



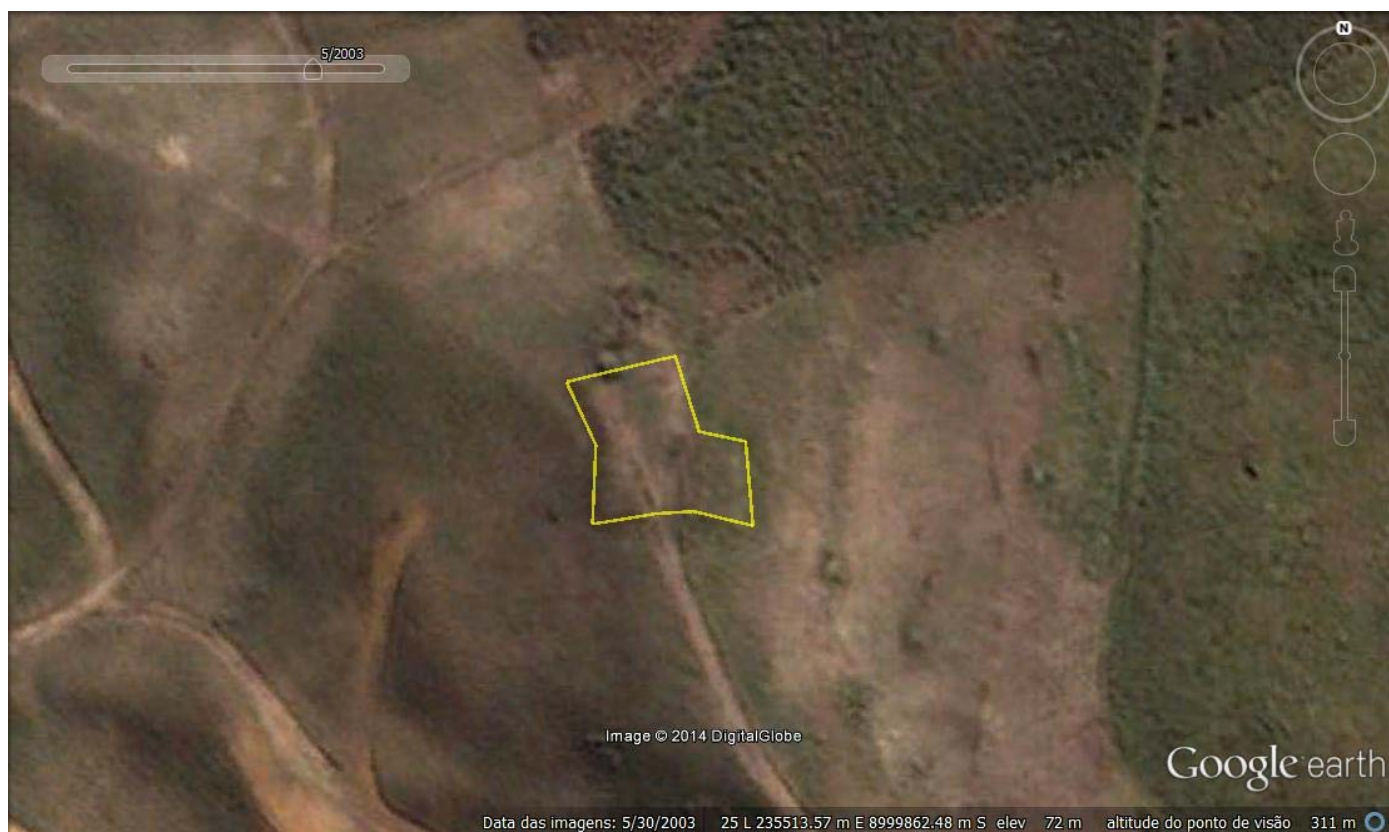
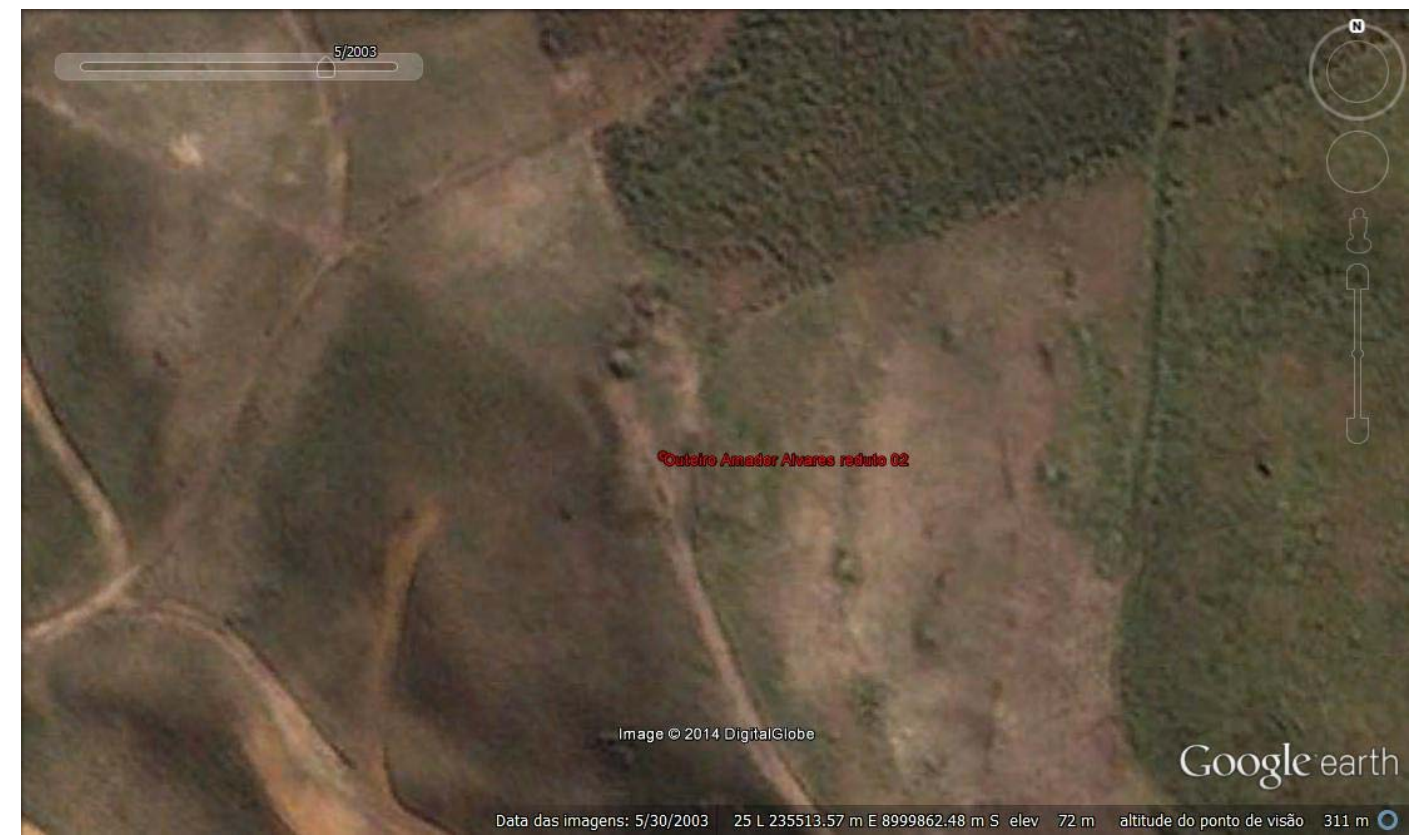
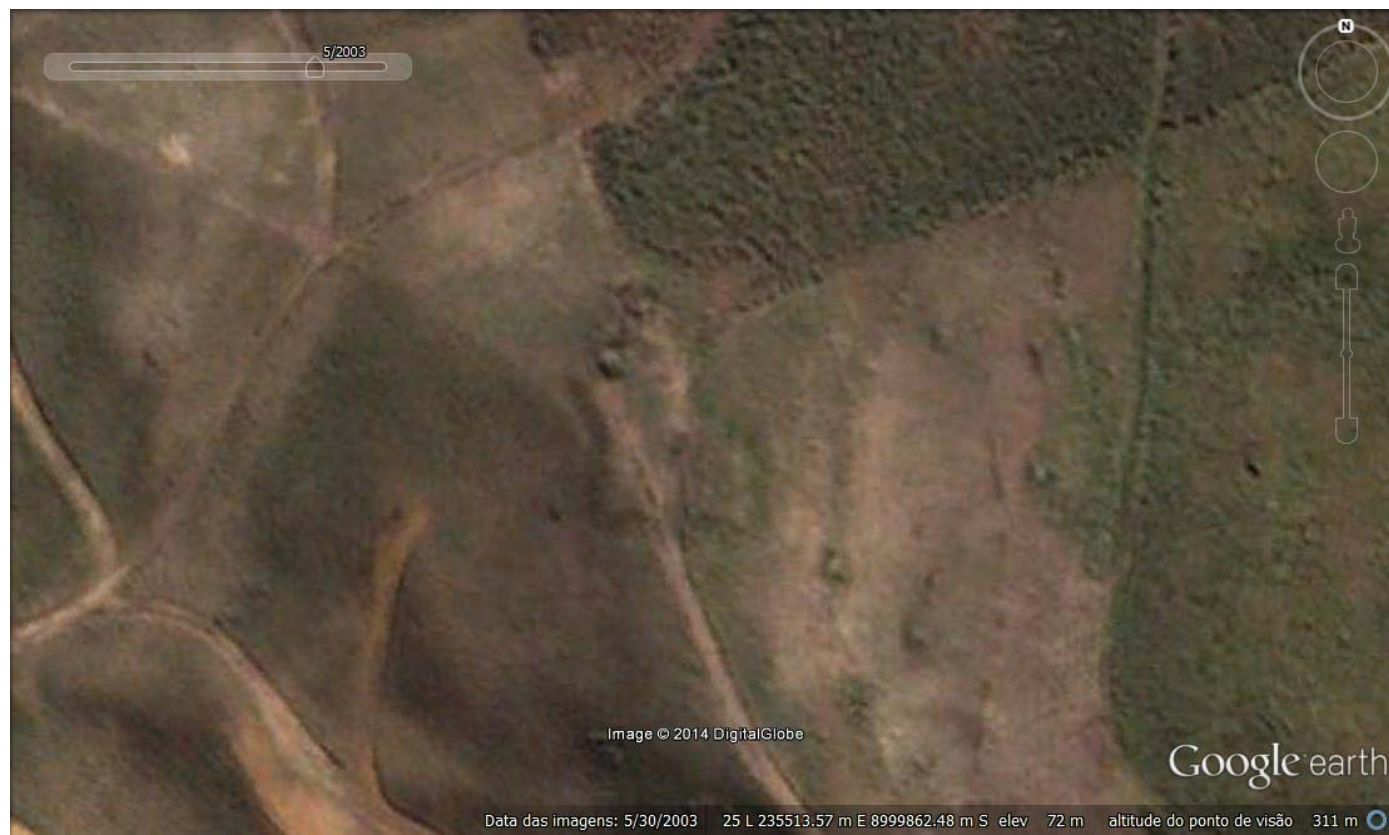
Obsidio et Expurgatio Portus Calvi Post, Frans Jansz, 1612-1680 (il.)





Christina Atlas/Vatican Atlas - BAV
Reg.Lat. 2106-54 (sign. 65) – (detalhe)
Detalhe do mapa orientado para o Norte

Reduto do Outeiro de Amador Alvares (02)



Reduto do Outeiro de Amador Alvares (02)



Local do Reduto – Outeiro atrás do Outeiro de Amador Alvares



Topo do Outeiro – local do Reduto



Vista de Porto Calvo com a Igreja ao fundo e o local do outro Reduto próximo ao bambu



Vista da estrada que ligava Pernambuco a Bahia

Ilha na confluência dos Rios Manguaba e Comandatuba

Ilha do Guedes

Reduto na Ilha do Guedes



Travessia para a Ilha do Guedes



Reduto na Ilha do
Guedes



Fosso do Reduto

Reduto da Ilha do Guedes



Setas indicando os quatro cantos do reduto

Redutos de Terra

Comparativo

Os fortes e redutos construídos em terra foram comuns ao longo dos séculos iniciais da colonização. Todavia praticamente desapareceram ao longo do tempo. Pesquisas históricas e arqueológicas tem resgatado alguns destes fortes e redutos em terra, como é o caso do Forte Orange (holandês) em Itamaracá, o Arraial (velho) do Bom Jesus, O Reduto de Tejucupapo e o Arraial Novo do Bom Jesus. Com esta pesquisa, pelo menos dois antigos redutos de terra foram identificados, os primeiros em Alagoas.

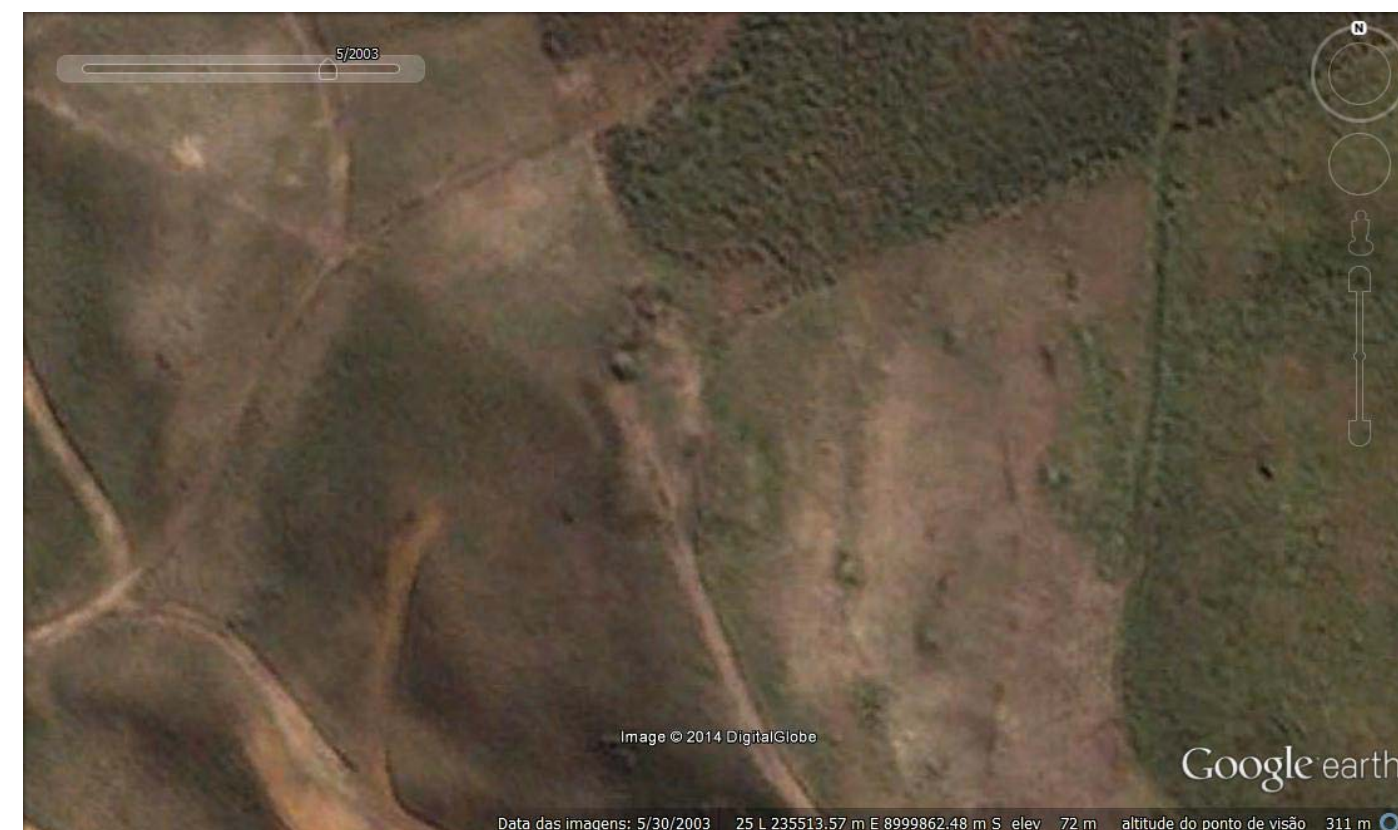
Alguns dos Redutos em terra resgatados



Arraial Novo do Bom Jesus



Reduto de Tejucupapo



Reduto do Outeiro de Amador Alvares



Reduto da Ilha do Guedes



Arraial Novo do Bom Jesus – (Recife - PE)



Reduto de Tejucupapo – (Goiana - PE)

Considerações Finais

O PROJETO DE PESQUISA ARQUEOLÓGICA SOBRE A OCUPAÇÃO HOLANDESA NA BACIA DO RIO MANGUABA, MUNICÍPIOS DE PORTO DE PEDRAS E PORTO CALVO, ESTADO DE ALAGOAS, foi realizado em decorrência de um Termo de Ajuste de Conduta, (TAC), estabelecido entre a Superintendência do IPHAN/AL e o Consorcio CBM-FIDENS-HAP-CONVAP. Coube a execução do referido projeto à ARQUEOLOG Pesquisas, tendo como depositário legal do material arqueológico porventura resgatado ao Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco.

Este talvez tenha sido um dos primeiros estudos, senão o primeiro, realizado no Brasil, com a adoção da metodologia utilizada. Não apenas com a metodologia, mas sobretudo com os resultados obtidos. Algo semelhante, mas com uma dimensão mas reduzida já tinha sido utilizado por nossa equipe na localização do Forte Mauricio, em Penedo, no estado de Alagoas, como também na localização do reduto da Restinga, no estado da Paraíba. Neste projeto o trabalho de campo, desenvolvido com uma grande retaguarda de gabinete, apresentou resultados que devem ser replicados em outras áreas antes que o avanço imobiliário destrua definitivamente páginas importantes da História brasileira.

Ao se elaborar o projeto, como ainda durante toda a sua execução, houve um exaustivo levantamento dos dados históricos, tanto textuais como iconográficos, primários e secundários que permitiu uma sincronia com os trabalhos que foram executados em campo. Constatou-se a existência de uma grande complexidade relacionada com a ocupação holandesa no Estado de Alagoas, notadamente na documentação trabalhada, ao mesmo tempo em que também foi constatada a quase inexistência da materialidade desta ocupação. Esta constatação estimulou a nossa equipe, a cada dia da execução do projeto, a ir mais longe, a procurar vestígios desta ocupação, a pisar nos caminhos outrora utilizados pelas tropas, tanto holandesas como luso-brasileiras, a entender todos estes espaços que tendem a desaparecer fisicamente, como já desapareceram de boa parte da memória alagoana e brasileira.

Antes do início da execução do trabalho de campo propriamente dito, houve uma etapa mista entre gabinete e campo, sempre norteada por um processo de retroalimentação, no qual foi verificada e testada a exequibilidade de algumas hipóteses de trabalho. Nesta etapa avaliou-se acessos, equipamentos, tanto de deslocamento como de medição, informações históricas e dados cartográficos, de modo a permitir resultados confiáveis e seguros, tanto para a equipe de campo como para as conclusões científicas do projeto. Superada esta etapa da pesquisa teve início os trabalhos de campo. Um amplo reconhecimento da área a ser pesquisada foi executado de modo a permitir a equipe de campo uma familiaridade com o terreno e suas relações espaciais. A procura e localização de pontos notáveis, citados na cartografia coeva, possibilitou uma ancoragem espacial para a continuidade dos trabalhos de campo. O passo seguinte consistiu na localização espacial georeferenciada de unidades funcionais citadas na cartografia, e em seguida dos caminhos que as interligavam.

Os lamaçais vencidos com veículos 4X4, a transposição de áreas encharcadas, a navegação no Manguaba e seus afluentes, não foram encarados como obstáculos por nossa equipe de campo, muito pelo contrário, permitiu um melhor entendimento dos ocupantes desta área no século XVII.

A busca por pontos notáveis destacados na cartografia holandesa, nem sempre coincidiam com a realidade encontrada. Questões de escala, e de recursos cartográficos utilizados na época, foram os principais responsáveis por algumas distorções encontradas entre a cartografia holandesa e a realidade geográfica. Estas

distorções, que não foram muitas, ao serem detectadas por nossa equipe de campo, não apenas foram repensadas como contou com uma grande contribuição do pesquisador Levi Pereira que vem se dedicando ao estudo da cartografia holandesa em particular a elaborada por Marcgraf.

Como resultado pragmático deste trabalho temos hoje, não apenas um traçado de um caminho desenhado por um holandês no século XVII, mas a sua materialidade. Pode ser percorrido. O mesmo ocorrendo com a localização de engenhos, igrejas, habitações, portos, locais de batalha e fortificações.

O aproveitamento dos resultados desta pesquisa não apenas constitui-se em obrigação constitucional do Estado, no tocante a sua preservação, como pode ser utilizado por outros segmentos da sociedade como o turismo cultural.

Os caminhos identificados podem ter balizas indicadoras. Residências, locais de igrejas, de engenhos, de portos, de fortificações e campos de batalha podem ter totens descritivos. O reduto da Ilha do Guedes, única estrutura fortificada preservada morfológicamente no Estado de Alagoas, identificada por nossa equipe, necessita de uma ação imediata por parte do IPHAN/AL para garantir a sua sobrevivência. Enfim, este projeto de pesquisa materializou parte de um grande potencial do Estado de Alagoas no tocante a ocupação holandesa do nordeste do Brasil. A preservação deste potencial de informações não cabe apenas ao IPHAN, mas a toda a sociedade alagoana e brasileira. A nossa equipe sente-se particularmente honrada em ter contribuído para um melhor conhecimento desta região e deste período, pois acreditamos que **uma sociedade que não conhece seu passado, não tem perspectiva de futuro.**

REFERÊNCIAS

Abreu Capistrano de, Caminhos antigos e povoamento do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. P. 40

Albuquerque, Marcos et All, 2012 Relatório de Serro Azul Recife 2014

ALTAVILA, Jayme de, *História da civilização das Alagoas*, Maceió: Departamento Estadual de Cultura, 1962.

An. Bibl. Nac., Rio de Janeiro : 111:133-273,1991. Memoria descriptiva do Municipio de Porto Calvo segtmdo o questionario do Exm" Bibliothecario da Bibliotheca Nacional da Côrte. Organizada pelo Bel. Olympio Eusebio de Arroxias Galvão, por incumbencia da Camara Municipal da referida Villa.. Abril de 1881.

Anais da Biblioteca Nacional vol 41-42 1919-1920 Afbeeldinghe van de Slagh · van onse Troupen under het beleijdt ... p.147

BARLÉU, G.: História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil ... ,tradução e anotações de Cláudio Brandão, Ministério da Educação, Rio de Janeiro, Brasil, MCMXL. - versão em português, edição brasileira de 1940 acima referenciada, disponível em http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/1918/03973800/039738_COMPLETO.pdf acesso em 10/9/2013.

BARLÉU, Gaspar. História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974. 418 p. il.

BARRETO, Aníbal (Cel.). Fortificações no Brasil (Resumo Histórico). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1958. 368 p.

BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de, ABC das Alagoas, Brasília: Senado Federal, 2004, v. II, pp. 425 e ss.

BARROS, op. cit. SANTIAGO, D. L., História da Guerra de Pernambuco,.

Blaeu, Joan: ATLAS MAIOR OF 1665. [introduction and texts by Peter Van Der Krogt, based in the copy of Österreichische Nationalbibliothek, Vienna, with a selection of original texts by Joan Blaeu, directed and produced by Benedikt Taschen]. Taschen GmbH, Köln, Deutschland, 2010. ISBN 978-3-8365-2412-4.

BRANDÃO, Moreno, História de Alagoas, Maceió: SERGASA, 1981.

Brazilliëin de Nederlandse Archieven (1624 – 1654) Vol 3,

CASCUDO, Câmara, “Geografia Alagoana no domínio holandês”, in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, v. XXI, 1940-1941, pp. 18 e ss.

CASCUDO, Câmara, “Geografia Alagoana no domínio holandês”, in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, v. XXI, pp. 21-22.

COELHO, Duarte de Albuquerque, Memórias Diárias da Guerra do Brasil, Recife: FCCR, 1981.

COSTA, Craveiro, História das Alagoas, São Paulo: Melhoramentos, s/d.

Diégues Junior, Manual. O Banguê nas Alagoas – traços da influência dos sistema econômico do engenho de cana de açúcar na vida e cultura regional. UFAL 2006 339 p.

DUARTE, Abelardo, “Notas sobre as fortificações holandesas em Alagoas”, in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, v. XXIV, p. 76. Entretanto, Barleus informa que Karel von Nassau morreu em combate na expugnação da fortaleza de Porto Calvo. BARLEUS, op. cit.,

DUARTE, Aberlado, “Os primórdios do povoamento das Alagoas”, in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, v. XXV, p. 24.

DUARTE, Aberlado, “Tribos, Aldeias e Missões de Índios nas Alagoas”, in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, v. 28, p. 124; WILLEKE, Venâncio, Frei OFM, “As missões da Custódia de Santo Antônio do Brasil – 1585-1619”, in: Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil, v. I, pp. 267-268.

DUARTE, Paulo Araújo. Fundamentos de cartografia. 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

Garcia, Rodolfo. Org. Obras do Barão do Rio Branco VI: Efeméridos Brasileiras. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012 968p

GARRIDO, Carlos Miguez. Fortificações do Brasil. Separata do Vol. III dos Subsídios para a História Marítima do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1940

Giovanni Vincenzo de San Felice, Conde de Bagnuolo, mestre de campo no Brasil, a frente de regimento de soldados napolitanos, a serviço da Croa Espanhola.

GUEDES, Max Justo. A Cartografia Holandesa do Brasil. In.: HERKENHOFF, Paulo (Org.) O Brasil e os Holandeses: 1630-1645. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999 (p. 64-85).

Lima, Fernandes. Efemérides do município de Camaragibe, i, Revista do Instituto Histórico de Alagoas, vo. XVII. Ano 60, 1933.

MARGGRAPHIUS, Georgius: Brasilia qua parte paret Belgis. In: Klencke Atlas, mapa nº 38. Kees Dierkz et filius D. K. compegerunt anno 1660. British Library, Londres, Inglaterra.

MELLO, José Antônio Gonsalves de (Org.), Fontes para História do Brasil Holandês: economia açucareira, Recife: Cia. Editora de Pernambuco MEC/SPHAN/Fundação Pró-Memória, 1981.

Menezes, Catarina Agudo. Alagoas de Marcgraf. 1º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica, Paraty, maio de 2011.

MINISTÉRIO DAS MINAS E ENERGIA, Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por águas subterrâneas: Alagoas, Brasília: Ministério das Minas e Energia, 2005.

NIEUHOF, Joan. Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil. Tradução Moacir N. Vasconcelos. Confronto com a edição holandesa de 1682, introdução, notas, crítica bibliográfica e bibliografia por José Honório Rodrigues. São Paulo, Livraria Martins, 1682

PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto, Anais Pernambucanos, Recife: Fundarpe, 1983, vv. VII e IX.

PEREIRA DA COSTA, Francisco Augusto, Anais Pernambucanos, v. VII, pp. 402, 544,

PEREIRA, L. Georreferenciamento do mapa do Brasil Holandês de George Marcgrave, o BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS. [Arquivos para instalação no Google Earth, versão 1.0, de 4/7/2010]. In: BiblioAtlas - Biblioteca de Referências do Atlas Digital da América Lusa. Laboratório de História Social (LHS), Universidade de Brasília. Disponível em: http://lhs.unb.br/wiki_files/HISTORIA.exe. Acesso em: 22 de junho de 2014.

PEREIRA, Levy. Georreferenciamento do mapa do Brasil Holandês de George Marcgrave, o BRASILIA QUA PARTE PARET BELGIS. [Arquivos para instalação no Google Earth, versão 1.0, de 4/7/2010]. In: BiblioAtlas - Biblioteca de Referências do Atlas Digital da América Lusa. Laboratório de História Social (LHS), Universidade de Brasília. (BQPPB)Disponível em: http://lhs.unb.br/wiki_files/HISTORIA.exe. Acesso em: 22 de junho de 2014.

Pereira, Levy et Cintra, Jorge Pimentel. Eratossthenes Pernambucensis: A estimativa geodésica de Marcgrave para a extensão do Brasil. 2º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. Tiradentes, MG. Maio de 2014.

PEREIRA, Levy. "O CAMINHO DE CAMARAO (caminho)". In: BiblioAtlas - Biblioteca de Referências do Atlas Digital da América Lusa. Disponível em: [http://lhs.unb.br/biblioatlas/O_CAMINHO_DE_CAMARAO_\(caminho\)](http://lhs.unb.br/biblioatlas/O_CAMINHO_DE_CAMARAO_(caminho)). Data de acesso: 3 de setembro de 2014.

Projeto de um Dicionário Geográfico do Brasil. II Parte: Alagoas, Amazonas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe. Anais da Biblioteca Nacional. Vol 111 Ano 1991. p. 160.

QUEIROZ, Álvaro, "A missão do Porto de Pedras (1596-1619)", in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, v. 46.

Regimento de Gaspar de Sousa de 6.10.1612 (atribuição 35a), em R.F.A., vol. 1, p. 436. Apud SALGADO, Graça. [Org.] op.cit. p.172

Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano Quarto Anno Tomo Segundo Outubro de 1866, N. 13. Recife Typographia do Jornal do Recife Rua do Imperador N. 77 MDCCCLXIX p. 118

Santiago, Diogo Lopes de. História da Guerra de Pernambuco, 1ª edição integral segundo apógrafo da Biblioteca Municipal do Porto.

VALENTE, Aminadab, "Porto Calvo histórico", in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, v. XIX, ano 62, 1936-1937,

VARNHAGEN, F. Adolfo de, História das lutas com os holandeses no Brasil (1624-1654), Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2002.

Vilela de Vasconcelos, Aloisio Subsídios para arqueologia subaquática alagoana I – Maceió 2008

WÄTJEM, Hermann. O Domínio Colonial Holandês no Brasil. Recife: CEPE, 2004.

WIEDER, F. C.: Monumenta Cartographica 5 vls. (Haia. 1925-33).

WILLEKE, Venâncio, Frei OFM, “As missões da Custódia de Santo Antônio do Brasil – 1585-1619”, in: Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil, v. I, pp. 267 e ss.

Equipe

Marcos Albuquerque

Veleda Lucena

Doris Walmsley

Marcelo Milanez

Alberes Pessoa

Consultores

George Cabral – historiador

Levy Pereira – cartógrafo

Consultores locais

Adelmo Nascimento Monteiro - Diretor de Cultura , Porto Calvo

Francisco José - Chico barbeiro, Porto Calvo

UMA SOCIEDADE QUE NÃO
CONHECE SEU PASSADO
NÃO TEM PERSPECTIVA
DE FUTURO.

Visite nossa página:

www.brasilarqueologico.com.br